

Menina raptada volta 2 anos depois

"A CRIANÇA ESTÁ BEM TRATADA"

A criança raptada há cerca de dois anos e meio na maternidade do Hospital Particular de Lisboa por uma mulher de cerca de 30 anos, da área de Odivelas, foi ontem recuperada pela Polícia Judiciária e entregue aos seus verdadeiros pais. A raptora é esta tarde apresentada ao Juiz de Instrução Criminal, enquanto Ana Rita — o nome por que foi tratada e chamada durante o tempo em que viveu com os outros «pais» — retornou para junto dos seus progenitores, Amílcar Andrade Carrajola e Teresa Tainha, ambos de 29 anos. E passa a ser chamada pelo seu verdadeiro nome: Mariana. Mas é também hora de encontro com a sua irmã Matilde, de três meses, que obviamente não conhecia. «A menina está bem tratada e desenvolvida, fala muito e, sobretudo, fala bem», disse o pai, esta manhã, ao «DL».

Pág. 4 e 5



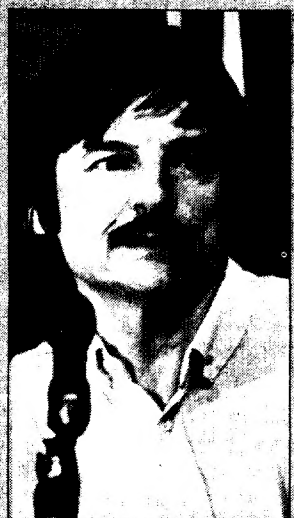
O pai, quando hoje falava ao «DL», visivelmente contente. O retrato-robot valeu o regresso da filha.



JOAQUIM NAMORADO

Realismo da morte venceu neo-realista

Pág. 12



TARKOVSKY

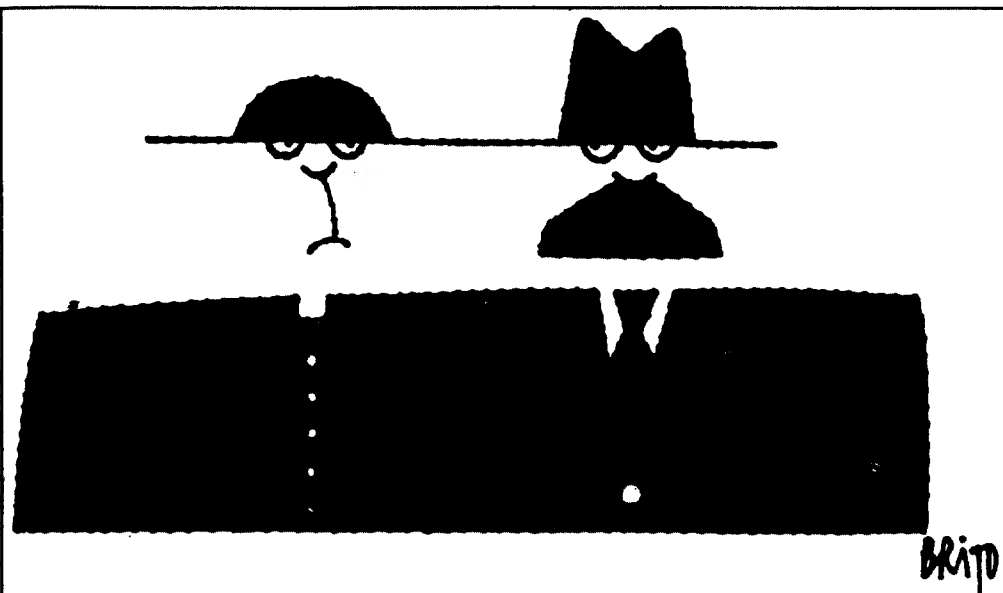
Fim da vida 'legendado' em francês

Pág. 13



Morreu Harold MacMillan

Pág. 11



"ELEITOS" DA IGREJA CONTRA OS DO POVO

Parlamento "vade retro"

O Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa condenou ontem a posição dos partidos, democraticamente eleitos, que na Assembleia da República aprovaram a nova Lei da Rádio.

Pág. 3

Inteligência IV

Ter ou não ter é questão

Carlo Vaz

Uma operação complexa e longa para o homem que busca uma resposta racionalmente correcta, pode ser rapidamente dada pelo computador, se ele tiver armazenados todos os conhecimentos necessários para o efeito e o modo mais correcto de raciocinar. A inteligência do homem, seja ela o que for, é muito mais rica e complexa, porque nela intervêm, além dos conhecimentos armazenados no seu cérebro (no computador são «bits» de informação) e da sua capacidade de raciocinar, um sem-número de factores alheios ao computador, como o sentimento, a paixão, a criatividade, a poesia, os princípios de ética, a responsabilidade pessoal, a consciência, o conhecimento súbito da última hora, etc. O robô i.e., a máquina automática que faz uma grande variedade de trabalho humano com exactidão e eficácia, o maior e cada vez mais, difundido êxito tecnológico da IA, não é inteligente como a pessoa humana, porque não tem vontade própria, não reflete, nem faz greve. É um escravo, não direi cego, surdo e mudo, porque os seus programadores e construtores já inventaram processos tecnológicos que os fazem ver (não como uma pessoa humana), ouvir (idem) e até falar. O que o robô faz, à grande e à francesa, é o desemprego. A sociologia e a política debatem febrilmente este assunto, muito grave, para o futuro do homem. (12)

Este «conhecimento súbito da última hora» é o que mais atrapalha os grandes computadores que comandam mísseis e antimísseis, que corrigem rotas, afastam ou ladeiam obstáculos e «fontes» (as suas cargas atómicas que os mísseis despregam, para confundir os anti-mísseis). Por isso, na chamada guerra das estrelas (a SDI ou IDE — Iniciativa de Defesa Estratégica do sr. Reagan), mais do que os raios «laser», ou outros prodígios tecnológicos para destruir mísseis na estratosfera, são necessários computadores tão capazes de recolher e «trabalhar» a súbita informação do último centésimo de segundo, que a sua construção, possível em teoria, exige biliões e biliões de dólares, não se sabendo para o que servirá depois, se nunca chegar a ser utilizado. Esta e muitas mais as razões por que os cientistas de todo o mundo, dignos desse nome, têm rejeitado liminarmente a guerra das estrelas e

vêm surpresos e apavorados como essa temosa do sr. Reagan impede a primeira grande hipótese de desarmamento nuclear, que o bom senso e o empenhamento na paz, um todo nada ambíguo, dos soviets fez nascer em Reiquejavique.

Digamos que a IA permite a estes computadores da 5.ª geração tomar decisões, naturalmente a partir de axiomas e suas inferências, com o que previamente foram alimentados, o que será pensar inteligentemente sobre um assunto concreto com o coração frio.

Se as linguagens dos primeiros computadores (BASIC, COBOL, FORTRAN, PASCAL) eram suficientes para o que se lhes pedia, já foi preciso inventar novas linguagens para estes novos fabulosos computadores como a LISP e PROLOG inventada pelo prof. Russel da Universidade de Marselha e já conhecida e creio que usada em Portugal no poderoso computador do Instituto Superior Técnico, oferta da Fundação Gulbenkian. O dr. Hélder Coelho, um dos nossos, grandes mestres em inteligência artificial, elaborou já um programa de «interrogação em Linguística» em PROLOG, que infelizmente não conheço. E já agora devo acrescentar os nomes dos drs. Moniz Pereira, Steiger Garção e Fernando Pereira, como técnicos investigadores das aplicações da IA nos computadores (13).

Posso dar um ex. de como funcionam estes novos computadores que se gabam de possuir inteligência artificial: Um computador que joga o xadrez era até aqui programado com o número maior ou menor de variantes hipotéticas do jogo, indicando à máquina o lance mais forte para as circunstâncias emergentes no decurso do jogo. Mas o pobre diabo perdia muito, principalmente contra quem jogava mais. Embora o nosso Elo (ranking em xadrez) não atinja 2 000, derrotei o Challenger, ao seu mais alto nível e a verdade é que nunca perdi com um computador. Claro que para os Kasparovs e Karpovs, computadores de xadrez são canja. Nos da última geração, porém, o computador quando perde, por si mesmo incorpora o seu lance errado e numa situação idêntica não repete o erro. Resultado: se pudesse jogar cem partidas com um grande mestre, iria progressivamente ganhando mais e perdendo menos, até o pon-

to em que nenhum humano seria mais capaz de derrotá-lo. Utopia.

Falta o ensino programado, talvez o que mais interesse aos professores apurar acerca da IA. Como se fala muito no computador nas escolas, era bom saber se vai lançar os professores no desemprego, se vai revolucionar o ensino e a educação, se é mais, menos, nada útil aos discentes. Quando na década de 60, o ensino programado era no mundo culto e evoluído a última palavra da moda, veio a Lisboa um grande mestre, o Prof. Barrillon, conduzir um seminário de três dias no Hotel Flórida (inscrição: 3 000\$ e o Ministério da Deseducação desse tempo, já inscreveu os seus afilhados todos fascistas e gravemente ininteligentes, para que a organização privada sempre ganhasse algum.

Desterrado em Beja, o meu compadre Bicker da Costa, providenciou-me com uma bolsa da Associação Comercial local que ele controlava — era latifundiário, rico, e um homem inteligente e de bem, — e lá subi à cidade de mármore e granito para aprender a novidade. Barrillon no regresso a Paris morreu num desastre de automóvel, Deus quis que regressasse eu a Beja são e salvo. Dos afilhados do Estado Novo, houve por lá um não parvo de todo, o Leopoldino de Almeida, que para ganhar uns tustos por conta do Estado, até escreveu

um folheto sobre ensino programado, embora não tivesse percebido do que se tratava. E hoje passado um quarto de século, com a IA ressuscita o ensino programado em Portugal.

Muito sofre o nosso povo com este escol de Carnaval.

Ponto de situação hoje: a) o ensino programado não se provou uma panaceia universal e o mestre-escola não foi eliminado pela ciência e tecnologia; b) os programas em cassetes provam a sua utilidade, em assuntos concretos bem delimitados (ler contadores de luz e água, resolver sistemas de equações, controlar aviões em voo, etc. para rependiendários com a capacidade de os digerir com proveito (psicólogos e mestres terão de os seleccionar previamente); c) o controlo dos resultados é aleatório e só a prática futura do paciente-aprendiz provará se o processo resultou; d) há excelentes programas, americanos à cabeça, e programas que não servem para nada; em Portugal não há

ainda um programa para qualquer das disciplinas dos nossos currículos escolares. Conclusão: neste sector da IA, os professores não têm de afligir-se, num futuro longo ninguém vai ficar desempregado.

Dizemos nós que pôr o carro à frente dos bois não resulta. Se os fabricantes de computadores do PC (personal computer) que as pessoas de posses têm em casa para os meninos brincarem aos jogos, monstros da computorização, que fazem a contabilidade e os fatais recibos com que a EDP, por ex., nos massacra a paciência e vaza a bolsa, com os disparates e erros que a Imprensa tem denunciado, porque os seus programadores nem sequer têm tempo ou ciência para corrigir um nome errado, se a orgânica capitalista tem de vender ferozmente sem parar, urgente é ensinar os portugueses a mexer em toda esta aparelhagem, mas, antes disso, ensinar-lhes a pensar, criar-lhes o sentido crítico que tanta falta nos faz, provar-lhes que não há hoje disciplinas científicas estanques, e que a IA e a informática, com todos os seus palvres de hardware, firmware, software, bits e chips, não são nada doutro mundo, mas a magnífica criação dos homens capazes de tudo e até de mudar a sua negra sorte, como têm provado ao longo da história. Se esta contribuição jornalística tiver o condão de desmistificar o que se afigura a muita gente coisa misteriosa, lá de quem sabe e manda, bom. Se suscitar contestação, melhor.

(12) — sra. prof. doutora Margaret Bowden veio de Londres explicar aos interessados no Grémio Literário (cerca de 30) as «implicações sociais da inteligência artificial»: Não era programadora nem matemática, mas psicologista de mérito. Houve debate confuso. A Imprensa absteve-se, mas os que lá foram, não perderam o seu tempo.

A senhora falou bem, acertado, e muito, em inglês.

(13) — Alguma da informação técnica, neste relatório, jornalístico foi-nos propiciada pelo matemático técnico de informática, dr. José Armando Silva, da Digital Equipment. Obrigado.

Savimbi comenta visita de M'Binda

Portugal «tem responsabilidades históricas em relação a Angola» por ter sido um dos signatários dos acordos do Alvor. A afirmação é do líder da Unita, Jonas Savimbi, num comunicado recebido na Anop.

O documento, datado de dia 26, comenta a recente visita a Lisboa do Ministro Angolano dos Negócios Estrangeiros, Afonso Van-Dunem «M'Binda», e as suas declarações à Imprensa portuguesa.

Na opinião do presidente da UNITA, a tensão na África Austral resulta directamente da presença «do corpo expedicionário cubano de mais de 45 mil homens, milhares de conselheiros soviéticos, alemães de leste, norte-coreanos, etc.»

Assim, afirma, «a reconciliação efectiva da grande família angolana e o clima de desanuviamento na África Austral» só serão possíveis com a retirada daquelas forças.

Savimbi qualifica de

«retóricas para consumo externo» as declarações de abertura do Governo de Luanda a elementos religiosos e classificados de «sofistas» e «instrumento de propaganda» a integração de ex-militantes da FNLA.

No contexto da política angolana, «os cadáveres políticos como Daniel Chipenda não representam nenhuma corrente política de opinião», afirma o chefe da UNITA para acrescentar que a reconciliação angolana «é um imperativo que passa necessariamente pelo diálogo entre a UNITA e o MPLA».

Logo a seguir, Jonas Savimbi salienta que «Portugal tem responsabilidades históricas em relação à descolonização de Angola uma vez que foi um dos signatários dos acordos do Alvor» para concluir que «as grandes conquistas da Revolução dos Cravos como o pluripartidarismo, a democracia e a tolerância continuam sendo os ideais» pelos quais o seu movimento se bate em Angola.

Bispo dos Açores:

Crise da família prejudica a paz

D. Aurélio Granada, bispo dos Açores, classifica a crise da família como uma «ameaça contra a paz» na sua mensagem de ano novo aos açorianos.

Na opinião do prelado, as famílias não encontram no Estado a tutela de que necessitam, e as consequências vão reflectir-se no comportamento dos mais jovens, vítimas da droga, da prostituição e do alcoolismo. «Só quando a família for sã e íntegra haverá possibilidades de um desenvolvimento integral», considerou D. Aurélio Granada.

«A família se deve — disse ainda — cuidar muito particularmente da defesa da sociedade em que se vive. Urge a criação, nos Açores, de um instituto para a família, bem orientado.»

A propósito, o bispo dos Açores salientou a situação demográfica

das ilhas, que estão a sofrer acelerados processos de envelhecimento.

As taxas de natalidade são baixas, com médias familiares abaixo do normal. A crise da família é uma «crise grave, que corrói as próprias raízes da sociedade», concluiu D. Aurélio.

Rocha Vieira ausente

Entretanto, o ministro da República para os Açores, brigadeiro Rocha Vieira, esteve ausente da recepção de fim de ano dada pelo presidente do executivo açoriano, Mota Amaral.

Fontes do governo local recusaram-se a divulgar se o ministro foi ou não convidado para a recepção, na qual estiveram presentes autoridades civis e militares da região autónoma.

Realeza e candidatos na festa a favor dos timorenses

A condessa de Paris e os reis exilados da Bulgária contam-se entre as pessoas que aceitaram o convite do duque de Bragança para uma passagem de ano a favor dos refugiados timorenses que vivem na região de Lisboa.

Os duques de Calábria e a princesa Teresa de Orleães e Bragança (brasileira) também deverão estar no «reveillon» do Palácio do Correio-Mor, em Loures, a fim de contribuírem para o arranque da campanha Timor 87, recentemente anunciada por D. Duarte de Bragança e outros cidadãos portugueses.

Um jantar de gala, sentado, ao preço de 7 500\$00 escudos por pessoa, e uma ceia volante a 3 500\$00 escudos fazem parte da noite de passagem de ano no palácio de Loures, em solidariedade com quem teve de fugir de Timor-Leste, devido à invasão e ocupação do território pela Indonésia.

Para além da comida, haverá baile, que abre com fogo-de-artifício e onde actua a Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória, dirigida pelo maestro Jaime Oliveira.

'A disputa do trono'**D. Rosario nos "limites" de Lisboa**

O gabinete de «Sua Alteza Real, o Príncipe Dom Rosario Poidimani» continuou hoje a enviar niticiário para os órgãos de Comunicação Social portugueses, acerca da presença em Lisboa daquela controversa figura.

Como o «DL» já ontem noticiou, foi anunciada no sábado a sua chegada a Lisboa como a de um herdeiro do trono de Portugal, em quem D. Maria Pia teria abdicado... mas esta última (filha do Rei D. Carlos) veio a desmentir categoricamente tal abdicação.

Depois disso, Dom Rosario apresenta-se como Príncipe da «Casa Real Saxónia Coburgo-Gotha-Bragança de Portugal» e dá conta à Imprensa dos diversos passos da sua presença em Lisboa.

Assim, durante a manhã de ontem — reza um comunicado — o visitante «percorreu algumas das artérias principais da cidade, deslocando-se até aos seus limites, quer a norte quer a noroeste». «A tarde, reservou-a Sua Alteza Real para compra de algumas lembranças e à leitura dos jornais editados e recebidos na capital», acrescenta o texto assinado pelo assessor de «Sua Alteza», J. Rebelo.

A monarquia portuguesa foi derrubada em 5 de Outubro de 1910, apresentando-se hoje como Duque de Bragança e herdeiro dos reis de Portugal, D. Duarte, cujo direito ao título é no entanto contestado por D. Maria Pia, filha ilegítima do monarca.

Lei da Rádio

Episcopado ameaça com "eventuais consequências"

O Conselho Permanente do Episcopado Português, que ontem reuniu extraordinariamente para analisar a Lei da Rádio recentemente aprovada pelo Parlamento, considerou-a como «um diploma legislativo vincadamente estatizante, de cariz totalitário», e manifesta «total apoio» à Rádio Renascença. Os bispos consideram ainda que o referido diploma «não respeita a autonomia da Igreja» e insistem na tese de que a atribuição de frequências de FM à Rádio Renascença, pelo IX Governo constitucional, foi feita a «título provisório» e não a «título precário». A nota do Episcopado tenta esclarecer que a atribuição provisória visava apenas aguardar pela Lei da Rádio, altura em que seria fixado o prazo de utilização dos respectivos alvarás.

Era de prever que esta questão iria ser mais uma vez aproveitada para algumas operações de manipulação da opinião pública. O que ninguém imaginaria era ver o Conselho Permanente do Episcopado a inverter os dados de um problema, a ver numa Lei que coloca todos cidadãos e instituições — em pé de igualdade, um ataque à Igreja, a considerar «grave injustiça» uma Lei que apenas impede o monopólio das frequências, a classificar de «estatizante e totalitário» um diploma que, pelo contrário, vai dar a todos a pos-

sibilidade de concorrerem à atribuição de frequências.

A nota do Episcopado não esconde mesmo um certo tom de ameaça quando alerta os católicos para a «gravidade da questão e suas eventuais consequências».

Outra curiosidade da nota dos bispos, em absoluta contradição também com a serenidade e segurança de linguagem que a Igreja normalmente utiliza, é o argumento de que o «provisório» tem obrigatoriamente que se tornar em definitivo.

Ao equacionar a questão desta maneira, o Episcopado

apenas demonstra que a frequência atribuída à Renascença foi um privilégio que não respeitava os legítimos interesses de outros eventuais canditados, visto que, quando mais tarde fosse promulgada a legislação, de nada serviria, pois as frequências já haviam sido atribuídas, a título provisório-definitivo.

Há em tudo isto uma boa dose de «non sense». Se é reconhecida a necessidade de uma Lei para disciplinar a atribuição de frequências que legitimidade podem ter atribuições de frequências fora desse quadro legal?

Hermínio Martinho

Reprovável aos olhos da opinião pública esclarecida é a acusação feita pelos bispos de que o comportamento da maioria parlamentar é «reprovável». É negar ao Parlamento a legitimidade para legislar desde que isso não se enquadre naquilo que sejam os interesses e o pensamento da Igreja.

Qual a reacção dos partidos políticos face a esta situação? Até agora só se conhecem as afirmações de Hermínio Martinho à Rádio «O

Ribatejo».

O vice-presidente do PRD afirmou ontem que continua em pleno funcionamento a repartição de poderes a nível da Televisão e das Rádios estatais que foi levada a cabo no Governo do Bloco Central.

Segundo Hermínio Martinho, a actual lei da Rádio é «a que melhor serve o interesse nacional neste momento».

Comentando as posições assumidas pela Rádio Renascença e pela RDP, Hermínio Martinho lembrou que as frequências dessas estações emissoras foram atribuídas, a título provisório, no dia 3 de Outubro de 1985, dentro de uma prática política a que os portugueses se habituaram e que para nós nunca foi muito clara.

«Essas frequências foram atribuídas a 48 horas das eleições, sendo mais uma das muitas medidas eleitoralistas do Governo do Bloco Central».

Aquele responsável do PRD defendeu a criação de uma equipa isenta que defina as distribuições das frequências, incluindo as que estejam provisoriamente atribuídas à Rádio Renascença e à RDP.

Do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa, fazem parte o bispo de Aveiro, D. Manuel Almeida Trindade (presidente), o bispo de Coimbra, D. João Alves (vice-presidente), o bispo auxiliar de Lisboa, D. Serafim Ferreira da Silva (secretário-geral), e ainda o cardeal-patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, o bispo do Porto, D. Júlio Tavares Rebimbas, o bispo de Viseu, D. José Pedro da Silva, e o bispo do Algarve, D. Ernesto Gonçalves da Costa.

Sabe-se que o texto do diploma ainda não tinha chegado ontem à Presidência da República, para promulgação, ao mesmo tempo que são cada vez mais os rumores de que fortes pressões estarão a ser feitas sobre o Mário Soares para que não o promulgue.

De qualquer forma a Lei da Rádio está destinada a gerar polémica e a encontrar a forte oposição de sectores que há muito tempo, nos bastidores, alimentam um projecto de monopólio privado da Rádio, quer através da obtenção de novas frequências, quer utilizando, em regime de concessão, as que pertencem ao Estado.

Para tratar da questão de Macau

Presidente convocou Conselho de Estado

● Governador diz que o território pode "ter algum papel" na questão de Timor-Leste

O Presidente da República convocou o Conselho de Estado para uma reunião a realizar no dia 6 de Janeiro com o objectivo de «discutir a transferência de Macau para a China». De acordo com um assessor para a Comunicação Social da Casa Civil da Presidência a reunião «visa tratar de assuntos de Estado» e foi convocada ao abrigo da alínea f) do artigo 148 da Constituição da República.

Segundo uma nota entretanto divulgada pela Casa Civil do Presidente Mário Soares, a ordem de trabalhos da referida reunião do Conselho de Estado especifica no seu ponto dois, que o assunto principal a discutir é: «Macau — negociações entre Portugal e a República Popular da China sobre o futuro do território».

«Valor especial»

Ontem, numa entrevista concedida à Anop, o Governador daquele território, Joaquim Pinto Machado, disse que «Macau pode ter algum papel» a desempenhar na questão de Timor-Leste «se assim a República Portuguesa o entender». Aquele re-

sponsável político referiu-se ao prestígio do território no sudoeste asiático, salientando que «Macau tem um valor especial porque ainda é um território sob administração portuguesa».

«Tenho já por diversas vezes chamado a atenção, em reuniões do Conselho de Governo, em reuniões ou em audiências com agentes económicos sedeados em Portugal, ou com homens da cultura portuguesa, para a importância do território na região», disse Pinto Machado.

Depois de referir que o Presidente da República apenas lhe delegou competência para acordos internacionais de âmbito comercial, o Gover-

nador de Macau acrescentou: «Preocupa-me e diria até que me desola o estado de abandono a que chegou por parte de Portugal esse património muito valioso, que não está só nas pedras, mas na memória colectiva das pessoas».

Ao falar do futuro, do «mundo que há-de vir, do mundo do século 21», Pinto Machado fez questão de salientar que será nesta região do globo que se irá concentrar a esmagadora maioria da população mundial e em que os investidores irão exceder a sua actividade.

«É um paraíso para os investidores», comentou o Chefe do Governo de Macau referindo-se aos baixos salários da população em toda a região, pelo que «apostar nesta presença secular de Portugal, que ultrapassa largamente Macau, vai pelo Japão, por toda a costa do Pacífico e se projecta até ao continente australiano, é co-

mo que uma porta aberta de que muito poucos dispõem».

Transferência

Solicitado a comentar a posição do socialista António Barreto, que defende o ano de 2017 como data para a transferência da administração do território de Macau, Pinto Machado escusou-se, limitando-se apenas a afirmar sobre a data que Portugal nunca deverá ficar «numa posição de inferioridade em relação a Hong Kong».

«Vejo a data com um significado funcional», disse, sublinhando que, ao contrário de Hong Kong, Portugal não tem qualquer data especial, pelo que a marcação da transferência da administração deve, em seu entender, estar dependente do período de transição.

Interrogado sobre como seria possível desconhecer o acordo sobre o futuro de Macau, assinado em Fevereiro de 1979, em Paris, a que o ex-Presidente da República, Ramalho Eanes, e o embaixador Coimbra Martins

(que conduziu as negociações) fizeram referência, o Governador disse apenas: «Isso há-de ficar para a História, quando eu sair daqui».

Se lhe disser as coisas verdadeiramente incríveis que se passam ao meu lado, sem eu saber, eu digo que essa é apenas mais uma e, naturalmente, das menos importantes. Há coisas que eu tinha obrigação de saber como Governador de Macau e não sei. Essa é mais uma e não vou comentar».

Sobre a possibilidade de aproveitar a reunião do Conselho de Estado para esclarecer com Ramalho Eanes a

questão do acordo de 1979, Pinto Machado recordou que quem levantou o problema foi o líder do CDS, Adriano Moreira, quando interrogou o Governo na Assembleia da República. «Como cidadão também sinto curiosidade».

Afinal, onde está o Tratado que o Governo diz desconhecer? Eu desconheço o Trata-

do, nunca me veio parar às mãos».

«Não estou aqui a traí-los»

Quanto às suas relações com a comunidade chinesa local, cujos líderes muitas vezes veiculam a posição oficial chinesa sobre o território, o Governador acenou que a sua «primeira preocupação» é «reconhecer que 95 por cento da população de Macau é de origem chinesa» e que «na medida do possível tenho de os fazer compreender que não estou aqui a traí-los, que não estou aqui a defender quaisquer interesses escondidos de Portugal».

A finalizar a entrevista, Pinto Machado sublinhou que «Macau não é uma colónia, é um território chinês sob administração portuguesa, ao longo da História foi sempre possível um equilíbrio de poderes, com naturais acidentes de percurso, mas que nunca prejudicaram a presença, a convivência de amizade».

Menina raptada há dois anos está bem desenvolvida

Pais de Ana Rita contentes com regresso da Mariana

«A criança está bem tratada e desenvolvida», disse Amílcar Andrade Carrajola esta manhã ao «DL». Ainda mal feito do pesadelo que viveu durante cerca de dois anos e meio, o pai da menina raptada em circunstâncias rocambolescas do Hospital Particular de Lisboa, em 15 de Julho de 1984, recebeu-nos no umbral da porta do prédio em que vive a mãe. Foi lá que ficou de ontem para hoje, depois de regressar, já de madrugada, da Polícia Judiciária, onde lhe foi entregue a Mariana. Mariana que foi raptada por uma mulher de trinta anos, da área de Odivelas, à qual esta e o marido chamavam Ana Rita. E aqui começa uma longa história que esta tarde terá novo desenvolvimento com a apresentação da acusada ao 3.º Juízo de Instrução Criminal.



O pai da menina, esta manhã, prestando declarações ao nosso jornal

«Acreditámos sempre em ver de volta a minha filha, quer eu quer a minha mulher», acrescentou este homem, de 29 anos, a cumprir agora o seu serviço militar, operador de imagem para o cinema. Contente, naturalmente satisfeito, mas sem exteriorizar toda a alegria que lhe ia na alma, conversou esta manhã com o repórter à porta do rés-do-chão direito do n.º 16 da Travessa do Arco de Jesus, para os lados de S. Bento, enquanto a mulher, Teresa Tainha, da mesma idade entretinha a Mariana Tainha Andrade.

É esse o verdadeiro — e completo nome de uma criança raptada com pouco mais de meia hora de vida, em circunstâncias estranhas, do Hospital Particular de Lisboa, em 15 de Junho de 1984. Mariana, conforme consta do seu registo inicial, que veio a ser chamada pelos novos «pais» (a mulher que a raptou e o marido, desta, um jornalista da Rádio Renascença, que o «DL» não conseguiu identificar até ao fim da manhã), por Ana Rita.

A Polícia Judiciária distribuiu esta manhã um comunicado sobre a questão, mas não adiantou grandes pormenores, acerca do modo como chegou à raptora, que, entretanto, será apresentada à justiça, em princípio já esta tarde. Amílcar Carrajola, por seu turno não nos soube dizer que apelidos acompanhavam o novo «nome» da Mariana. Aliás, o nosso interlocutor não sabia esta manhã o que fazer sobre o assunto, uma vez que poder-se-á dar o caso de haver dois registos da mesma criança — com dois nomes diferentes, claro.

Encobriu o rapto ao marido

A raptora conseguiu encobrir o rapto ao marido. Este, ainda segundo a Polícia Judiciária — e também de acordo com o cauteloso testemunho que nos foi prestado pelo pai da criança — desconhecia, ao que parece, que a «filha» não era sua, que a mulher, nunca estivera grávida, e que, portanto, a Ana Rita era «produto» de um rapto que apaixonou



Uma cara-robot que teve êxito

ra o País e que ele próprio como jornalista de algum modo acompanhara.

A mulher conseguiu o «prodígio» de encobrir o rapto e, mais que isso, de simular durante meses, a gravidez. De acordo com o texto, elaborado pela Polícia Judiciária — que terá chegado até à raptora há mais de uma semana — ela terá assim enganado o próprio marido.

A sua detenção ontem terá ocorrido uns dias depois de vigilância e investigações discretas. Amílcar Andrade Carrajola não sabe quando, mas admitiu ao «DL» que isso tenha ocorrido há dias, uma vez que o crime foi entretanto confessado e está já provado. Aliás, será sobre esses elementos que o Tribunal de Investigação Criminal se irá esta tarde pronunciar e eventualmente manter a prisão da raptora.

«A menina estranhou, como é natural, o novo ambiente, a sua vinda para a sua verdadeira casa, na qual não viveu durante os seus primeiros trinta meses», afirmou o pai ao nosso jornal.

Nunca perdemos a esperança

Operador de imagem por devoção e profissão, Amílcar Carrajola está há cerca de qua-

tro meses a cumprir o serviço militar em Mafra. Entre as fitas em que trabalhou, e sem querer subestimar outras e os diversos responsáveis com quem tem funcionado, destacou-nos esta manhã «A Crónica dos Bons Malandros», obra de Mário Zambujal que Fernando Lopes levou à tela.

Aproveitou um curto período de férias militares para viajar até Espinho e mostrar à avó a sua segunda filha, Matilde Tainha Andrade de apenas três meses. «A nossa segunda filha apareceu naturalmente, nem sequer foi para substituir ou como alternativa à primeira, à Mariana. Nós, eu e a minha mulher, sempre acreditámos em reaver a nossa filha, nunca perdemos a esperança», acrescentou.

— Quer isso dizer que ao chegarem de Espinho e sabermos que havia uma chamada da Polícia Judiciária, terão admitido que finalmente a Mariana havia sido encontrada? — questionámos.

Amílcar Carrajola não respondeu logo. Vacilou alguns instantes, alinhou ideias e, por fim, esclareceu:

«Eu ia de vez em quando à Polícia Judiciária. Quer nós quer a Judiciária sempre acreditamos chegar à Mariana. A última vez que lá fui, há dois

meses, não trouxe nada de novo. Mas a esperança nem por isso morreu dentro de mim. Nem de mim nem da minha mulher.»

«Estranhou a casa e as pessoas»

A Mariana, que até ontem, ou até há poucos dias, foi (bem) tratada em Odivelas e chamada por Ana Rita, dormiu esta noite em casa da avó materna, Rosalina Tainha, com os pais. Amílcar Carrajola fica ora em casa da mãe, na Calçada da Palma de Baixo (perto do Jardim Zoológico) ora em casa da sogra, para os lados, de S. Bento (Travessa do Arco de Jesus).

«A menina, como é natural, estranhou a casa e as pessoas, e já esta manhã reagiu, como deve imaginar, quando aqui entraram outras pessoas. Mas fala muito e bem, o que significa que foi bem tratada, bem cuidada, encontrando-se bastante desenvolvida», acrescentou.

«Qual a minha sensação quando me foi dito que a minha filha havia sido encontrada e me ia ser devolvida? Bem — respondeu a uma pergunta que lhe colocámos —, como deve calcular, fiquei muito contente, nem sei como explicar. Posso, contudo, dizer que fiquei contente e também surpreendido, se bem que nunca tinha perdido a esperança».

EM) Foi, com a mulher, passar o Natal a Espinho e mostrar a Matilde irmã da Mariana — à avó, tendo regressado ontem. No entanto, na segunda-feira, havia um telefonema da PJ para comparecer na Gomes Freire. Estava, segundo nos disse, longe de prever um Ano Novo tão feliz como aquele que se lhe depara para ele, a esposa e toda a família que acompanhou, de perto, todo o drama e nunca deixou de o estimular.

— Como é que sabe que é a sua filha? — Lançámos de cho-

fre. — Ora, além da autora do rapto o ter confessado, e ele, o crime, estar provado, são visíveis na menina traços familiares semelhantes aos nossos. Disso não tenho quaisquer dúvidas!

Matilde, a segunda filha do casal, nascida há três meses, foi dada à luz na Maternidade Magalhães Coutinho.



KIDS

BOUTIQUE

PRONTO A VESTIR PARA CRIANÇA
CONFECCÃO POR MEDIDA

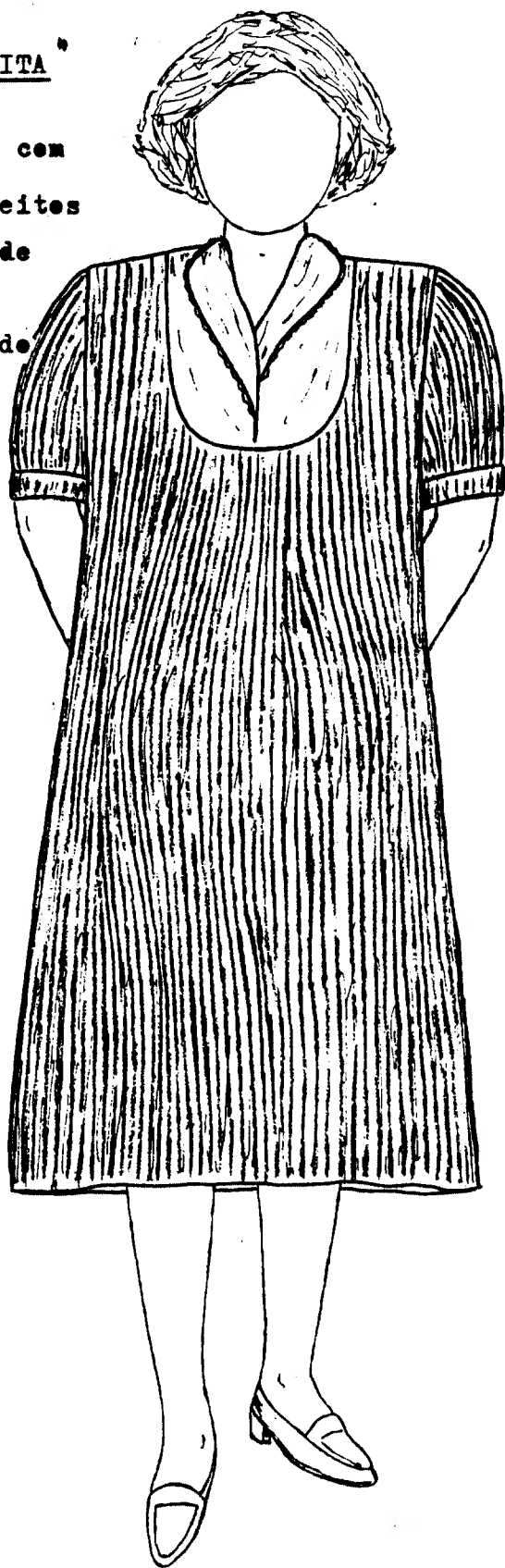
Rua Joaquim António de Aguiar, nº 67-A 1000 LISBOA Tel. 691195

RETRATO ROBOT DA SUSPEITA

1 - Vestido de grávida com fundo azul escuro e efeitos brancos dando a forma de riscas.

2 - Peitilho incorporado em piquett e manga curta de balão.

3 - Altura calculada entre 1,55 e 1,60 m.



O retrato-robot distribuído pela PJ, de corpo inteiro

"Tal e Qual" deu uma ajuda

Como é que a PJ chegou até à raptora

Em 15 de Junho de 1984 foi raptada do Hospital Particular de Lisboa uma criança, registada como Mariana Tainha Andrade. O crime ocorreu meia hora depois do parto, como então foi relatado.

A PJ chegou, há pouco dias, até à raptora, como aqui se conta, a partir de uma reportagem publicada pelo semanário «Tal & Qual», na qual foi dada à estampa o «retrato-robot» da raptora. Aliás, toda a Comunicação Social o fez, a seu tempo. No entanto, só agora surgiram elementos que apontavam no sentido de que a autora do crime pudesse ser uma rapariga de cerca de trinta anos, residente na zona de Odivelas.

Diz o texto que a PJ distribuiu esta manhã sobre o caso «As investigações levadas a efeito permitiram concluir que efectivamente assim era, vindo a referida suspeita a ser detida no dia de ontem, sendo hoje presente ao Juiz de Ins-

trução Criminal. O rapto terá sido praticado pelo facto de a suspeita alegadamente não poder ter filhos e pretender desse modo colmatar esse problema conjugal.

Em princípio, ela terá actuado só, simulando a todos os familiares, incluindo o marido, uma pretensa gravidez, cujo fruto apresentou como sendo a bebé raptada.

A criança actualmente com dois anos e meio, encontra-se de perfeita saúde, denotando ter sido criada com todo o cuidado e como se efectivamente se tratasse de verdadeira filha do casal.»

Os investigadores, ainda segundo a Judiciária, apreenderam na residência da suspeita a camisola de malha que a bebé vestia no dia que desapareceu, a mola própria para laqueação do cordão umbilical utilizada pelo Hospital Particular e, ainda, o vestido que a suspeita usava na altura da consumação do rapto.

Por alegado envolvimento em casos de corrupção

Detidos quatro elementos da PJ do Porto e mandado de captura contra Júlio Regadas

Quatro elementos da Polícia Judiciária do Porto (dois subinspectores e dois agentes), foram ontem detidos, por alegado envolvimento em casos de corrupção, existindo ainda um mandato de captura contra o subinspector Júlio Regadas, no âmbito do mesmo processo, executado pelo 1.º Juízo de Instrução Criminal daquela cidade.

Júlio Regadas, que tudo indica se terá ausentado para Espanha, após haver estado em serviço de piquete na noite de domingo, foi um dos réus no processo da rede bombista, juntamente com o major Mota Freitas e o capitão Caimoto Duarte, em que foi absolvido, tal como aconteceu em dois outros processos relacionados com o tráfico e viciação de viaturas e com alegadas sevícias em detidos da LUAR, cometidas antes do 25 de Abril de 1974. Após ter sido absolvido no 5.º TMT, no Jardim do Tabaco, Júlio Regadas que, à data, era agente, foi reintegrado e promovido ao posto actual.

De referir que estas detenções surgiram na sequência de investigações iniciadas recentemente pela PJ e trazidas a público pelo matutino «O Comércio do Porto». A PJ emitiria no passado dia 22, um comunicado, no qual reconhecia o envolvimento de alguns dos seus elementos em casos de corrupção, afirmando ter sido efectivamente detectado pelos seus próprios serviços de investigação um caso de corrupção que presumivelmente envolveria dois subinspectores e dois agentes de investigação.

Na sua edição de hoje o «Comércio do Porto» volta a referir as circunstâncias que conduziram às quatro detenções e ao mandado de captura contra Júlio Regadas. Recordando aquele matutino que a luta travada por alguns investigadores da PJ para deter Maria da Graça Bastos Lopes de 39 anos, acusada da prática de burlas que atingem largos milhares de contos, foi o ponto de partida para a chamada operação «São Bentogate» (a Directoria da PJ do Porto fica situado na Rua de S. Bento da Vitória). Depois de várias diligências para deter a ex-amante do já falecido cônsul de Portugal na Áustria, a PJ conseguiria capturá-la no passado dia 21 à porta da sua casa, quando se preparava para entrar no seu táxi privativo. Durante o período que precedeu a captura de Maria da Graça, que se dizia formada em Economia, os investigadores tinham montado um sistema de escuta ao seu telefone, tendo então confirmado as suspeitas de envolvimento de elementos da PJ na actividade fraudulenta da falsa doutora. Por exem-

plo um dos agentes agora detidos, José Noel, foi ouvido a avisar Maria da Graça de que as coisas estavam a «ficar negras». Esta por sua vez contactou posteriormente com o subinspector Fernando Meireles, outro dos implicados, o qual lhe confirmou que a situação estava de facto a «ficar feia».

Os elementos da PJ já detidos, e Júlio Regadas, estariam igualmente envolvidos em outros casos de extorsão (relativamente a um casal com um processo de burla na ordem dos 30 mil contos, e a uma rede de tráfico de droga entre tanto desmantelada em Entre-os-Rios, em que um dos arguidos capturado disse estar farto de dar dinheiro à Polícia).

Também um conhecido cadastrado — o «Chico Francês» — que conseguira sair da cadeia de Custóias, com um mandado de soltura do 1.º Juízo Criminal do Porto, documento que veio a verificar-se, posteriormente ser falso, e que poderá ter sido conseguido por um dos elementos da PJ agora detidos.

As detenções dos subinspectores Fernando Meireles e António Morais e do agente José Noel tiveram lugar nas próprias instalações da PJ. Quanto ao agente Fernando Rodrigues foi capturado em Aveiro.



Júlio Regadas, agora procurado pela Judiciária, durante o julgamento da rede bombista, acompanhado pelo capitão Caimoto Duarte e pelo então major Mota Freitas

Uma escola diferente

Lurdes Faria

Em Alfragide, numa vivenda de onde se avista o parque de campismo de Monsanto, crianças de idades compreendidas entre os três e os sete anos aprendem a sentir e a soltar a imaginação. Ali, no jardim de infância S. Jorge, a única escola do País que se orienta pelo método Waldorf, a criança é encarada não como um objecto a ser moldado pelos adultos mas como portadora espontânea dos primeiros sinais de um mundo futuro. Esta experiência, ainda, incipiente e de pouca projecção, baseia-se nos princípios pedagógicos da Rudolf Steiner.

Uma escola diferente das outras e os pais que nela se empenharam também. É na primeira infância que os alicerces da personalidade se esboçam, há que fornecer às crianças bases sólidas que lhes permitam mais tarde enfrentar o mundo. Criar um espaço psicológico, liberto de esquemas doutrinários, ou a estrutura para aguentar os embates de uma sociedade agressiva e calculista. Pois, segundo Rudolf Steiner as faculdades que determinam a nossa inteligência, a nossa experiência vital e a nossa conduta social após os 21 anos, são o resultado de nos terem ensinado a brincar correctamente na primeira infância.

Fundamental, portanto, a educação que recebemos até aos sete anos. Ana Abreu, educadora especializada no método Waldorf define esta fase da formação do indivíduo como receptiva à educação moral. Dos sete aos catorze consolidam-se os sentimentos e, daqui em diante, até aos vinte e um anos, absorvem-se os conceitos. Assim, por esta ordem de ideias o ser humano demora 21 anos a crescer.

Símbolo

Fim-de-semana. No jardim de infância S. Jorge, os pais das crianças participam num seminário animado pelo espanhol Jaime, presidente da Sociedade de Antroposofia de Madrid. Trocam-se impressões, põem-se questões, projectam-se «slides» e teoriza-se sobre uma visão espiritual do homem e do mundo no campo científico e artístico. Com efeito, num mundo essencialmente materialista, regido por códigos de selva, isto parece ser uma utopia. Há um intervalo para o almoço que decorre à volta de uma mesa-redonda: barquete de pizzas vegetarianas e muita salada verde. Nada de gordura, nada de carne, nada de bebidas alcoólicas, só alimentos naturais que não prejudiquem a saúde. Servindo-se do giz e da lousa, Jaime desvenda-nos a simbologia dos números... três, quatro, cinco e sete. Do triângulo egípcio e do decaedro, de Pitágoras e Platão. Da arquitectura e da filosofia, derivando para a obra científica de Goethe que Steiner comentou.

Ora Rudolf Steiner, pensador curiosíssimo, nasceu em 27 de Fevereiro de 1861, numa obscu-

ra povoação da Áustria. Depois de terminar os estudos de Ciências exactas dedica-se à divulgação das obras científicas de Goethe. Foi o fundador do Goetheanum, cuja sede instalada em Dornach, na Suíça, viria a ser destruída, em 1922, por um incêndio. Quem era Steiner? Ele próprio se explica na autobiografia que escreveu antes de falecer, em 1925.

A primeira escola Waldorf apareceu em Estugarda, na Alemanha, graças ao esforço conjugado de Steiner e Emil Molt, dono de uma fábrica de cigarros. Actualmente existem perto de 40 escolas livres, espalhadas pelo mundo, que praticam aquele método. Mas, ao fim e ao cabo, em que é que esta pedagogia se distingue das outras? Sobretudo no respeito pela individualidade de cada um. Proclama um desenvolvimento da criança desligado dos interesses do Estado e da economia, quando o comum é insuflar nas pessoas conhecimentos, tendo em vista a ordem social desejada. Deste modo, no sistema escolar clássico, investe-se no desenvolvimento intelectual (aquele que mais rende aos governos) em detrimento do emocional.

Logicamente que partindo desta premissa se cai num critério selectivo unilateral, o que o método Waldorf rejeita. Pelo contrário, a pedagogia de Steiner procura preservar a criança, protegendo-a das teorias abstractas. Nos países industrializados os jogos infantis, tão importantes para o desenvolvimento motor e linguístico, caminham para a extinção. Em seu lugar comandam-se, num «ecran», jogos de vídeo... Eis o que afirma Ernest Shuberth, professor de uma Universidade da Alemanha.

Atenção!, dizem os defensores do método Waldorf, cuidado com as educações predominantemente intelectualistas. A criança precisa de conviver com as múltiplas impressões anímicas que podem ser buscadas na arte e na natureza, de se aperceber dos fenómenos cósmicos. Aqueles que não lhe proporcionam apenas o vazio das sensações banais ou, o que é ainda pior, não lhe oferecem uma ideologia abstracta como modelo.

Independência

Também não convém, na opinião dos seguidores de Steiner, lançar a criança numa independência prematura como preconizava a pedagogia antiautoritária que nos anos sessenta se tomava como bíblia. As crianças que não sentiram os educadores como autoridades directas são aquelas que mais tarde na vida andam permanentemente à busca de um guru ou de um chefe. Já assim não sucede com quem se ligou voluntariamente ao mundo e o sentiu... acrescenta Ernest Shuberth.

Voltando ao Jardim de Infância S. Jorge, vejamos o que dizem os pais das crianças abrangidas pelo projecto. Não que-

remos para os nossos filhos uma escola doutrinária... (José Tavares de Almeida). A todo o custo, há que evitar os padrões, formar seres humanos livres capazes de dirigir as suas vidas. A fala de Luís Quintas, outro pai, vai incidir na mesma tecla: ser crescido não implica nenhum padrão... O método Waldorf exige do educador a compreensão de cada criança em particular.

Nesse lidar com o embrião, a criança, reside o desafio para o educador. Temos de descobrir, tentar ver quem é aquele ser humano que ali está..., comenta Ana Abreu que fez um curso de pedagogia na Inglaterra. Pelas suas aptidões e por dominar o método Waldorf, foi solicitada por um grupo de pais para o Jardim de Infância S. Jorge, escola fundada em 1983. Uma escola onde se contam histórias às crianças, se estimula a criatividade, se ensina a fabricar o pão, se usa a natureza como elemento pedagógico.

Práticas diárias na escola: contos, marionetas, pintura, modelagem, jogos de roda, etc..., tudo concebido de acordo com a idade. Dispersas, as crianças vêm do Estoril, de Sintra e de Lisboa, mas vale a pena o esforço...

Então, tranquilizados porque sabem que os filhos, no Jardim de Infância S. Jorge, estão salvos das contaminações indesejáveis, os pais partem para o exercício das suas profissões. Cumprir um papel, um destino que não aceitam passivamente. Arquitectos, médicos, engenheiros, sociólogos, pertencem a duas gerações muito marcadas pelas ideologias. A de sessenta e a de setenta que conheceram a revolta, a militância, o entusiasmo das convic-



ções, o sacrifício e, depois, no acordar, a desesperança.

Não se acomodaram como muitos, não perseguem o poder, embora tenham aparentemente conquistado a serenidade. Mas este sonhar, para os filhos, com

outro mundo e outro estar, é ainda um resíduo das antigas fixações. Eles acreditam na liberdade, no direito à diferença, na fuga à massificação... e, sobretudo, nas ilhas. Está-lhes nos cromossomas.

Localização do porto da ilha das Flores gera polémica nos Açores

O porto da ilha das Flores continua a ser a questão polémica naquela ilha e a motivar várias tomadas de posição, depois do Governo Regional ter anunciado que o iria construir na baía das Lajes.

A Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores aprovou uma moção em que considerava que ao Governo competia «aproveitar da melhor forma os recursos de cada ilha», e considerado também que a ilha das flores é a mais ocidental do arquipélago e que a «Ribeira da Cruz na vila de Santa Cruz é a única que tem condições para a feitura de um porto seguro e sempre operacional, que não só sirva a ilha mas que garanta apoio às pescas».

Segundo apurou a NP, a Assembleia daquele concelho também apelou ao Governo Regional no sentido que tome uma decisão geradora de consenso, «neste fim do décimo aniversário da autonomia».

Entre as várias tomadas de

posição que se têm feito sentir na ilha das Flores, a Junta de Freguesia de Santa Cruz também se pronunciou, sublinhando que o porto das Flores deverá ficar num lugar que sirva melhor todos os florenses e «esse sem dúvida é a Ribeira da Cruz».

Segundo uma informação da própria Câmara Municipal da ilha das Flores, as restantes Juntas de Freguesia do concelho também já se manifestaram, enviando telegramas ao Governo Regional afirmando que a baía Ribeira da Cruz é a única baía «a proporcionar condições para bem servir toda a ilha e com perspectivas de futuro».

Outra tomada de posição foi dos lavradores e agricultores da ilha das Flores pretendendo estes que o porto seja na baía Ribeira da Cruz, declarando através de um telegrama «que já são longos os anos de espera e merecem um bom porto», afirmando mesmo que «também somos açorianos, portugueses, europeus».

Outro telegrama foi o dos co-

merciantes daquela ilha que repudiavam vivamente a localização do porto, salientando que existe «manobra do Governo Regional», quando este pretende dar nova localização do porto das Flores para as Lajes.

Os comerciantes justificam dizendo ser mais económico e prático a feitura do porto nas Flores «pela simples razão de ser de mais económica e rápida execução, sem olhar aos interesses da maioria populacional, comercial e industrial».

Afirmam ainda os comerciantes das Flores que não podem ficar de «braços cruzados perante tão reprovável atitude de um Governo que na sua penúltima visita estatutária a esta ilha já tinha decidido a sua localização em Santa Cruz».

Segundo o correspondente da NP naquela ilha, o concelho de Santa Cruz não aceita nem acredita que se pratique tal injustiça e todas as forças vivas do concelho estarão unidas no sentido de demover o Governo de tão «ignóbil» decisão.

ORLANDO & ALMEIDA, LDA.

Deseja a todos os seus Clientes, Fornecedores e Amigos, um

FELIZ ANO NOVO

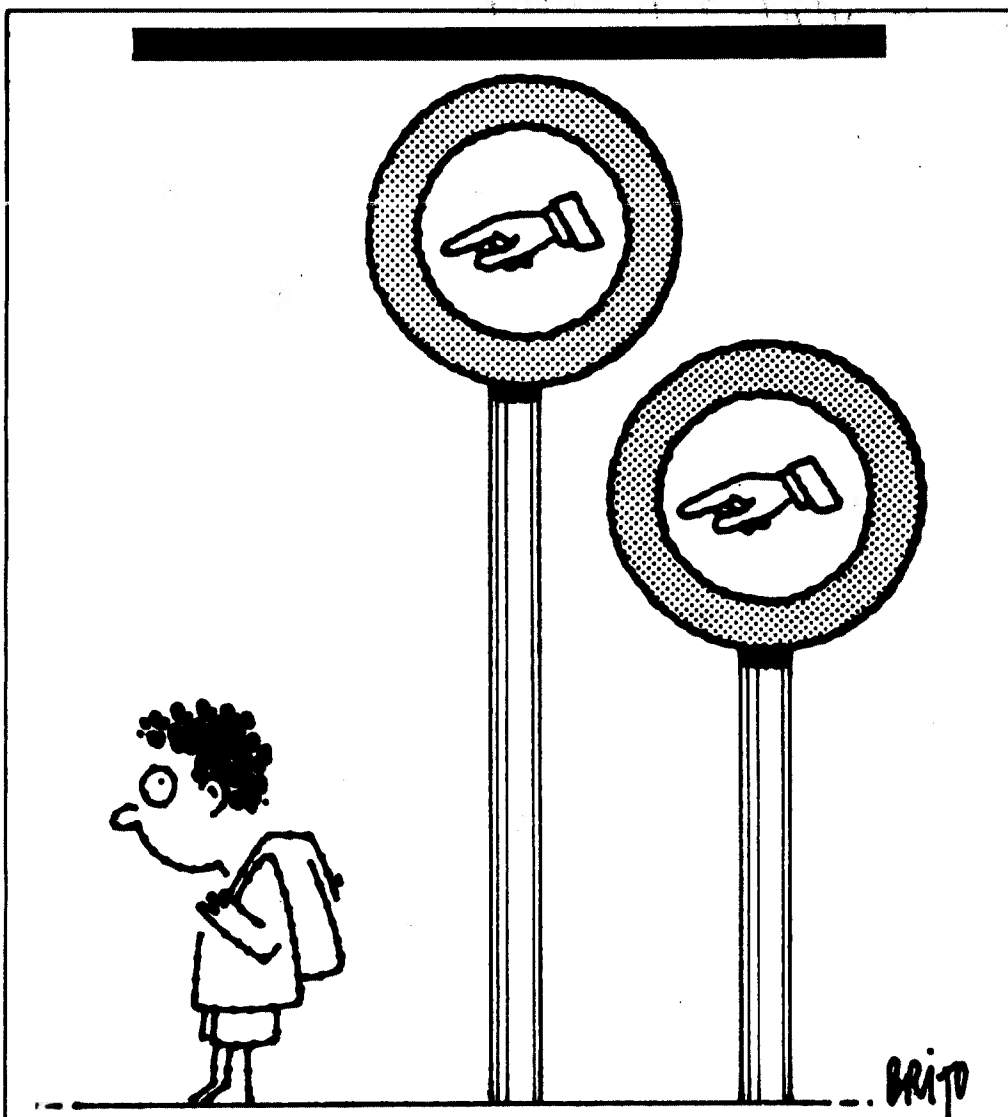
RUA DE ARROIOS, 179-A e 156-B — LISBOA



AOS CONDUTORES

"As crianças devem ir sempre no banco da retaguarda dos automóveis, e ao saírem devem fazê-lo sempre do lado do passageiro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



Acórdão do Tribunal Constitucional hoje publicado

Inconstitucional apreensão da carta a quem paga a multa imediatamente

E inconstitucional, com força obrigatória geral, a norma legal que «atribui competência à Direcção Geral de Viação para aplicar a medida de inibição da faculdade de conduzir, ao condutor que, tendo cometido uma transgressão estradal, paga voluntariamente a multa», segundo um acórdão do Tribunal Constitucional hoje publicado no «Diário da República».

Segundo o acórdão agora publicado, a inibição de conduzir, por transgressões ao Código de Estrada, só pode ser aplicada por um juiz, após audiência em tribunal.

Assim, a Direcção Geral de Viação não pode aplicar a medida de inibição da faculdade de conduzir, mas mantém-se intocável a norma do Código de Estrada que atribui competência às autoridades fiscalizadoras do trânsito e respectivos agentes de proceder à apreensão da licença de condução.

Passa a ser o juiz, e não a Direcção Geral de Viação, o «competente para aplicar a medida de inibição da faculdade de conduzir ao condutor que, havendo cometido uma transgressão estradal, paga voluntariamente a multa».

Assim, a inibição definitiva ou temporária da faculdade de conduzir será imposta pelos tribunais, pois a nossa lei processual penal reserva aos juízes e aos tribunais a aplicação de sanções pela prática de crimes e bem assim pela de contravenções a que não caiba unicamente penas de multa. «E fá-lo por exigência constitucional».

Quer se trate de crimes, quer de contravenções, a au-

diência de julgamento tem que se subordinar ao princípio do contraditório (como vem expresso no artigo 32º, nº 5, da Constituição) e ao arguido não-de ser asseguradas todas as garantias da defesa, podendo ele estar presente, ou fazer-se assistir por um defensor. Até agora, no tocante às transgressões ao Código de Estrada e a que não corresponde prisão, o infractor é notificado pelo autuante para efectuar o pagamento voluntário. Se a multa não for paga voluntariamente, o auto é remetido a tribunal para julgamento, podendo ainda proceder-se ao pagamento voluntário até à audiência. No caso de à inibição correspondente também inibição da faculdade de conduzir, se tiver havido pagamento voluntário da multa, tal medida é aplicada pela Direcção Geral de Viação. De tal medida pode-se recorrer para o Secretário de Estado dos Transportes e Comunicações, podendo o recorrente instruir o recurso com documentos que corroborem a sua argumentação.

Mas, no que toca às contravenções estradais, a Administração pode aplicar, em primeira instância, a medida

de inibição da faculdade de conduzir. E, embora a decisão que a aplica possa ser contenciosamente recorrível, tal recurso não impede que a medida de inibição possa acabar, em definitivo, por ser aplicada, sem precedência de uma audiência de julgamento, onde seja possível estabelecer o contraditório e o arguido ser ouvido e defender-se, pessoalmente ou com a assistência de um defensor, pronunciando-se sobre o «se» e o «quanto» da medida.

Ora, se se tiver em conta que a medida de inibição da faculdade de conduzir varia entre três meses e cinco anos, quando temporária, pode-se ver como a situação legal descrita, aliada à circunstância daquele recurso ser de mera legalidade e não de plena jurisdição, «conduz a um encurtamento inadmissível das garantias de defesa que o processo criminal deve assegurar».

O acórdão hoje publicado no «Diário da República», o quarto em que o Tribunal Constitucional declara a inconstitucionalidade do artigo 61 do Código de Estrada, refere que o preceito viola o artigo 32 da Constituição da República Portuguesa, uma vez que, como foi explicado, as garantias de defesa consagradas para o processo de transgressão e que apenas o juiz pode, depois de audiência de julgamento, aplicar a medida de inibição de condução.

300 mil lâmpadas no Funchal

Festival de fogo-de-artifício para novo ano na Madeira

Trinta e dois postos de lançamento de fogo-de-artifício serão distribuídos na cidade do Funchal (centro e periferia) na noite de 31 de Dezembro.

Segundo a Secretaria Regional de Turismo e Cultura, o número de postos de lançamento de fogo-de-artifício aumenta este ano relativamente a anteriores espectáculos, o que «proporcionará um espectáculo de rara beleza confirmando toda a beleza da passagem de ano na Madeira».

O movimento de tráfego aéreo de passageiros tem aumentado nos últimos dias, facto que obrigou a transportadora aérea nacional a aumentar as frequências entre o Continente (Lisboa) e o Funchal, o mesmo se verificando com algumas ligações «charter» que vêm assegurando a realização de voos directos do estrangeiro para a capital madeirense.

A afluência de turistas este ano, segundo soube a ANOP, será grande na medida em que as unidades hoteleiras apresentam um índice de ocupação significativo — «praticamente esgotado» — havendo a referir também a presença, na noite de 31 de Dezembro para 1

de Janeiro, de sete navios transportando mais de 3 mil passageiros.

As festas de fim de ano na Madeira ficam este ano assinaladas também pela presença de várias entidades, nomeadamente o Presidente da República, Mário Soares, o presidente do Governo das Regiões da Europa, Georges Pierret, o Nuncio Apostólico em Lisboa, Salvatore Asta, o ministro da Defesa, Ribeiro de Almeida e o secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, Correia de Jesus.

O espectáculo pirotécnico

será transmitido em directo pela RTP/Madeira, estando assegurada, segundo foi anunciado, a transmissão para um canal da televisão norte-americana ligando à comunidade portuguesa, decorrendo negociações com vista a igual decisão em relação a um canal da televisão do Canadá.

A Secretaria Regional do Turismo programou diversos espectáculos na cidade com actuações de filarmónicas e de grupos folclóricos em vários locais.

Cerca de 300 mil lâmpadas iluminam a cidade do Funchal e as freguesias da periferia.



AVISO AO PÚBLICO

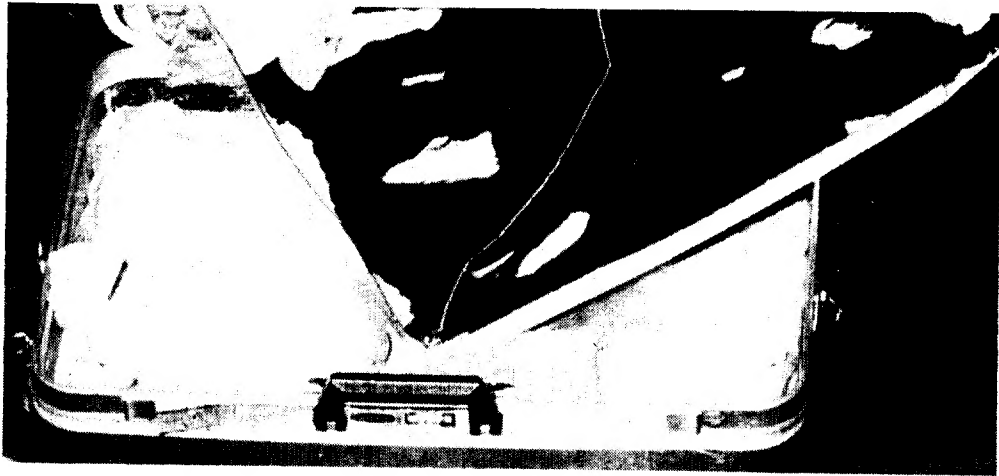
Considerando o elevado movimento de Expressos com partida das instalações da Rodoviária Nacional, na Avenida Casal Ribeiro, torna-se necessário vedar o trânsito, no troço desta via compreendido entre o Largo de D. Estefânia e o cruzamento com a Avenida Defensores de Chaves, excepto a transportes públicos, no próximo dia 31 de Dezembro (4.ª-feira), das 6.30 às 19 horas.

Câmara Municipal de Lisboa

Apanhados 110 "correios" com 1646 quilos de "material"

Alfândegas apreenderam este ano 3,5 milhões de contos de droga

Eleva-se a cerca de 3,5 milhões de contos o valor total das várias espécies de droga apreendidas de Janeiro a Novembro deste ano, nas alfândegas das fronteiras terrestres, marítimas e aéreas, o que constitui a maior quantidade de sempre. Nos primeiros onze meses do ano, as alfândegas apreenderam 110 «correios» portugueses e estrangeiros, com um total de 1646 quilos de vários tipos de droga.



As apreensões foram de 28 quilos de cannabis, 1.491 de haxixe, 121 de cocaína e 6 quilos de heroína.

Portugal tem sido uma porta aberta para a entrada e passagem de droga para a Europa, proveniente das Américas, continente asiático e África.

As autoridades alfandegárias têm detectado nos últimos tempos droga proveniente das Américas, em voos directos do Brasil para Luanda e daqui para Lisboa.

As redes internacionais têm procurado ultimamente Luanda para fugir aos voos directos da América do Sul para Lisboa e assim procu-

rar fugir às «malhas» dos funcionários das alfândegas nos aeroportos.

O tráfico das drogas não conhece fronteiras e nenhum país está completamente a salvo.

Homens, mulheres e mesmo crianças encontram-se entre as vítimas que experimentam problemas de saúde e, em consequência da sua dependência física e psicológica.

Portugal não escapou às incidências deste grave problema pelo que foi necessário implementar e incrementar programas preventivos e repressivos sobre esta matéria.

A Direcção-Geral das Alfândegas tem procedido a uma formação dos seus funcionários no sentido de os sensibilizar para a problemáti-

ca da droga e, igualmente, de lhes possibilitar conhecimento que permita a sua identificação e detecção.

Desta formação, mais de 500 funcionários dispõem actualmente de conhecimentos específicos neste campo.

Têm actuado isoladamente, ou em colaboração com outras entidades nacionais ou estrangeiras, não só no campo de detecção de estupefacientes que tentam a sua entrada, em trânsito no país, como na detecção de traficantes ou, ainda, no intercâmbio de informações com aquelas entidades.

De toda esta intervenção aduaneira, resultaram as apreensões que, qualitativa e quantitativamente, há que considerar de grande impacto no cômputo geral das apreensões efectuadas em Portugal.

Desde 1982 a 30 de Novembro de 1986 os funcionários alfandegários apreenderam cerca de 7 milhões de contos de estupefacientes, sendo 1.064 quilos de cannabis, 3561 quilos de haxixe, 270 quilos de cocaína e 28 quilos de heroína.

Os valores de droga apreendidos pelos funcionários das alfândegas foram de mais de 49 mil contos, em 1982, em 1983 superior a 575 mil contos, 1984 e 1985 superior a 1,7 milhões de contos e em 1986 mais de 3,4 milhões de contos.

Portugal continua a carecer de meios humanos e técnicos para combater a entrada ou passagem de droga no país.

Os próximos tempos, segundo os especialistas, vão ser mais gravosos, com a entrada em Portugal de «drogas duras», muito especialmente a cocaína e a heroína.

A grande maioria dos estupefacientes que entram em Portugal vai para outros países.

Ameaçada de estrangulamento por presidiário em fuga

Afonso Manuel da Silva Escudeiro, de 19 anos, que no passado dia 22 se havia evadido da prisão-escola de Leiria, foi capturado por populares, após ter cometido dois assaltos em Cantanhede. Natural de Estarreja, o jovem que cumpria uma pena de três anos por furto, agrediu uma transeunte, a quem roubou a carteira com cheques, e introduziu-se numa residência, cuja locatária tentou estrangular. Esta conseguiu no entanto gritar, alertando assim os vizinhos que dominaram e manietaram Afonso Escudeiro, entregando-o depois à GNR.

Evadiu-se nos Açores e foi preso em Lisboa

A Polícia Judiciária capturou no aeroporto da Portela um recluso que se evadira da cadeia de Angra do Heroísmo e que tomara um avião da TAP com rumo a Lisboa. Eugénio Manuel Airoso da Silva foi em seguida entregue à Direcção-Geral dos Serviços Prisionais que o recambiou para os Açores.

Homicida capturado na Cruz de Pau

A GNR anunciou ter detido o autor confesso de um crime de homicídio ocorrido há cerca de dois meses na região de Cruz de Pau, na pessoa de José Sena, de 52 anos. O detido, Manuel da Silva, foi entregue ao Tribunal de Instrução Criminal de Almada, que confirmou a prisão, tendo transitado para a cadeia do Montijo, onde irá aguardar julgamento.

Um homem, uma mulher e duas crianças

Quatro portugueses vitimados por intoxicação de gás em França

Quatro portugueses (um homem, uma mulher e duas crianças) morreram intoxicados por gás em França. Maria Alice Fernandes Domingues, de 24 anos, e Álvaro Manuel Aguiar, de 22 anos, faleceram em Paris, juntamente com uma argelina e uma marroquina, em consequência de

uma fuga de gás provocada por um esquentador instalado na cozinha do apartamento que ocupavam. Quanto às crianças, Stephane Alves, de três anos, e a sua irmã Clarisse, de quatro anos, encontraram a morte, em Dijon, devido às emanções de

gás provenientes do incêndio que deflagrou na padaria, propriedade dos seus pais.

As duas irmãs estiveram expostas às emanções de dióxido de carbono estavantes do sinistro, quando estavam a dormir no 1.º andar do edifício.

Desmantelada quadrilha de ladrões de bicicletas

A Polícia Judiciária deteve doze indivíduos implicados numa rede de ladrões de velocípedes e triciclos motorizados, sua falsificação e tráfico, tendo o juízo de Instrução Criminal de Sintra, por onde corre o processo, mantido a prisão de cinco deles, em admissão de caução.

A fase de investigações começou em Setembro passado quando o Tribunal de Instrução Criminal de Sintra remeteu dados processuais para a PJ, que seguiu pistas sugeridas por um suspeito que, entretanto, fora detido.

A PJ apreendeu algumas dezenas de veículos, «tudo levando

a crer, ao que afirma, que muitos outros possam vir a ser recuperados». Dada a dificuldade de identificação dos veículos, a PJ solicita «aos eventuais lesados em furtos deste tipo nos últimos quatro anos» para que contactem a sua 10.ª secção, na Rua Gomes Freire.

Apareceu enforcado numa cela da Penitenciária

Na cela que ocupava na Penitenciária em Lisboa apareceu enforcado o recluso João Paulo da Rocha Pereira, de 22 anos, afirmando as autoridades prisionais que se tratou de suicídio. O jovem iria ser julgado no próximo dia 7, no Tribunal da Boa-Hora, pelo delito de agressão, em Março último, a um

indivíduo que dias depois morreria no Hospital de Santa Maria, de broncopneumonia, segundo refere o relatório da autópsia. Uma semana antes do delito que o levou à prisão, João Paulo regressara da Alemanha, onde estava como emigrante.

Mário Castrim



O nosso País, de há tempos a esta parte está metido num monte de lixo. Ele viceja, medra, cresce à nossa volta, enterra-nos, empalme-nos, empolga-nos, devora-nos, digere-nos, reduz-nos ao grau ínfimo da nossa condição social. E tanto, meus senhores, tanto, que ao lixo não lhes basta já que o tenhamos mas que o sejamos. O lixo, ao cabo, é o capricho do diabo, a sua vingança, o seu castigo por havermos tentado ser humanos, felizes, normais, esplêndidos.

Sucede que, estando como estou, e tanto, falando do lixo, não se sabe até hoje qual a raiz da palavra. Sabemos para onde vai (ou não vai, em tempo de greve) mas não sabemos nem patavina donde vem.

Parece que tudo nasceu do latim *lixare*, «extrair por meio de lixiviação», se acreditarmos em Moraes, e eu acredito, sem nenhum esforço, antes pelo contrário. O «Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa», editado por Livros Horizonte, diz-nos, porém, que a palavra *lixar* já aparece entre nós, não no século XVI, como quer Moraes, mas no ano de 1456, significando nome de peixe. A pele do tal peixe, de tão escamoso, servia para alisar madeira e outros materiais. Hoje, porém, quando nos lixamos já com processos mais sofisticados. Peixes desses já nem há na lota.

Pois a palavra *lixo*, e seus derivados, é basto antiga entre nós. No século XIII, para não irmos mais longe, escreve em verso D. Dinis: «Ambas vestidas de mui mau pano / nunca mais feio vi, nem mais lixoso...». O lixo, com o sentido de *supérfluo* ou *cousa feia*, igualmente era, por norma, *escorraçado* da estética, como se pode ver na Arte de Trovar, do Cancioneiro da Biblioteca Nacional: «Algumas vezes tange nela cacorrina ou lixo, que não convém de ser metido em boa cantiga...».

E pronto. Quanto a lixo, ao lixo que por aí vai, nada mais digo. Não faltaria logo quem pensasse que eu estava metendo política no caso...

Abecasis ameaça com embargo a obras do IPPC

Nuno Ribeiro

Na sessão pública de ontem da Câmara Municipal, respondendo a perguntas sobre a construção das chamadas «Torres dos Jerónimos», o presidente da Câmara de Lisboa ameaçou de embargo as obras do Instituto Português do Património Cultural. Da parte do IPPC, segundo o «DL» apurou esta manhã, mantém-se a posição já expressa em anterior edição do nosso jornal: caso não haja resposta e «não nos enviem o projecto até ao princípio do ano, então embargamos a obra».

«Se o Instituto Português do Património Cultural quiser embargar obras, eu estou em condições de embargar mais obras do IPPC», declarou ontem Nuno Abecasis na sessão pública da Câmara Municipal de Lisboa.

O presidente da edilidade respondia assim a uma questão suscitada pelo vereador Rui Godinho que, baseando-se nas informações contidas na edição de 24 de Dezembro do «DL» interrogou Abecasis sobre qual o tipo de obras que estão a decorrer no prolongamento da Rua dos Jerónimos, frente ao estádio do Restelo, na área de protecção da Igreja da Memória.

Nuno Abecasis, depois de declarar que «há muitas dúvidas, para não dizer que há certeza, de que este edifício não está na zona de protecção», o presidente da edilidade adiantou que as obras em curso desde Outubro passado são referentes a «um projecto que foi discutido e reanalisado sob a orientação de um grupo de trabalho constituído por vereadores de todas as forças políticas».

Entretanto, segundo o «DL» apurou, este processo arrasta-se desde 1975, altura em que entra uma proposta na Câmara para a construção de lotes com 13 e 11 andares.

Sete anos depois, em 1982, entra novo projecto com mais seis pisos, e a Junta Nacional de Educação, orgão antecessor da Instituto Português do Património Cultural dá parecer técnico desfavorável. Aliás, uma carta do então ministro da Cultura Francisco Lucas Pires refere que a construção de tal conjunto arquitectónico se insere na área de protecção da Igreja da Memória, monumento classificado por um decreto-lei 8627 de 8 de Fevereiro de 1923, e cuja área de protecção foi instituída em 14 de Julho de 1970, no então «Diário do Governo».

Batalha jurídica em perspectiva

Mais tarde, surge um novo projecto da autoria do arquitecto Ressano Garcia que é objecto de estudo de uma comissão de vereadores que, no primeiro ponto do seu relatório, sublinha que deve ser pedido parecer ao Instituto Português do Património Cultural.

Neste ponto, segundo fontes camarárias, o IPPC foi consultado através de um ofício de 29 de Março de 1984, tendo enviado à Câmara de Lisboa a resposta em 6 de Junho, ultrapassando o prazo de 60 dias que a lei estabelece.

Na demora da resposta do IPPC está um dos argumentos da Câmara que invoca que «a falta de parecer em-tendo-se como consentimento».

Será em torno destas questões, de acordo com um dos técnicos do Instituto Português do Património Cultural, que não pôde confirmar ao «DL» o atraso do parecer então emitido, que a questão se irá julgar, não se excluindo que se entre, agora, numa verdadeira batalha jurídica.

E, se o atraso do IPPC se ficará a dever «aos prazos muito apertados», não deixaria de ser paradoxal que um assunto desta importância fosse definido «ao minuto», por muito que a legislação e os princípios jurídicos assim o estipulem. Por outro lado, assinala-se, mais uma vez, a falta de diálogo que tem presidido a estas questões, com anúncios de embargos e ameaças de contra-embargos.

«Nasceram-me os dentes numa fábrica»

«Os dois comunicados são assinados pelo presidente da Câmara e quem assina é quem tem a responsabilidade», declarou ao «DL» o vereador Lívio Borges a propósito de dois comunicados emitidos pelo Município apresentando valores diferentes para os

vencimentos dos trabalhadores da limpeza.

Por seu lado, Nuno Abecasis referiu que «os serviços deram-me valores errados no primeiro comunicado e eu comprometi-me a ratificá-los no segundo que é inteiramente da minha responsabilidade». A disparidade dos valores apontados nas duas notas da Câmara Municipal de Lisboa deve-se, de acordo com o presidente da edilidade ao facto de na segunda estarem excluídas as retribuições extraordinárias como os subsídios de férias, de Natal e de refeições que «ao serem distribuídos por 12 meses estão a falsear a realidade».

O facto das negociações com os sindicatos terem sido iniciadas pelos vereadores Lívio Borges e Pinto Machado e terem sido concluídas por Abecasis é um facto que todos os intervenientes consideraram normal. Enquanto Lívio Borges sublinha que «isso não tem nada de estranho», o presidente da edilidade sublinhou que «não devo saltar por cima das delegações que faço, mas quando me disseram que não era um problema técnico ou de pessoal (dos telouros, respectivamente de Pinto Machado e Lívio Borges) tive uma reunião com os trabalhadores da limpeza da cidade». «Eu delego, mas quando as pessoas tocam a sineta, eu assumo inteiramente as responsabilidades». O facto da greve ter sido desconhecada é, para Nuno Abecasis, resultado da sua capacidade de falar com as pessoas: «desde sempre me entendi com as pessoas, pois nasceram-me os dentes numa fábrica», sublinhou referindo-se à sua experiência profissional.

«Por mim o assunto está encerrado»

Sobre alegados problemas surgidos com vereadores a quem delegou competências, Nuno Abecasis negou a existência de quaisquer conflitos, referindo que «ninguém tem dúvidas de quem é o presidente da Câmara». «Sou tão hoje, como quando aqui entrei, e há quem compreenda delegações de poderes com o alheio das coisas, mas eu não estou alheio de coisa nenhuma».

Por seu lado o vereador Lívio Borges que, em declarações ao «DL» não tinha confirmado nem desmentido a apresentação do seu pedido de demissão por alegadas incompatibilidades com o presidente da Câmara, referiu ontem ao «DL» que «o as-

sunto por mim está encerrado». «Não posso adiantar o que está em causa, pois são questões internas que dizem respeito ao funcionamento da Câmara Municipal de Lisboa, com as quais não se poderá concordar momentaneamente, mas quando duas forças políticas concorrem às eleições com base num protocolo escrito é de aguardar que cada uma das partes lhe dê integral e leal cumprimento», declarou.

O vereador social-democrata adiantou que «problemas desta natureza excedem as competências dos vereadores da Câmara, e até mesmo dos representantes do PSD na Assembleia Municipal, porque são questões a serem consideradas pelos órgãos superiores competentes do PSD», mas negou que alguém lhe tivesse posto um travão, sublinhando que o PSD não é um partido para pôr travão seja a quem for, pois os militantes são livres».

Negando igualmente que tenha levantado questões sobre a Câmara de Lisboa em reuniões do seu partido, Lívio Borges enfatizou o facto de não ser «uma pessoa importante», apesar de ser dirigente da Associação dos Autarcas Sociais-Democratas (ANASD): «mesmo aqueles que, por vezes me dizem que passei a ser um líder por ser presidente do Conselho Directivo da ANASD tenho respondido muito simplesmente que a Associação dos Autarcas Sociais-Democratas é uma associação privada de autarcas sociais-democratas».

«Graffitis»: APU refere inconstitucionalidade da proposta do CDS

Da ordem de trabalhos da sessão pública de ontem da Câmara Municipal de Lisboa constava uma proposta apresentada pelo vereador centrista Pinto Machado que defende a «aplicação de sanções sobre a pintura de inscrições nas paredes dos prédios».

Apesar de não ter sido discutida, a proposta do vereador do pelouro da Limpeza vai converter-se num dos pontos quentes do próximo ano, pois, segundo o «DL» apurou os vereadores da Aliança Povo Unido vão sustentar a inconstitucionalidade de tal medida, baseando a sua argumentação num acórdão do Tribunal Constitucional.

Segundo o documento a que o «DL» teve acesso, e que foi publicado no «Diário da República» de 15 de Setembro do corrente ano, o Tribunal Constitucional, apreciando uma postura aprovada por deliberação da Assembleia Municipal de Santarém de 4 de Março de 1983, considera que, por o «seu conteúdo se integrar no âmbito da liberdade de expressão e informação, que é um dos direitos, liberdades e garantias consagrados na Constituição (artº 37), se trata de matéria sobre a qual só a Assembleia da República pode legislar».

O «DL» apurou ainda que este foi o segundo acórdão do Tribunal Constitucional com o mesmo sentido, tendo o primeiro sido referente a idêntica disposição tomada pela Câmara Municipal de Vila do Conde.

O acórdão 248/86 refere que a limitação (à liberdade de expressão) «carece de autorização constitucional expressa, não bastando, por exemplo, que a protecção de um bem superior da comunidade justifique, através de um simples critério de ponderação de interesses ou bens, a limitação dos direitos fundamentais». O texto assinala que a nossa experiência constitucional já revelou o «perigo desta criação livre de limites aos direitos fundamentais».

Se, em relação à proposta do vereador Pinto Machado a posição da APU é clara, os eleitos da Aliança Povo Unido consideram que o assunto deve merecer outra ponderação e não estar apenas sujeito a penalidades, de 20 a 200 contos de multa: «é uma tarefa a prazo, que implica a sensibilização das pessoas e organizações», considerou o vereador Rui Godinho.

Para os vereadores socialistas, trata-se de uma matéria delicada, pois «é necessário distinguir entre os limites que estão consagrados constitucionalmente e os limites da limpeza da cidade». «Tudo o que possa ferir os direitos de expressão não é aceitável», sublinhou Vasco Franco, que manifestou a esperança de se chegar a uma solução que não comprometa a liberdade de expressão e assegure a limpeza de Lisboa, pois «a proposta apresentada vai ser discutida e trabalhada».

RÉVEILLON 86 / 87

NO

«PANORAMA DE MONSANTO»

NO «PANORAMA DE MONSANTO» VAMOS PROPORCIONAR-LHE ESTE ANO, UMA NOITE DIFERENTE

• Uma monumental cea, requintada e copiosa, com a garantia de dois nomes que você conhece:

A «CASA DA COMIDA» e o «CONVENTUAL»
A ANIMAR A SUA NOITE

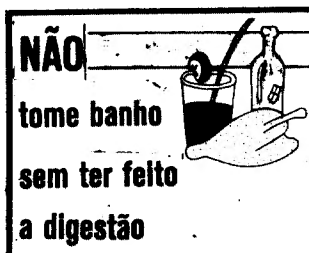
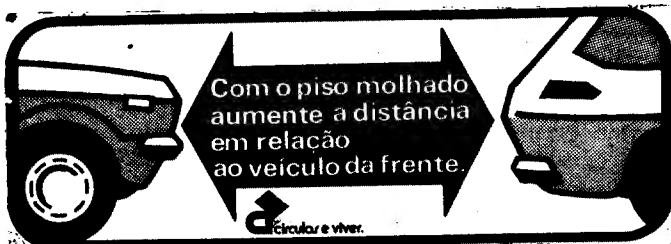
- ANA ZANATTI
- MARGARIDA CARPINTEIRO
- ANA BOLA
- LARA LI E NANÁ SOUSA DIAS

COM O RITMO DE DUAS QUALIFICADAS BANDAS

Para reservas ou mais informações

«PANORAMA DE MONSANTO»

ESTRADA DA BELA VISTA — PARQUE FLORTESTAL DE MONSANTO — TELEF. 7861 31
«CASA DA COMIDA» — TELEF. 68 53 76



Brasil

A renegociação da dívida gera tensões com a banca

As autoridades brasileiras decidiram cancelar as operações bancárias de entidades internacionais que se neguem a renegociar a dívida externa do Brasil, informou o jornal «Correio Brasiliense».

O primeiro banco estrangeiro afectado pela medida foi o «Mellon Bank» dos Estados Unidos, entidade de pequena influência que recebeu ordem para encerrar as duas dependências existentes no Brasil.

O jornal, que atribui a informação a uma fonte bancária dos Estados Unidos, afirma que a decisão provocou «preocupação nos organismos bancários credores».

Reynaldo Ferreira, do departamento de informação oficial do Banco Central, disse que desconhecia a decisão do banco norte-americano.

O Brasil propôs à banca credora uma renegociação da sua dívida externa, com taxas de juros inferiores a 1 por cento e a concessão de novos créditos.

Soube-se, entretanto, que a dívida externa do Brasil atingirá no final deste ano 110 000 milhões de dólares, de acordo com estimativas do Banco Central citadas pelo jornal «Folha de São Paulo».

A dívida brasileira, segundo as últimas informações oficiais, elevava-se já a 108 800 milhões de dólares em Setembro passado. No final de 1985, a dívida

externa atingira o montante de 105 120 milhões de dólares e é uma das mais altas do mundo.

Vai ser construída gigantesca via-férrea

O Brasil tenciona construir uma ligação ferroviária de 1 300 quilómetros entre as longínquas regiões cerealíferas, os portos do rio Amazonas e a já existente rede ferroviária da zona industrializada do Sudeste.

Uma fonte do Ministério dos Transportes em Brasília disse que os trabalhos de construção da via-férrea podem ter início em Maio, tendo como objectivo concluir o projecto dentro de três ou quatro anos.

Os caminhos-de-ferro vão passar por Anapólis, 150 quilómetros a Sudoeste de Brasília, no Estado de Góias, até à cidade imperatriz, situada no Estado do Maranhão.

O mesmo funcionário governamental adiantou que o custo deste projecto está avaliado em 1,8 mil milhões de dólares.

O diário «Jornal do Brasil» descreve este projecto como o mais importante do governo Sarney, que iniciou funções em Março de 1985.

Fontes oficiais acrescentaram que a rede ferroviária será construída por uma nova companhia, com capital público e privado.

Na Siderurgia

Encargos com equipamento desaproveitado já vão em 37,5 milhões de contos

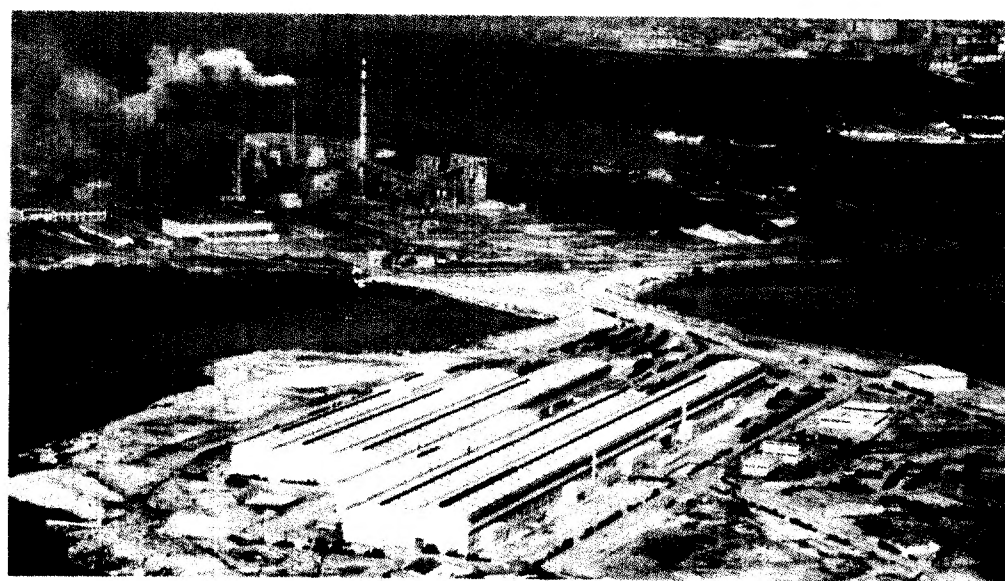
Os equipamentos comprados ao estrangeiro pela Siderurgia Nacional em 1980/81 custaram cerca de 13,98 milhões de contos (ao câmbio de 1985), a que acresce cerca de 1,9 milhões de contos de despesa nacional — revelaram técnicos da empresa.

Os equipamentos foram comprados no âmbito do Projecto de Expansão de Produtos Longos de Seixal (PEPLS), mas nunca chegaram a ser montados, por entretanto, o Governo ter suspendido aquele plano de reestruturação.

Os citados técnicos sublinharam que em 31 de Dezembro de 1985 os encargos da empresa com aquela compra, incluindo os juros bancários ascendiam a 37,5 milhões de contos.

Segundo dados da empresa, divulgados pela Anop, a Siderurgia despendeu em compras ao estrangeiro 150.139 milhões de xelins austríacos, 568.900 francos suíços, 58,9 milhões de marcos alemães, 188,78 milhões de francos luxemburgueses, 40.038 milhões de francos franceses, 988.700 libras britânicas, 1.367 milhões de ienes e 38.347 milhões de dólares norte-americanos.

Os mesmos técnicos adian-



taram que há diversos interessados na compra dos equipamentos disponíveis mas que oferecem preços extremamente baixos.

O presidente do conselho de gerência da Siderurgia, Almeida Serra, que não quis fornecer números quanto ao custo de equipamentos ou às ofertas apresentadas pelos seus potenciais compradores, sublinhou que não estão à venda os equipamentos que são para montar.

Assinalou que embora os

equipamentos nunca tenham sido montados e sejam completamente novos, o seu preço nunca poderá ser idêntico ao dos saídos de fábrica.

Uma listagem dos interessados na compra de equipamentos aponta como potenciais clientes as empresas Usiminas (Brasil), Pakistan Steel (Paquistão), Sail (Índia), China National Technical Imp Corp. Linfen, Maan Shan (China), CMIEC (China), Qingdao Xian Jiao Zuo Shi Jiu Suo (China), TCDI, (Turquia),

Tisco (Índia), Mahindra (Índia), Dempo (Goa).

Além destes, haverá clientes potenciais não identificados da China, Estados Unidos e Japão.

O interesse dos diversos clientes varia entre a totalidade dos equipamentos disponíveis e alguns deles.

Os agentes interessados na venda (em contacto com um ou mais clientes) são brasileiros, alemães-federais, suecos, britânicos, norte-americanos e chineses (a Embaixada da República Popular da China).

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39\$80	45\$80
ALEMANHA FED. (marco)	74\$45	75\$65
ÁUSTRIA (xelim)	10\$50	10\$70
BÉLGICA (franco)	3\$368	3\$618
BRASIL (cruzado)	3\$800	6\$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	104\$95	107\$45
(notas de 5 a 1000)	105\$45	107\$95
DINAMARCA (coroa)	19\$65	20\$05
ESPAÑA (peseta)	1\$067	1\$187
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145\$10	148\$60
(notas de 5 a 1000)	145\$60	149\$10
FINLÂNDIA (marka)	30\$10	30\$70
FRANÇA (franco)	22\$50	23\$20
HOLANDA (florim)	65\$85	66\$95
IRLÂNDIA (libra)	202\$85	206\$85
ITÁLIA (lira)	\$097	\$112
JAPÃO (iene)	\$868	\$923
NORUEGA (coroa)	19\$60	20\$10
REINO UNIDO (libra)	213\$60	218\$10
SUÉCIA (coroa)	21\$30	21\$80
SUÍÇA (franco)	89\$05	90\$55
VENEZUELA (bolívar)	5\$30	6\$30

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Até à base 18 dólares/barril

OPEP avisou clientes que o petróleo vai subir

Três dos maiores produtores de petróleo do golfo começaram a avisar os seus clientes de que tencionam aplicar preços fixos mais elevados decididos pela OPEP a partir de 1 de Fevereiro, revelaram fontes da indústria.

Pelo menos Arábia Saudita, Irão e Kuwait — que em conjunto representam quase me-

tade da produção da OPEP — enviaram notificações aos seus clientes, afirmaram as mesmas fontes.

A OPEP decidiu em 20 de Dezembro regressar ao sistema de preços fixos por volta dos 18 dólares o barril, três a quatro dólares mais do que o valor do crude no último mês.

O acordo resultou numa subida imediata dos preços para perto dos 18 dólares.

A empresa petrolífera do Kuwait anunciou ter enviado aos seus clientes um telex indicando o novo preço de 16,67 dólares o barril.

A Arábia Saudita também indicou que o preço do seu petróleo seria fixo a partir de 1

de Fevereiro, mas pormenores da mensagem enviada aos clientes não foram revelados.

Quanto ao Irão, a companhia estatal já avisou que o acordo da OPEP seria implementado a partir de Fevereiro e convidou companhias japonesas a visitar Teerão em meados de Janeiro para negociar os futuros contratos.

EUA anunciam sanções à Europa

Os Estados Unidos vão aplicar uma série de sanções aos 12 países membros da Comunidade Económica Europeia (CEE), anunciou segunda-feira à noite uma fonte da Casa Branca.

Esta referência foi feita após uma entrevista de funcionários do comércio externo com o presidente Reagan, que se encontra de férias em Palm Springs.

Um porta-voz do presidente disse que o anúncio das sanções será feito hoje por Clayton Yeutter, representante da secretaria do Comércio dos Estados Unidos.

As sanções norte-americanas afectarão produtos franceses como os vinhos, o «whisky» da Grã-Bretanha e os queijos das nações consideradas grandes

produtoras.

As sanções vão ser impostas devido à não-resolução do conflito agrícola, motivado pelo ingresso da Espanha na Comunidade.

A administração Reagan recusou o adiamento de um mês solicitado pela CEE, e as medidas terão efeito a partir da primeira semana de 1987.

Os Estados Unidos pediram compensações pela subida das tarifas contra as suas exportações de milho e sorgo para Espanha, devido ao ingresso espanhol na CEE, a 1 de Janeiro.

Um porta-voz do presidente Reagan disse que houve negociações anteriores e que a CEE não fez nenhuma concessão.

KIDS

BOUTIQUE

PRONTO A VESTIR PARA CRIANÇA

CONFECÇÃO POR MEDIDA

Rua Joaquim António de Aguiar, nº 67-A 1000 LISBOA Tel. 691195

ANDAR - VENDE-SE

3 assoalhadas c/arrecadação informa pelo telef. 726 02 68 LISBOA

China endurece posição

D ezenas de polícias chineses, alguns deles armados, impediram esta madrugada que grupos de manifestantes saíssem da Universidade de Pequim para repetir os protestos do dia anterior. Veículos policiais patrulharam as outras três universidades de Pequim até altas horas da madrugada, mas não houve concentrações de estudantes, nem incidentes. Na sexta-feira, as autoridades de Pequim proibiram qualquer manifestação que não fosse previamente autorizada pela Polícia, mediante um pedido feito com cinco dias de antecedência e indicando o nome e as moradas dos organizadores. Os estudantes de Pequim desafiaram esta proibição ontem e convocaram novas manifestações para os próximos dias.

Reunificação da Coreia

O presidente norte-coreano, Kim Il-Sung, propôs a realização de conversações de alto nível com a Coreia do Sul a fim de resolver a urgente questão da reunificação nacional. No seu discurso à assembleia popular em Pyongyang, divulgado pela agência norte-coreana KCNA e captado em Tóquio, Kim afirmou que as conversações abrangeriam as medidas a tomar para pôr fim à confrontação política, as quais poderiam incluir a decisão de ambos os Estados pararem de se «caluniar» um ao outro. «Teriam de discutir também medidas para abrandar a actual tensão, tais como reduzir as forças armadas, parar com a corrida aos armamentos, transformar a zona desmilitarizada ao longo da linha de demarcação militar numa zona de paz e evitar manobras militares em grande escala» — declarou o presidente norte-coreano.

Ferrovieiros franceses

O presidente François Mitterrand apelou ao Governo francês para intervir de forma a pôr fim aos prejuízos causados nos utentes pela greve dos ferroviários, hoje no seu 13.º dia. Fontes do Palácio do Eliseu referem que Mitterrand, recém-regressado de uma viagem ao Egipto onde passou o Natal, se reuniu com o primeiro-ministro Jacques Chirac, advertindo-o para não deixar o Governo inactivo face aos conflitos sociais. Os trabalhadores dos caminhos-de-ferro franceses exigem melhores condições de trabalho e alterações no sistema de remuneração que, segundo dizem, não privilegia a antiguidade no serviço.

Segurança ferroviária

ANTIGOS militares britânicos estão a treinar na Manhica, província de Maputo, forças especiais moçambicanas para garantirem a segurança dos trabalhos de reabilitação da linha férrea de Nacala, Norte de Moçambique — disseram à Anop fontes diplomáticas. O Reino Unido, tal como Portugal e outros países, trabalham na recuperação daquela linha, que liga o porto de Nacala a Entre-Lagos, junto à fronteira com o Malawi, passando por Nampula. Ao contrário do que acontece com a formação de oficiais moçambicanos no Zimbabwe, também a cargo de britânicos, no caso da Manhica não existe um envolvimento oficial por parte de Londres.

Sismo no Japão

UM sismo com uma magnitude de seis graus na Escala de Richter atingiu hoje vastas áreas do centro do Japão, provocando a fractura de vidros, interrompendo os serviços ferroviários e causando danos menores. Os serviços meteorológicos e as autoridades não referem a ocorrência de danos sérios em edifícios mas afirmam que o sismo foi o mais violento registado naquela região nos últimos 14 anos. O epicentro situou-se 160 quilómetros a noroeste de Tóquio, a uma profundidade de 10 quilómetros.

Emigrantes soviéticos

C INQUENTA soviéticos que já não querem viver nos Estados Unidos regressaram ontem ao seu país de origem, alegando saudades e insatisfação quanto ao estilo de vida norte-americano. Perfazendo o maior grupo de sempre de soviéticos que abdicaram da sua vida nos EUA, optando por voltar à pátria, este grupo de cidadãos de todas as idades chegou ontem ao aeroporto de Moscovo envergando os tradicionais casacos e chapéus de pele.

INTERNACIONAL

Manila move acção judicial contra Marcos no valor de 89 milhões de contos

O governo filipino processou «por danos e prejuízos», o deposto presidente Ferdinando Marcos, sua mulher, Imelda, e oito colaboradores, exigindo uma indemnização de 15 000 milhões de pesos (quase 89 milhões de contos). Na queixa, apresentada no Tribunal Anticorrupção «Sandiganbayan» pela Comissão Presidencial para a Boa Governação (PCGG), Marcos, a mulher e os colaboradores são acusados de terem «enriquecido à custa da nação».

O presidente da comissão, Jovito Salonga, disse em conferência de imprensa que se trata de uma medida «sem precedentes na história das Filipinas» e visa «servir de exemplo».

Trata-se de um dos meios preconizados pela comissão para recuperar as largas somas de dinheiro que se julga terem sido transferidas por Ferdinando

Marcos para fora do país.

O processo, com 31 páginas, afecta, para além de Ferdinando e Imelda Marcos, os irmãos Bob e Joseph Bernstein, de Nova Iorque, e seis industriais filipinos residentes nos Estados Unidos.

A apresentação desta acção judicial segue-se ao congelamento por um tribunal norte-americano das propriedades de Mar-

cos, que não podem ser vendidas até ser apurado a quem legitimamente pertencem.

Todavia, nos meios políticos filipinos, comenta-se que, a pretexto de se defender, Marcos pode pretender regressar a Manila, abandonando o seu exílio em Honolulu, no Havaí.

A «Mulher do Ano»

A presidente Corazón Aquino disse entretanto que o facto de ter sido eleita «Mulher do Ano» pela revista «Time» a honra, mas «o mérito pertence aos filipinos».

A «Time» cita Aquino como a figura que mais influência teve nos acontecimentos mundiais no decurso de 1986.

«Estou bastante contente e aceito esta honra em nome do povo filipino que a tornou possível», salientou a presidente em comunicado divulgado pelo seu secretário Teodoro Aquino.

A presidente recordou ainda que quando, há cerca de um ano, a «Time» lhe deu destaque pela primeira vez, ao lançar a sua campanha presidencial contra Ferdinando Marcos, a sua filha mais nova advertiu: «Mãe, isto é um ultimato. Agora podes morrer».

Domingo, centenas de manifestantes, descritos pela autoridades como apoiantes de Marcos, protestaram no centro de Manila contra a distinção que a «Time» deu a «Cory» e queimaram várias revistas cuja capa era «A Mulher do Ano».

Desvio de fundos para os «contras» foi concebido por israelitas

O responsável pelo Departamento norte-americano de Justiça, Edwin Meese, adiantou aos investigadores do Irangate que a ideia de canalizar o lucro da venda de armas ao Irão para os «contras» nicaraguenses partiu de um responsável israelita.

Na sua edição de hoje, o «New York Times», citando fontes do Congresso dos EUA, acrescenta que Edwin Meese disse durante uma audiência à porta fechada, que quando interrogou o tenente-coronel Oliver North, em 23 de Novembro, este lhe disse que a ideia tinha partido dos israelitas.

No dia 25 de Novembro, Meese disse em conferência de imprensa que os israelitas estavam envolvidos na transferência de fundos. O governo israelita tem, contudo, negado qualquer ligação com o desvio de lucros para os rebeldes anti-sandinistas.

As fontes citadas pelo «New York Times» discorrem sobre a identidade do responsável israelita, mas uma declarou que Meese o identificou como David Kimche, ex-director-geral do Ministério israelita dos Negócios Estrangeiros e que foi um dos obreiros da operação secreta com o Irão.

Entretanto, a Casa Branca afirmou que as conversações que mantem em Haia com o Irão «não têm qualquer vínculo» com a situação dos reféns norte-americanos no Líbano.

Representantes dos Estados Unidos e do Irão reuniram-se ontem em Haia para analisarem um pedido de Teerão para a restituição de 500 milhões de dólares em bens iranianos congelados num banco dos Estados Unidos, na sequência da corte de relações que se seguiu ao derrube do Xá Reza Pahlevi.

A morte de Harold MacMillan

Políticos de todos os credos prestaram hoje homenagem à memória de Harold Macmillan, conde de Stockton e o mais antigo ex-primeiro-ministro britânico vivo, que ontem faleceu com 92 anos de idade, vitimado por uma pneumonia.

Chefe de governo pelo Partido Conservador de 1957 a 1963, Macmillan recebeu o título de conde de Stockton, que lhe foi conferido pela rainha Isabel II, quando completou 90 anos.

Começou a sua carreira política aos 30 anos e prosseguiu-a até aos 70, tendo atravessado a difícil época do desmantelamento do império britânico em África. Foi deputado conservador, sub-secretário do Parlamento e ministro do Exército no governo de Churchill, em 1940.

Entre 1951 e 1956 Macmillan

assumiu diversas pastas, até ser nomeado chefe do governo.

Decano da Universidade de Oxford, onde estudou na juventude, Harold Macmillan foi investido com o título de doutor «honoris causa» por essa instituição de ensino inglesa.

A família do ex-primeiro-ministro anunciou que o funeral realizar-se-á na sua terra natal, não estando prevista qualquer cerimónia fúnebre protocolar.

Ele assegurou um lugar nos livros da história da descolonização ao fazer um discurso no Parlamento sul-africano, em 1960, no qual afirmou que os «ventos de mudança» se agitavam em direcção à África.

Acerca da situação interna na Grã-Bretanha, este primeiro-ministro tornou-se célebre ao co-

mentar o acelerado desenvolvimento económico do pós-guerra, com uma frase que se tornou popular: «Francamente, a maioria do nosso povo nunca esteve tão bem».

O Palácio de Buckingham afirmou que a rainha Isabel II «ouviu a notícia com grande tristeza» e enviou uma mensagem pessoal à família do político, com quem se reunia semanalmente para analisar os assuntos de Estado durante os sete primeiros anos do seu reinado.

Thatcher, por seu turno, considerou Macmillan um «idealista» e um «político avisado», afirmando que a sua experiência da guerra o levou a ter horror aos conflitos armados e à convicção de que «não se devem repetir erros que conduzam a tais tragédias».

Moscovo poderá libertar milhares de presos políticos em 1987

A libertação este mês de Andrei Sakharov insere-se num projecto de amnistia actualmente em estudo no Kremlin. A notícia foi dada pelo jornal britânico «Sunday Times» que afirma que o líder soviético Mikhail Gorbachev vai libertar milhares de presos políticos quer de estabelecimentos prisionais, quer do exílio interno, no decorrer do próximo ano.

O correspondente em Moscovo do jornal, citando «fontes oficiais soviéticas qualificadas», adianta estar em curso uma modificação sensível na política do Kremlin para com os dissidentes.

Segundo o mesmo artigo,

já foi constituída uma comissão composta por membros do KGB, do Partido Comunista e do departamento governamental responsável pelos presos, a qual está a organizar a libertação de um elevado número de dissidentes.

Guerra das estrelas

Em declarações a um grupo de correspondentes ocidentais, Andrei Sakharov considerou que o projecto norte-americano de defesa espacial, conhecido por «guerra das estrelas», é possível do ponto de vista científico, mas estratégica e militarmente inviável.

O conhecido dissidente disse a este respeito que não

tem sentido a posição soviética de condicionar um acordo sobre a redução de armamento à eliminação do desenvolvimento do projecto de defesa espacial.

O pai da bomba atómica soviética acrescentou que acredita que o seu país também já começou as investigações para o desenvolvimento do seu próprio sistema de defesa espacial.

Segundo Sakharov, as relações entre as duas superpotências melhorarão quando o mesmo acontecer com os conflitos regionais e reiterou a sua posição favorável a uma retirada total e imediata das tropas soviéticas do Afeganistão.

Da proibição de leccionar até à Ordem da Liberdade

Morreu o poeta Joaquim Namorado

«Nas esquinas/ pelas portas dos cafés/ pedintes ainda meninos/ estendem a mão a quem passa/ e quem passa dá esmola/ ou não/ e passa...// Ninguém escuta já a história/ gasta e estafada/ verdadeira ou falsa/ que murmuram seus lábios fanados/ como pétalas murchando/ ninguém responde ao apelo/ desta mão suplicante/ que se estende tímida e humilde/ e se pendura nas abas dos casacos:— Quem passa dá esmola/ ou não/ e passa...»

Este poema (aqui parcialmente transcrito) surgiu num momento difícil da vida portuguesa, no ano de 1945, inserto no livro «Incomodidade». Quem o poeta? O poeta chamava-se Joaquim Namorado, ontem falecido, pouco antes da meia-noite, num hospital de Coimbra, e dos Covões. Contava 72 anos, e encontrava-se ali internado (pneumonia) há cerca de um mês, tendo-lhe sido recentemente colocado um «pace-maker». O seu funeral realiza-se amanhã às 10 horas do estabelecimento hospitalar acima mencionado para o cemitério de Santa Clara.

Títulos contra o silêncio

Joaquim Namorado, nome de relevo do grupo neo-realista coimbrão e colaborador literário de várias publicações, nasceu em Alter do Chão. Licenciado em Ciências Matemáticas pela Universidade de Coimbra, Joaquim Namorado foi professor do Ensino Secun-

dário, na cidade do Mondego, onde (como acima apontamos) viria a animar o movimento neo-realista ali gerado.

Ora como animou Joaquim Namorado o movimento neo-realista coimbrão?

Atentemos, simplesmente, nos seus livros. Por exemplo: «Aviso à navegação», de 1941, e publicado no «Novo Cancioneiro», foi (segundo os entendidos) a sua primeira grande obra e talvez a mais significativa. Outros títulos, no entanto, se seguiram: «A poesia necessária», «Incomodidade» (que inclui «Invenção de poeta», «Viagem ao país dos nefelibatas» e «Agora») e «Vida e obra de Federico Garcia Lorca». Estes livros (e no perfil breve que um jornal da tarde exige) são alguns dos mais representativos da obra do poeta, de acordo com a crítica especializada e na apreciação também dos seus leitores.

Abramos agora o «Pequeno dicionário de autores de língua portuguesa», elaborada por Fernanda Frazão e Maria Filomena Boavida. Aí lemos sobre Joaquim Namorado: «Os seus poemas sarcásticos e polémicos, mas pouco cuidados na forma, exerceram grande influência e constituem parte significativa da época em que foram publicados (...)».

Mas nem só pelos livros se ficou o poeta. Espalhou ainda abundante colaboração em revistas como «Vértice» (da qual foi redactor), «O Diabo», «Manifesto», «Sol Nascente» e «Seara Nova». Atente-se

MANIA DAS GRANDEZAS

Pois bem, confesso:

fui eu quem destruíu as Babilónias e descobriu a pólvora...
Acredite,
a estrela Sírius, de primeira grandeza,
(única no mercado)
deixou-me meu tio-avô em testamento.

No meu bolso esconde-se o segredo das alquimias
e a metafísica das religiões
— tudo por inspiração!

Que querem?
Sou poeta
e tenho a mania das grandezas...

Talvez ainda venha a ser Presidente da República.

nos títulos destas publicações: elas são o símbolo, no pós-guerra, da voz da Pátria portuguesa, voz estrangulada (como de todos é sabido) pela política de Salazar e seus ministros. Aí, pois, Joaquim Namorado apontou o que era de justiça apontar: uma outra abertura ao mundo, uma outra claridade nos espíritos. Tarefa incómoda...? Sim: daí o seu livro «Incomodidade», cujos poemas, em certos cantos do País, andaram de mão em mão copiografados ou manuscritos... Um tempo, enfim, de luta em que todos nós éramos solidários.

Mais recentemente, já com a Democracia institucionalizada, Namorado deixou colaborações no «Diário de Lisboa»

e em «O Diário», tendo publicado neste último quotidiano, há poucos meses, um ensaio sobre a poesia portuguesa relativa à Guerra Civil Espanhola.

Vozes dos companheiros de jornada

Obviamente perseguido pelo regime do Estado Novo, foi impedido de leccionar nas escolas oficiais, pelo que se dedicou a dar aulas particulares a alunos do Ensino Secundário.

Dizia, em plena crise, o poeta:

«Fizeram-me o favor de não me mandarem para Chaves ou Bragança — e eu cá fiquei a

vender lições como quem vendia tremoços.»

Só depois do 25 de Abril de 1974 é que o poeta passou a ser professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

Após a morte, logo os seus companheiros de jornada se fizeram ouvir. Assim, o prof. Orlando de Carvalho, catedrático da Faculdade de Direito daquela cidade, emitiu a opinião, face ao desaparecimento do poeta, que «é um registo moral e mental que deixa um vazio difícil de preencher.» Elemento da tertúlia de Namorado, Orlando de Carvalho observou ainda que a sua personalidade «foi sempre a de uma pessoa com uma fidelidade intransigente a todos os seus princípios.» E também: «Ele não contemporizava facilmente com traições — e sempre expressou por todas as manifestações do espírito, desde a escrita às artes plásticas, um interesse inventivo e generoso.»

Por sua vez, e também em Coimbra, o constitucionalista Vital Moreira considerou a morte de Joaquim Namorado «uma enorme perda para a cultura portuguesa.»

Vital Moreira diria ainda que «a importância da sua acção, sobretudo através da revista «Vértice», de que foi responsável durante algumas dezenas de anos, marca lugar na história da cultura do século XX em Portugal.»

«Pessoalmente — acentuou Vital Moreira — pertença a uma geração e a um grupo de pessoas que ficaram a dever a Joaquim Namorado, não só uma amizade enorme, mas também uma boa parte da sua formação intelectual e ideológica.»

Ordem da Liberdade

Tendo recebido várias distinções, entre as quais se conta a Ordem da Liberdade, Joaquim Namorado (da geração de Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Álvaro Feijó, João José Cochofel, Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, Políbio Gomes dos Santos), foi homenageado em 1983 pela cidade de Coimbra (onde passou «a maior parte do tempo», conforme então recordou), cuja municipalidade lhe atribuiu a Medalha de Ouro no dia 5 de Outubro.

Na ocasião, Joaquim Namorado (casado, pai de duas filhas e avô) afirmaria que a cultura «é uma forma do homem realizar de uma maneira coerente os seus objectivos» — e considerou que as doutrinas formalistas «aparecem no jogo quando os homens se entretêm a enganar-se uns aos outros.»

Interessava-lhe, pois, o conteúdo da verdade, tão dolorosamente patente em «Incomodidade» quando lançava os olhos pela sua Pátria: «Ai, pobres mendigos pálidos meninos, sangue da minha raça!»



A memória acolhedora da T

Tari

Jorge I

Não voltou a ver a Grande morreu em Paris, no exílio a porventura, o maior cineasta d tece, face ao seu cinema, dizer nostalgia, mas a realidade é morreu de cancro numa ago meses.

Hoje todas as igrejas deveria dos e haver um cantochão gr Deus existisse velaria a Sua fa reu o cineasta que, nesta seg século, mais interrogou o S curou-O sob os traços apagado Roubliev, no fabrico imenso d pelo trabalho do homem, no me guerra. Procurou-O nos confin onde a consciência tomava a planeta vivo e interperante. terra devastada e proibida ond ricos, desesperados e sem fé, c um pobre homem que não sabia acreditava, e por isso a sua pr



A busca de uma razão para a





Terra-Mãe: «Nostalgia»

kovsky

Leitao Ramos

nde Mãe Rússia,
o aquele que era,
a da URSS. Ape-
zer que morreu de
é mais prosaica:
agonia que durou

eriam tocar a fina-
grave e tiste. Se
face porque mor-
segunda metade do
silêncio. Pro-
dos dos ícones de
o de um sino feito
meio da fúria e da
fins do espaço, lá
a forma de um
e. Procurou-o na
onde entravam os
fé, conduzidos por
abia o segredo mas
a prole fora aben-

çada. Procurou-o no silêncio bombardeado de uma catedral que tinha lá dentro toda a terra, toda a memória, todo o desgosto. Tarkovski perseguiu o absoluto com a angústia de um crente céptico. E fez do cinema um instrumento de louvor e labor. Era Deus, a alma russa, a introspecção na consciência ou apenas um retrato convulso do homem perdido num universo queto e violento? Era tudo isso e cinema, apaixonante.

«Um filme deveria ser, para o autor e para o espectador, um acto moral purificador» — dizia. E praticou esse rigor ético como uma religião. Deixou-nos oito filmes em que levou a paroxismos de sufocante beleza essa vontade de ascese e poesia que era a mola da sua obra. Forçado ao exílio em 1984, ele que era o mais desentranhadamente russo dos cineastas da sua geração, acabou por morrer sem voltar à «humilde Tera-Mãe», matriz do cinema que olhou como se fosse um visionário ou um profeta.

Morreu Andrej Arsenievic Tarkovkij, cinquenta e quatro anos, cineasta.



A Beleza no meio da guerra e da fúria. «Andrei Rubliev»

Morreu Andrei Tarkovsky

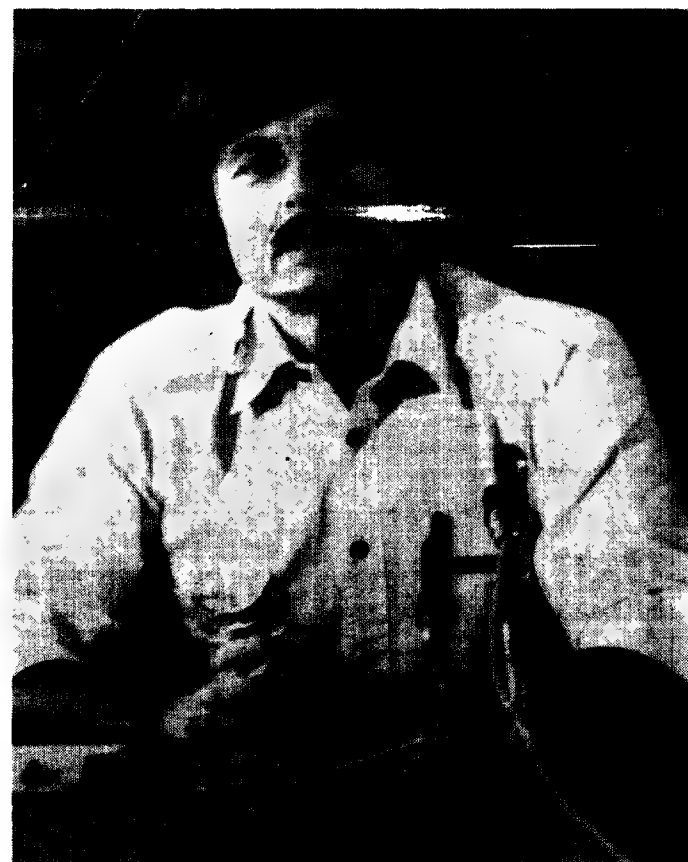
Faleceu o realizador soviético, exilado, Andrei Tarkovsky, criador de «Andrei Rubliev», «Nostalgia» e «Sacrifício». Tinha 54 anos e foi vitimado por um cancro que levava ao seu internamento, há vários meses, na clínica de Hartman, nos subúrbios de Paris. Devido à doença, já não comparecera à entrega do grande prémio especial com que o júri do Festival de Cannes distinguiu o seu mais recente filme, «Sacrifício».

Tarkovsky, cujas obras foram severamente criticadas pelas autoridades soviéticas, decidiu permanecer no Ocidente depois da apresentação em Itália de um dos seus filmes mais belos, «Nostalgia», em 1983.

Algum tempo após a decisão de permanecer no Ocidente, Tarkovsky queixou-se de que «os nossos tempos destruíram a capacidade para sentir a beleza» e que a cultura de massas «entorpeceu a alma».

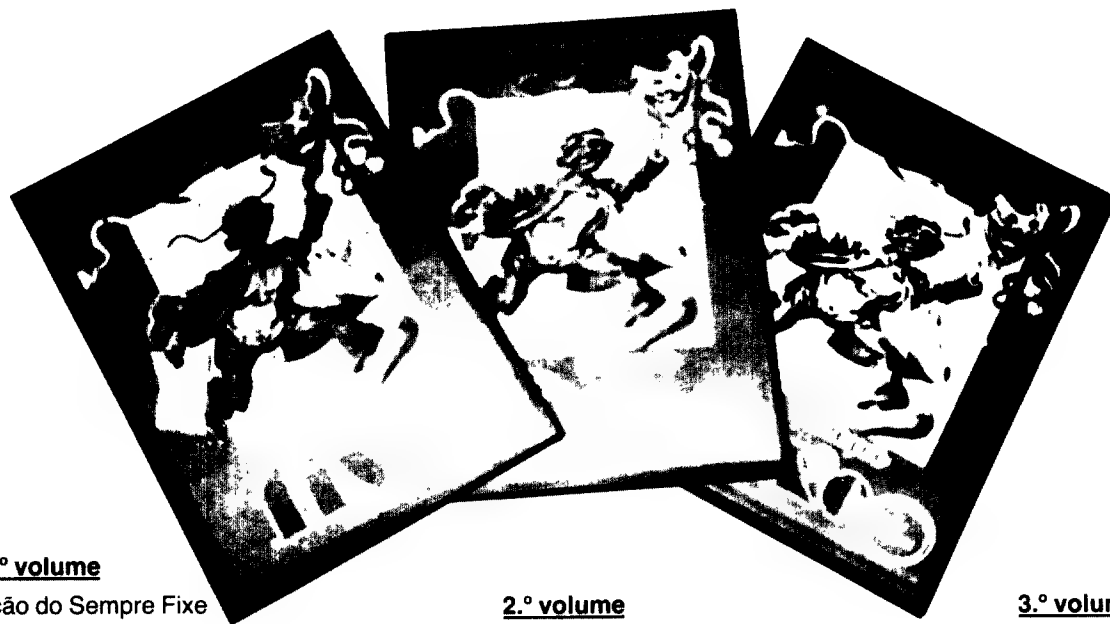
Dos seus primeiros filmes, só dois não lhe causaram problemas na União Soviética — «A Infância de Ivan», de 1962, e «Solaris», de 1972. «Andrei Rubliev» esteve retido vários meses antes de ser lançado no circuito comercial.

As exéquias do cineasta estão marcadas para hoje, numa igreja ortodoxa de Paris.



SEMPRE FIXE

3 ÁLBUNS ENCADERNADOS



1.º volume

Reprodução do Sempre Fixe dos anos 1926 e 1927*

2.º volume

Caricaturas de Stuart Carvalhais

3.º volume

Caricaturas de Carlos Botelho

* — O 1.º volume contém caricaturas de Francisco Valença, Amarelhe, Stuart Carvalhais, Almada, Carlos Botelho, Jorge Barradas, Roberto Nobre e Bernardo Marques.

Preço de cada volume: 400\$00
Preço da colecção (3 vol.): 1 000\$00

COMPRE JÁ
antes que esgote!

ÚLTIMOS EXEMPLARES

DISPONÍVEIS

À VENDA NO DIÁRIO DE LISBOA — R. Luz Soriano, 15-17, Lisboa

— Pedidos telefónicos para reserva — 37 27 81 ou 32 11 54 — Sr. Alfredo de Carvalho

Darty Móveis Confiança abre loja no Montijo

As Organizações A.S. Nunes fabricantes de mobiliário com venda directa ao público abriram mais uma loja **Darty Móveis Confiança** na margem sul do Tejo, desta feita no Montijo (R. José Joaquim Marques, 40), aí

procedendo a preços especiais motivados pela campanha de inauguração.

Com sede em Odivelas e fábricas em Leiria e no Porto, a **Darty Móveis Confiança** passa,

assim, a ter abertas ao público 45 lojas, nomeadamente em Lisboa, Cova da Piedade, Barreiro, Alverca, Almada, V.F. de Xira, Paivas, Porto, Castelo Branco, Coimbra, Faro e, agora, no Montijo.

Heller Factoring aumenta capital

A **Heller Factoring Portuguesa** acabou de aumentar o seu capital de 200 000 contos para 300 000 contos com subscrição pública de 60 000 acções.

As acções destinadas ao público foram colocadas através da **União de Bancos Portugueses** e da **CISF** tendo esgotado no 1.º dia da emissão pouco tempo depois da abertura da mesma.

Esta empresa parabancária que lidera o mercado de factoring expandiu com assinalável êxito a sua actividade dos últimos dois anos. O volume de créditos tomados e os resultados depois de impostos deverão ultrapassar respectivamente nove milhões de contos e cem mil contos, no presente exercício, o que se traduz em taxas de crescimento superiores a 100% relativamente ao ano transacto.

"Réveillons" em Albufeira e no Funchal

O Hotel Sol e Mar, de Albufeira, terá o seu «réveillon» abrihantado pelo conjunto austríaco «Joy» e pelas atracções portuguesas **Carlos Coelho** e «**Halley Band**» (na foto).

Por seu turno, outra das unidades das **Organizações Fernando Barata**, o Hotel São João, no Funchal (da Arquiter, S.A.), também comemorará com grandes festejos a passagem de ano da próxima 4.ª feira, após ter tido três dias de festas por altura do Natal. Assim, neste conhecido «4 estrelas», o «réveillon» constará dum «buffet» de gala, de baile durante toda a noite pelo **Conjunto Opus** e das actuações do **Trio Atlântico**, do **Duo Aquiles e Hortense** em magia e do romântico e promiss-



sor cançonetista madeirense **Nando Barros**.

Como convidada de honra e «**Madrinha do Ano Novo**» estará presente a jovem e graciosa estudante «**Carla Marilyn Freitas Dantas**, que foi eleita

«**Princesa do Turismo**» em Fevereiro no Carnaval e que presidirá ao brinde com champagne com que, ao dar da meia-noite, o **São João** celebrará no seu terraço a despedida deste ano e a chegada do próximo — assim literalmente em beleza.

Salão Móvel inaugura 5.ª loja

No sentido de satisfazer as necessidades de um público mais exigente o **SALÃO MÓVEL** acaba de inaugurar, na Av. Almirante Reis, 77 em Lisboa a sua **QUINTA LOJA**.

O **SALÃO MÓVEL** começou por ser, há seis anos, uma iniciativa quase familiar do dr. **Equibal Gulamali**. A sua primeira exposição de mobiliário era uma tentativa de ir directamente ao encontro das preferências de cada um, apresentando um mobiliário que se viria a «definir» segundo o desejo dos seus clientes. Com a inauguração da **Quinta Loja**, **SALÃO MÓVEL** passa a dispor de uma área de exposição de 1400 m², com um mostruário permanente no valor de 20 000 contos.

Nas cinco lojas de **SALÃO MÓVEL** estão em exposição mais de 25 modelos de quartos de casal e de criança, inúmeras mobílias de sala, muitas estantes, diferentes tipos de bar e sofás elegantes. Móveis de estilo moderno, facilmente desmontáveis e fiéis à criação de harmonia contemporâneas com cores variadas e «design» original, assim como móveis rústicos, utilizando sobretudo o pi-

nho, contrastando com uma solução decorativa mais tradicional.

A natureza móvel deste salão é, simultaneamente, indicativo de gosto pela expansão, aperfeiçoamento e fidelidade aos valores iniciais de **SALÃO MÓVEL**. O desejo do dr. Gulamali, que um dia será realidade, é ter em Lisboa um grande espaço, num só edifício, com uma exposição por andares segundo o tipo de mobiliário oferecido. Contudo, uma vez que não é exequível a prazo imediato, o **SALÃO MÓVEL** volta a ser ampliado com o já designado **QUINTO SALÃO**.

Reservado à linha clássica de alta qualidade e modelos exclusivos, este **NOVO SALÃO** apresentará uma grande variedade de móveis, notáveis pelo seu requinte e inconfundíveis no «design», ao qual será, intencionalmente, imprimido um cunho nacional. O **QUINTO SALÃO** será, pois, uma aposta na preferência do consumidor pelos estilos eternos e madeiras nobres, confiante no mobiliário português, bem reconhecível nas Feiras Internacionais.

"Quinta da Aveleda" em Nova Iorque

A **Sociedade Agrícola e Comercial da Quinta da Aveleda, Ld.ª**, o maior produtor e exportador de vinhos verdes,

abriu agora uma delegação em Nova Iorque que lhe permitirá

dinamizar a venda das suas quatro marcas: «**Aveleda**», «**Casal Garcia**», «**Quinta da Aveleda**» e «**Grinalda**».

Além disso, a existência deste escritório nova-iorquino vai

também dar ensejo à «**Quinta da Aveleda**» — que há muitos anos exporta para os Estados Unidos — de defender mais eficazmente os seus interesses e controlar, de perto, o mercado mais profissional e competitivo do mundo.



Ford aposta na juventude portuguesa

«É extremamente gratificante para nós verificar que em apenas 15 meses a **Fórmula Ford** em Portugal tornou-se numa das atracções do desporto automóvel e dos calendários desportivos. Para os pilotos mais jovens a **Fórmula Ford** continua a ser uma oportunidade para fazer uma carreira em monolugares. O meu sonho pessoal é vir a ter um piloto português na **Fórmula 1**, o que não é impossível. Por exemplo, na próxima época teremos dois pilotos a disputar o campeonato inglês de **Fórmula Ford**».

São palavras de Udo Kru-

se, presidente do conselho de administração da **Ford** portuguesa, no decorrer de uma festa de fim de ano no Loucuras, realizada em colaboração com a **Castrol** e a **Dia-bolique**, em que estiveram presentes importantes personalidades, entre as quais a dra. Maria Barroso, o dr. Francisco Pinto Balsemão e o eng. Viana Baptista.

Udo Kruuse confirmou o envolvimento da **Ford** na competição em 1987 continuando assim uma aposta na juventude de Portugal e também uma determinada filosofia e compromisso para com

a comunidade e especialmente a juventude.

Mas Udo Kruuse pôde também anunciar um facto importante: «de uma situação dramática em 1983, a companhia conseguiu concluir 1986 com resultados positivos».

No decorrer da festa foram distribuídos os prémios da **Fórmula Ford** e os prémios de prestígio anualmente instituídos por aquela companhia, este ano atribuídos a José Pinto e Adriano Cerqueira, Carlos Bica (pai), Miguel Félix da Costa e Eng. Viana Baptista.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SETÚBAL

2.º Juízo

1.ª Secção

ANÚNCIO

FAÇO saber, que nos autos de Carta Precatória n.º 180/86, vindos do 8.º Juízo Cível, 1.ª Secção, da comarca de Lisboa, para venda, extraídos dos autos de Execução Sumária n.º 5443, em que são exequentes — **SOCIEDADE PORTUGUESA DO AR LÍQUIDO** (Arliquido), SARL, e executado — **METALÚRGICA DO SADO, LDA.**, se encontra designado o dia 22 de Janeiro de 1987, pelas 14 horas, para a Arrematação em Hasta Pública, dos bens móveis, que a seguir se discriminam, os quais serão arrematados ao maior lance oferecido, acima do valor das respectivas avaliações, e que são os seguintes:

- 1.º — Uma máquina de Fresar-Enae, Yorschub-Bel-Eine-Mspindelungrehfaung, modelo 403020, avaliada em 60 000\$00;
- 2.º — Um engenho de furar, marca «Dresdner», de cor verde, muito antigo, avaliado em 30 000\$00;
- 3.º — Um engenho de furar, pequeno, sem marca, de cor verde, muito antigo, avaliado em 10 000\$00;
- 4.º — Um serrote mecânico, de cor verde, movido a motor eléctrico por correias, sem marca e muito antigo, avaliado em 15 000\$00;
- 5.º — Um armário metálico de cor verde, com doze gavetas, avaliado em 1 500\$00;
- 6.º — Duas estantes em tubo de ferro, de cor verde, avaliado em 1 500\$00;
- 7.º — Uma esmeriladora eléctrica, trifásica, sem marca, avaliada em 5 000\$00;
- 8.º — Um torno eléctrico, de cor verde de marca «Varnamo», de dois metros entre pontos, muito antigo, avaliado em 100 000\$00;
- 9.º — Um torno accionado a motor eléctrico por meio de correias, bastante velho, de cor verde, avaliado em 150 000\$00;
- 10.º — Cinco bancadas metálicas, de cor verde, com gavetas, sendo duas delas com torno, avaliadas em 40 000\$00;
- 11.º — Duas bancadas metálicas próprias para lavar peças, tendo uma delas acoplada uma bomba manual para testes de pressão de óleo, avaliadas em 15 000\$00;
- 12.º — Uma bancada metálica com tesoura de cortar chapa incorporada, avaliada em 10 000\$00;
- 13.º — Uma prensa hidráulica, de cor verde, com bastante uso, sem marca, avaliada em 100 000\$00;
- 14.º — Uma esmeriladora, de cor azul, trifásica, sem marca, avaliada em 10 000\$00;
- 15.º — Dois armários metálicos, sendo um deles de cor verde e outro de cor azul, mais pequeno, avaliados em 5 000\$00;
- 16.º — Um limador da marca «STANDAR», de cor verde, movido a motor eléctrico por correias, com quarenta peças para limador, avaliado em 50 000\$00;
- 17.º — Um carro em ferro para transporte de motores, avaliado em 5 000\$00;
- 18.º — Um carro de mão em ferro, bastante usado, avaliado em 1500\$00;
- 19.º — Uma máquina de atarraxar, sem marca, movida por electricidade por correias, avaliada em 20 000\$00;
- 20.º — Uma forja, avaliada em 5 000\$00;
- 21.º — Uma bancada encarnada pequena, com um torno pequeno em ferro avaliada em 4 000\$00;
- 22.º — Uma cábreia, de cor verde, própria para levantar motores, com um guincho manual, avaliada em 35 000\$00;
- 23.º — Uma calandra manual, bastante velha, sem marca, avaliada em 20 000\$00;
- 24.º — Um maçarico de corte com manómetros e mangueiras, avaliado em 10 000\$00;
- 25.º — Uma máquina de soldar bastante antiga, da marca «WEIDER SB 200» e duas máscaras de soldar, avaliadas em 15 000\$00;
- 26.º — Um lote de várias ferramentas, chaves de boca, martelos e outras, avaliadas em 15 000\$00;
- 27.º — Um expositor de brocas, com várias brocas de vários tamanhos, avaliado em 20 000\$00;
- 28.º — Um expositor com dez desenhadores e um quadro com quarenta tarraças de várias medidas, avaliado em 30 000\$00;
- 29.º — Um veio com várias polias para correias, para movimentação de máquinas, avaliado em 40 000\$00.

É depositário dos referidos bens, o Sr. João Pedro Veríssimo Rasteiro, residente no Largo Campos Flores, n.º 33 — São Gabriel, em Setúbal.

Setúbal, 9 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito
Germano António Reis da Fonseca

O Escrivão Adjunto
Maria da Conceição Faria de Melo

(DL 30/12/86 — 1.ª Pub.)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 17.º JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER, que por este 17.º Juízo e 3.ª secção, correm êditos de 30 dias, depois de decorridos 10 dias, que começarão a contar-se a partir da publicação do segundo anúncio, para o réu **JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES DA SILVA LICO**, com última morada conhecida em — Rua Sociedade Farmacêutica, 40-1.º F — Lisboa, contestar, querendo, a presente acção, sob pena de poder vir a ser condenado no pedido, encontrando-se os duplicados legais, na secretaria deste tribunal.

ACÇÃO SUMÁRIA N.º 3150 — 17.º JUÍZO CÍVEL — 3.ª SECÇÃO.

AUTOR — COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO EP.

RÉU — **JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES DA SILVA LICO**.

Lisboa, 19 de Dezembro de 1986

O JUIZ DE DIREITO
José A. Castano Duarte

A ESCRITURÁRIA
M.ª Zita P. Paula

(DL 30/12/86 — 1.ª Pub.)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 2.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio. Execução ordinária n.º 1971 1.ª secção. Exequentes: Companhia de Seguros Império, EP. Executado: Gonçalves & Ribeiro, Lda., com sede na Rua dos Bombeiros Voluntários da Póvoa do Lanhoso.

Lisboa, 18 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito
José Tavares de Paiva

pel'O Escrivão de Direito
Maria Teresa de Matos Dias

(DL 30/12/86 — 1.ª Pub.)

Futre entre os "maiores"

Paulo Futre, figura em 17.º lugar numa lista encimada pelo soviético Igor Belanov, do Dínamo de Kiev, considerado pela revista francesa «France Football» o melhor jogador europeu em 1986.

Belanov, que ajudou o seu clube a conquistar o campeonato soviético de futebol e a Taça dos Campeões Europeus, vai receber uma «Bola de Ouro», galardão atribuído pela citada revista para premiar «o melhor futebolista europeu durante o ano de 1986».

Os juizes atribuíram a Belanov uma cotação de 84 pontos, mais 22 do que ao seu mais directo rival, o inglês Gary LINEKER, que joga no Barcelona. Em terceiro lugar, com 59 pontos, ficou o espanhol Emilio BUTRAGUENO, que alinha pelo Real Madrid.

O jovem futebolista do FC Porto, classificou-se em 17.º lugar com um total de 4 pontos, «ex-aequo» com Luís Fernandez, do Racing de Paris, Harald Scumacher, do FC Colónia e Ruud GULLIT, do PSV Eindhoven.

Em 1985 o futebolista Michel Platini foi eleito o «melhor jogador europeu do ano» pela mesma publicação desportiva francesa.

Por seu turno, a revista francesa «L'Equipe» atribui o título de «campeão dos campeões em 1986» ao futebolista argentino Diego Maradona, que joga no clube italiano de Nápoles.



Futre: prestígio vai subindo

Hoje: ministros visitam Benfica

Os ministros da Educação (João de Deus Pinheiro) e do Plano (Valente de Oliveira) visitam esta tarde o complexo desportivo do Sport Lisboa e Benfica e pelas 15 horas assistirão à inauguração dos tanques de aprendizagem. É possível que os actuais dirigentes do Benfica (cujo mandato termina oficialmente amanhã) voltem a falar da construção de piscinas, porquanto se trata dum assunto normalmente abordado quando se aproximam as eleições, e elas não tardam.

Kubala desliga-se do Múrcia

Ladislao Kubala anunciou a sua demissão de treinador do Múrcia, da primeira divisão do campeonato espanhol de futebol.

O ex-seleccionador nacional afirmou que a sua atitude se deve a «razões extradesportivas» e manifestou a sua solidariedade à direcção do clube, mas, acrescentou, «há quem esteja a fazer mal ao Múrcia e aos seus dirigentes». «Decidi afastar-me porque há problemas em torno do clube que não posso resolver», sublinhou Kubala, recusando esclarecer informações que apontam ter havido problemas entre alguns jogadores e o técnico.

O presidente do Múrcia, Jose Prado Cano, disse, por seu turno, que Kubala já o informara de que o seu estado de espírito «não lhe permitia continuar mais tempo à frente da equipa».

Ladislao Kubala fora contratado pelo Múrcia em substituição de Vivente Campillo, na primeira semana de Outubro passado, quando a equipa ainda só conseguira dois pontos no campeonato.

Durante o período em que orientou a equipa, o Múrcia jogou 12 partidas, perdendo quatro, mas tendo vencido o Barcelona, o Atlético de Bilbao e o Atlético de Madrid.

O Múrcia está actualmente no 14.º lugar do campeonato espanhol, com 16 pontos.

Itália moderniza estádios

O gabinete do primeiro-ministro italiano Bettino Craxi aprovou segunda-feira à noite um decreto para construção de novos estádios de modernização de alguns já existentes, com vista à organização do «mundial» de futebol de 1990.

Algumas das obras de beneficiação respeitam igualmente à disputa do mundial de atletismo que terá lugar em Itália no próximo ano, revelou um porta-voz ministerial.

Arbitragem em causa

Muito joio e pouco trigo

Decisivamente, o árbitro bejense Veiga Trigo, que no final da passada temporada foi distinguido pela elevação a «internacional», não tem vindo a justificar tal promoção já que algumas das suas actuações têm sido caracterizadas pelo negativismo. No passado domingo, em Guimarães, cometeu graves hiatos, ao deixar sem a respectiva punição uma agressão de Fernando Mendes cometida sobre o brasileiro Ademir e ao «virar os olhos» a uma falta de Costeado perante Silvinho na zona onde tais faltas são castigadas com a «pena capital». Estes lapsos, cometidos pelo árbitro Veiga Trigo, desvirtuaram o jogo e naturalmente que bulem com os interesses dos clubes em confronto e dos atletas profissionais intervenientes no espectáculo. Obviamente que não é assim que se consegue a moralização da arbitragem, mas antes se concorre, para que alastrem as denúncias, acusações e suspeições sobre o sector.

Ao ser espoliado de uma grande penalidade (inquestionável) quando vencia por 1-0, tem o Sporting Clube de Portugal toda a razão em vir a terriro denunciar a anormal actuação do árbitro do encontro já que seria difícil Manuel Fernandes não fazer subir o marcador, e, a perder por uma diferença de dois golos, não se nos afigura provável que os vimezanenses tivessem a força anímica para «virar» o resultado a seu favor. Dir-nos-ão que se tratará dum erro de julgamento, falta de visão do árbitro, deficiente colocação do auxiliar a quem compete visionar o lance, adiantando, inclusivamente, que «errar é humano» e por aí fora, só que tal tipo de erro é imperdoável e sendo o árbitro um «coordenador» do jogo terá que se encontrar em pleno apuro de forma físico-atlética para acompanhar os lances, não pode julgar as faltas à distância, e terá que recorrer aos fiscais de linha sempre que não se encontre no local ideal para julgar acertadamente. Tudo isto terá que ser rigorosamente observado pelos árbitros e só assim estará afastada a suspeição de que existem nos campos de futebol erros premeditados.

E, diremos que a estes corresponde a irradiação pura e simples do faltoso.

Dizia, com absoluta propriedade, o antigo «patrão» da arbitragem mundial «Sir» Stanley Rous de que o árbitro «é a figura fulcral do jogo», e só porque tal conceito se finca na inquestionável realidade, deverá essa «figura», situar-se dentro do rectângulo (fora dele deverá assumir-se com toda a dignidade e idoneidade moral) com rigor na observação dos lances, isenção na aplicação das leis, determinação nas decisões, imparcialidade no julgamento e respeito pleno pelos atletas, treinadores e público. Em Guimarães, estes atributos não foram exibidos pelo juiz alentejano e daí que assista inteira razão aos dirigentes do SCP para lançarem vigoroso comunicado protestando e clamando por «revisão de métodos» que se tornam urgentes por parte do competente sector integrado na Federação Portuguesa de Futebol.

Vejamos o teor do «manifesto de revolta» emitido pelo executivo liderado pelo dr. Amado de Freitas:

«A Direcção do Sporting Clube de Portugal e a sua mas-



Veiga Trigo: arbitragem com muito joio, mas não é caso de polícia

sa associativa não podem calar por mais tempo a preocupação crescente causada pelo que se tem vindo a passar com certas arbitragens.

Na verdade, manter o silêncio perante a revoltante arbitragem do sr. Veiga Trigo seria pactuar com o desvirtuamento da realidade de um jogo e de uma competição.

E desvirtuar a verdade de um jogo e de uma competição foi o que o sr. Veiga Trigo fez ao não assinalar uma grande penalidade, intimidado certamente pelo clima de indisciplina e hostilidade que ele próprio deixou criar com a sua passividade.

Nesta conformidade e atendendo a que tal situação não deixará de preocupar também o Conselho Nacional de Arbitragem, cujo presidente assistiu ao desafio, a Direcção do Sporting solicitou ao sr. Pinto de Sousa urgente audiência, o que se espera venha a acontecer nos próximos dias.

Ficamos a aguardar pelo resultado deste «encontro» entre o sr. Pinto de Sousa e os dirigentes do Sporting, bem como das «medidas disciplinares» que o Conselho de Arbitragem venha a

tomar em relação aos árbitros que cometem atropelos sobre a verdade do jogo, «mandando às urtigas» o código em que devem consubstanciar as suas decisões de julgadores ainda que disponham de poderes amplos e discricionários.

Ainda que alguns elementos afectos ao sector venham, com alguma constância, afirmar que o nível da arbitragem é bom nós diremos que antes pelo contrário ele atinge confrangedora mediania.

E para avivar a memória daqueles que perfilham a tese de que as actuações dos nossos árbitros são positivas apenas os convidados a atentarem no que se passou no V. Guimarães - FC Porto, Benfica - Farense, Chaves - Benfica, Rio Ave - FC Porto, Belenenses - FC Porto, Varzim - Belenenses, Guimarães - Chaves, Chaves - Belenenses, Marítimo - Portimonense e ...no V. Guimarães - Sporting, para verificarem que, ao considerarem positiva a nossa arbitragem futebolística, é estarem a franquear o reino da mentira.

E sobre este tema ficamos por aqui.

Alves Henriques

João Alves continua Humberto talvez não

Ao contrário do que fora oportunamente anunciado, o técnico boaviteiro João Alves irá continuar no Bessa até que Valentim Loureiro e seus pares encontrem «um técnico que sirva para o clube».

Esta decisão foi comunicada por Valentim Loureiro aos jornalistas, e porque tenha referido que Alves seria «moralmente responsabilizado» se cumprisse o preceito de se afastar, o treinador resolveu continuar no seu posto até que seja escolhido o seu sucessor. Ou nos enganamos muito ou Alves vai, pelo menos, ficar no Bessa até ao dia 31 de Maio.

Quanto a Humberto Coelho — que teria colocado o seu lugar ao dispor dos dirigentes do SC Braga — apenas se sabe que durante o dia de hoje decorrerá uma conferência de imprensa para divulgação das decisões tomadas sobre o assunto. Entre os adeptos (e

alguns dirigentes do clube bracaraense) consta que Humberto Coelho já terá «arrumado a trouxa», no entanto, poderá prevalecer a vontade do presidente Mesquita Machado que defende a continuidade do técnico.

Houtman já assinou

Conforme referimos na nossa edição de ontem, o futebolista holandês Peter Houtman assinou contrato com o Sporting que vigorará até final da época 1989/90. Quanto a verbas diz-se que o clube «leonino» terá despendido uma soma aproximada de 80 mil contos.

Fernando Peres treina o Peniche

O treinador Fernando Peres foi chamado a render António Tavares no comando do futebol do Peniche, elevando-se assim a 34 o n.º de treinadores substituídos nas três divisões do futebol federativo.

Mais brasileiros

Depois de Oliveira e Maurício, o Salgueiros acaba de fechar contrato com Edson e Macedo.

Igualmente o SC Braga, parece disposto a trazer para Portugal o futebolista Valdinho que actua no Flamengo.

Recorde-se que só na 1.ª divi-

são já militam 51 brasileiros. E obra!

Marroquino para o Belenenses?

Esteve no México e chama-se Bourdebala, o marroquino que consta estar na «mira» dos dirigentes do Belenenses, os quais continuam em negociações com o brasileiro Alemão.



Houtman: a assinatura contratual que vigorará até Julho de 1990

Andebol: selecção prepara-se

A selecção portuguesa de andebol inicia, sexta-feira, um estágio de seis dias com vista à presença no Torneio Internacional do Luxemburgo, onde vai defrontar três países.

O Luxemburgo, em 9 de Janeiro, no dia seguinte joga com a Holanda e no último dia defronta a selecção de Israel.

O estágio da selecção portuguesa decorre até ao dia 8, ficando a equipa instalada no Centro de Férias do INATEL, em Oeiras, realizando-se os treinos nos pavilhões do Paço de Arcos e da Escola Náutica.

Os treinadores Manuel Manita e Manuel Sousa (adjunto) convocaram os seguintes jogadores: António Figueiredo, João Santa Bárbara, Manuel Charneca, Luís Lopes, Rui Ferreira, Mário Gentil, José Pires, José Cabaço, Luís Graça, Rui Aguiar, Alexandre Barbosa, José Luzia, Luís Lacerda, Manuel Marques, Eduardo Sérgio e Rui Ferreira.

As provas, realizadas sábado e domingo ao largo de Vilamoura, com vento fraco no primeiro dia e de força 2/3 no segundo, reuniram duas dezenas de embarcações.

Vela: torneio internacional de Vilamoura

Os velejadores Hugo Rocha, em Optimist, e Custódio Martins/Sérgio Agostinho, em cadete, todos do Grupo Naval de Olhão, venceram o II Torneio Internacional de Natal de Vilamoura, disputado no fim-de-semana.

Em Optimist, Hugo Rocha (GNO) conquistou o triunfo, ganhando as 4 regatas, tendo-se classificado a seguir Gonçalo Horta (SAD), Ricardo Magalhães (GNO), Filipe Silva (CIMAV) e Camilo Oliveira (GNO).

De salientar o bom comportamento competitivo de Ricardo Magalhães e Filipe Silva, respectivamente de 9 e 8 anos, a prenunciarem um futuro bastante promissor na modalidade.

Em cadete, a dupla Custódio Martins/Sérgio Agostinho impôs-se com facilidade, seguindo-se na classificação geral, Nuno Roquete/ Gonçalo Horta (GCN) e Carlos Mendes/ Filipe Antunes (GCN, de Faro).

As provas foram organizadas pelo Clube Internacional da Marina de Vilamoura (Cimav).

As provas foram organizadas pelo Clube Internacional da Marina de Vilamoura (Cimav).

Ténis: portugueses vencem lá fora

João Cunha e Silva qualificou-se para as meias-finais do Torneio «Josef Klement» que decorre em Caracas ao bater o venezuelano C. Rigagnoli por 6-1 e 7-5.

Jorge Rocha qualificou-se para a segunda ronda do Torneio Internacional de Juniores de Port Washington ao ganhar por falta de comparência do adversário.

Rocha, que figura como 12.º cabeça-de-série, ganhou por falta de comparência do argentino Lucas Arnold.

Outro português presente no torneio, Ricardo Cayolla, perdeu com o jugoslavo Blaz Trupej (15.º cabeça-de-série) por 6-1 e 6-2.

Fernando Tavares derrotou o mexicano R. Guerrero, por 6-4 e 6-4, em partida da primeira jornada da «Taça Casablanca», em Ténis, categoria de juniores, a disputar-se na Cidade do México.

Por seu turno José da Silva, também de Portugal, derrotou Pablo Mon do México por 1-6, 6-3 e 6-3.

Em singulares femininos Rita Ascenso, Portugal, venceu a partida por falta de comparência da mexicana G. Rodriguez.

A Austrália, que domingo conquistou a Taça Davis em Ténis, foi convidada a participar na Taça do Mundo de 1987 que se disputa em Dusseldorf.

A França, que defende o título, Suécia, Espanha, Argentina, Estados Unidos, Checoslováquia e Alemanha Federal são os países participantes na Taça do Mundo por equipas.

O torneio decorrerá entre 18 e 24 de Maio, uma semana antes do início do «Open» de França, em Roland-Garros.

S. Silvestre de S. Paulo

Favoritismo da 'Rosinha' é inquestionável

A unanimidade de opiniões sobre o favoritismo de Rosa Mota para a sexta vitória consecutiva na S. Silvestre de São Paulo leva os críticos a tecerem prognósticos mais amplos para a corrida masculina.

Na linha dos favoritos apresenta-se o brasileiro José João da Silva que afirma estar em melhor forma que o ano passado quando ganhou a prova pela segunda vez, depois de haver averbado o triunfo em 1980.

Nos últimos quatro meses, João da Silva seguiu uma preparação intensa nas montanhas do campo do Jordão, a 190 quilómetros de São Paulo. «O piso irregular do terreno nos campos do Jordão, é o ideal para treinar para esta prova», comentou.

A São Silvestre de São Paulo, iniciada em 1924, deverá reunir este ano cerca de 10 mil atletas de mais de 20 países e a partida para os 12,6 quilómetros será dada cinco minutos depois das 23 horas locais terminando minutos antes da passagem do ano.

José João da Silva ganhou o ano passado a prova no tempo de 36.48.96 minutos, mas está convicto de que agora fará melhor. O seu objectivo visa obter um novo recorde da prova que pertence desde 1982 a Carlos Lopes que gastou 36.43.79 minutos.

Entre os principais adversários de José João da Silva são apontados o italiano Gelindo Bordin, o norte-americano Bill Rodgers, o queniano Sam Ngatia e o tanzaniano Zackarie Barie.

Portugal estará representado por Luís Horta, que já obteve um 5.º lugar e por Delfim Moreira.

Uma presença aguardada com alguma expectativa é a do colombiano Victor Mora que apesar dos seus 43 anos vai tentar obter um novo recorde de vitórias. Mora, ganhou a S. Silvestre de S. Paulo em 1972, 1973, 1975 e 1981 igualando o número de vitórias do belga Gaston Roelants, vencedor em 1964, 1965, 1967 e 1968. Este último é esperado este ano em São Paulo não



Rosa Mota: um gesto e um sorriso que bem se poderá repetir nas primeiras horas do Novo Ano



Luís Horta: a avaliar pela cuidada preparação realizada no Brasil, é de esperar uma classificação digna do seu valor

como atleta mas na função de treinador. Ele orienta o seu compatriota Fred Van Der Venet.

A competição feminina reúne todo o favoritismo em redor de Rosa Mota, bicampeã da Europa, e vencedora das últimas cinco edições.

O interesse desta corrida é pelo segundo lugar e a veterana neozelandesa Ngaire Drake (37 anos), a brasileira Carmen de Oliveira e a suíça Martine Oppliger, lutarão entre si por um lugar no pódio.

Albertina Machado: o regresso

A atleta do Sporting de Braga, Albertina Machado regressa amanhã à competição para disputar a S. Silvestre da Amadora, prova onde participam também as suas colegas Rosa Oliveira e Helena Lobo.

Albertina Machado, que devido a uma lesão, tem estado afastada da alta competição vai assim testar o seu apuro de forma, numa prova em que é considera-

da uma das favoritas.

Outras atletas bracarenses (Conceição Ferreira, Ana Moreira e Manuela Machado) disputam entretanto a S. Silvestre de Santarém.

No domingo, em Faro, Albertina Machado estará presente para disputar o Grande Prémio dos Reis, onde estarão igualmente presentes as suas colegas de clube Rosa Oliveira e Fátima Novais.

Corrida de S. Silvestre de Braga disputa-se esta noite

Cerca de 200 atletas, 50 dos quais do sexo feminino, disputam hoje à noite a XI S. Silvestre, em Braga.

A prova, organizada pela delegação local do Inatel e pela Câmara Municipal de Braga, é cumprida numa distância de 10 quilómetros, com partida da Avenida Central e chegada à Praça do Município.

Os atletas inscritos são do distrito de Braga, embora a prova esteja aberta a corredores de todo o País.

Atletismo: participação no estrangeiro só com autorização federativa

De acordo com o Regulamento da Federação Internacional de Atletismo Amador, todos os convites para a participação de atletas no estrangeiro deverão ser endereçados à estrutura federada e a resposta deverá ser, obrigatoriamente, dada por aquela entidade.

Neste conformidade, todos os convites endereçados quer directamente, quer aos clubes, quer às associações regionais, deverão ser sempre enviados para a Federação Portuguesa de Atletismo.

«SOCIORAS — PROJECTOS E CONSTRUÇÃO CIVIL, SARL»

CERTIFICADO, narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 31 de Outubro corrente, lavrada de folhas 59 a folhas 61, do livro de notas para «escrituras diversas», n.º 16-F, do 2.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Licenciado Francisco Rosário dos Reis, foi elevado o capital social de 9 500 000\$00, para 38 000 000\$00, sendo o reforço de 28 500 000\$00, inteiramente subscrito do seguinte modo: Reservas de reavaliação constituídas nos termos do Decreto-Lei n.º 430/78: 6 483 862\$00; Reservas de reavaliação constituídas ao abrigo do Decreto-Lei n.º 219/82: 8 968 840\$45; Reservas de reavaliação constituídas ao abrigo do Decreto-Lei n.º 399-G/84: 758 241\$00; — Reserva legal: 806 000\$00; Reserva especial — 806 000\$00; Em numerário — 10 677 256\$55. — Que, em consequência dão ao corpo do artigo 5.º dos estatutos, a seguinte redacção:

«ARTIGO 5.º

O capital social é de TRINTA E OITO MILHÕES DE ESCUDOS, está inteiramente realizado e dividido em trinta e oito mil acções do valor nominal de mil escudos, cada uma.»

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Lisboa, 31 de Outubro de 1986

O Ajudante
Mecenas de Carvalho Marques

«Socioras — Projectos e Construção Civil, SA»

CERTIFICADO, narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de 18 de Dezembro corrente, lavrada de folhas — 97 verso, a folhas 100 verso, do livro de notas para «escrituras diversas», n.º 31-A, do 2.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Lic. Francisco Rosário dos Reis, foi rectificada a escritura de 31 de Outubro deste ano, lavrada de folhas 59 a folhas 61, do livro n.º 16-F, também de notas para «escrituras diversas», deste Cartório. — A rectificação consistiu no seguinte: — Na escritura rectificada, que teve por objecto o aumento de capital de 9 500 000\$00 para 38 000 000\$00, foi por erro declarado que entre as reservas incorporadas se contavam as que constituíram o Fundo de Reserva Legal, na importância de 806 000\$00 e as de reavaliação constituídas ao abrigo do Decreto-Lei n.º 399-G/84, na quantia de 758 241\$00; tendo estas duas verbas sido substituídas por dinheiro, fornecido pelos accionistas, no mesmo dia da outorga da — escritura rectificada; Assim o aumento de capital que essa escritura titula foi realizado pela forma seguinte: — Reservas de reavaliação constituídas nos termos do Decreto-Lei n.º 430/78: de 6 483 862\$00; Reservas de reavaliação constituídas ao abrigo do Decreto-Lei n.º 219/82 de 8 968 840\$45; Reserva especial: de 806 000\$00; Numerário de 12 241 497\$55. — Foi mantida a redacção dada ao corpo do art.º 5.º, dos estatutos na escritura rectificada.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Lisboa, 18 de Dezembro de 1986

(«DL» 30/12/1986)

O Ajudante
Mecenas de Carvalho Marques

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 14.º JUÍZO ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação deste anúncio.

Execução Sumária n.º 5520, 2.ª secção. Exequentes — Companhia de Seguros Império, E.P. Executados — José Luis Gomes da Silva, com morada na Av.ª D. José I, Lote 239, loja, Amadora.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1986

O JUIZ DE DIREITO
Abílio Maria Peres
O ESCRIVÃO ADJUNTO
João Filipe Rodrigues
Conceição Martins

(«DL» 30/12/86 — 1.ª Pub.)

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA 16.º JUÍZO CÍVEL ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 7919-B, 1.ª secção. Exequentes — COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P. Executado — TRANSPORTES MODERNOS BRACARENSES, LDA., com sede na Praça do Comércio, n.º 21 em Braga.

Lisboa, 19 de Dezembro de 1986

O JUIZ DE DIREITO
Armando Mota
dos Santos Lourenço
O ESCRIVÃO DE DIREITO
Amílcar Augusto
Abreu

(«DL» 30/12/86 — 1.ª Pub.)

ANÚNCIO

O Doutor JOAQUIM MARIA FERREIRA PASCOAL, Juiz de Direito do 16.º Juízo Cível de Lisboa.

Faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e segunda secção correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos do executado MARIO AUGUSTO PINHO ESMORIZ, canalizador, residente na Rua André Vidal de Negreiros, Lote 13-5.º Esq. — Chelas — LISBOA, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, designarem os seus direitos na execução movida por ALMIAF — COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES DE UTILIDADES DOMÉSTICAS, LDA., desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 18 de Dezembro de 1986

O JUIZ
Joaquim Maria
Ferreira Pascoal

O ESCRIVÃO DE DIREITO
José Domingos Ramalho Canhoto

(«DL» 30/12/86 — 1.ª Pub.)



uma cidade limpa
é uma cidade viva



Fernando Jorge: o 3.º disco

Fernando Jorge (Ferreira Campos), nasceu há 13 anos: estudou na Escola Preparatória Nuno Gonçalves (onde Migú o descobriu) e agora frequenta a Escola Secundária dos Anjos (8.º ano). Gosta de matemática e português, de banda desenhada e corridas de automóveis. Porque aparece aqui? Fernando Jorge acaba de gravar o seu 3.º disco como solista: já participara em outros, integrado no Coro Saltitão, Pimpinela, Coral Letícia Juvenil e Coro da Rádio Renascença. Neste «EP», Fernando Jorge canta «Flores espalhadas pelo mundo» e «Revolução do amor» (mensagens de paz e tranquilidade com a assinatura de Migú) composições que foram apresentadas no «Festival da Canção do Tâmega». Um lançamento «Movieplay».

«Desassossego Cultural» em Aveiro

«Aveiro, Desassossego Cultural, pelo Direito à Diferença», é o tema de uma Feira/Forum que se efectua na quarta-feira, nesta cidade, por iniciativa de um grupo de pessoas ligadas à Arte e à Cultura.

«Iniciativa cultural sem tabus», que pretende ser um espaço «aberto a todos os que até ao momento temem falar publicamente, porque pensam de maneira diferente», é o objectivo principal a atingir pelos promotores desta Feira/Forum Cultural de Aveiro.

Pretendem ainda que o «Desassossego Cultural, pelo Direito à Diferença» constitua «um tempo e um espaço para exposição de desenhos ou pinturas não divulgadas, poesia que fica na gaveta, divulgação de livros e publicações que não conhecem a rede comercial».

«Será tempo e espaço para reflexões sobre outra educação - sublinham os promotores - tempo e espaço para outra cultura, outra arte, outra sociedade, outra convivência, outra forma de «FU», que nem sequer nos conhecemos».

No «Loucuras», louca noite da passagem de ano

Na próxima quarta-feira, o «Loucuras» abre as suas portas ao público para uma «Louca Noite da Passagem de Ano».

A noite será animada pelo alto espectáculo de som e luzes do Loucuras, com a ajuda de uma escola de samba e do Herman José, que se encarregará de sortear «sete loucuras»: um automóvel, uma vaca leiteira, um kart, uma bicicleta-tandem, uma super cadeira de bambu, um presunto

de Chaves e um cacho de bananas.

Os prémios serão entregues no momento do sorteio. Quanto à vaca leiteira, se o contemplado não possuir quinta ou quintal, apenas terá de seguir o conselho do Raul Solnado: ponha a vaca na varanda!

A todos os participantes nesta Loucura, serão distribuídos «gadgets» adequados à época, além de uma curiosa lembrança que marcará para

sempre a sua presença nesta inesquecível noite.

Quanto às «Loucuras Tranquilas», regressam na quinta-feira dia 15 de Janeiro, com António Sala, acompanhado pela Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória, dirigida pelo maestro Jaime de Oliveira, que subirá ao palco da Álvares Cabral para interpretar um delicioso programa de boleros.

O convidado seguinte das «Loucuras Tranquilas» será uma voz feminina...

Fim de Ano na RTP-2

Bailado «Napoli» de August Bournonville

A RTP/2 transmitirá no próximo dia 31 o bailado «Napoli», de autoria de Bournonville interpretado pelo Ballet Real Dinamarquês.

O espectáculo foi gravado no Teatro Real de Copenhague. «sede» deste grupo de bailado, cujo repertório é constituído por muitas das mais famosas obras coreografadas por August Bournonville: «A Sylphide», «Festi-

val de Flores de Genzano», e a «Kermesse de Burges».

A obra-prima de Bournonville «Napoli» foi criada após uma viagem por Itália e reflecte um profundo conhecimento do folclore e da sociedade italianos.

«Napoli» conta a história de amor de um pescador napolitano e da sua namorada que desapareceu durante um passeio de barco na baía de Santa Lucia. A tem-

pestade que os vitimou, arrasta Gennaro para a praia e Teresina para a Gruta Azul onde é transformada em sereia.

O pescador tem por missão recuperá-la para a vida e devolver-lhe a memória que perdeu.

Intérpretes: Arne Villumsen, Linda Hindberg, Mona Jensen, Palle Jacobsen e Tommy Frishi. Orquestra Real Dinamarquesa dirigida por Peter E. Lassen.

Literatura portuguesa em França: editado livro em Paris

Em edição da Fundação Gulbenkian, através do seu Centro Cultural Português de Paris, acaba de ser publicado o livro «O Ensino e a Expansão da Literatura Portuguesa em França» (Actas do colóquio realizado na capital francesa nos dias 21 a 23 de Novembro do ano passado).

A obra tem cerca de 300 páginas, e abre com um texto de apresentação do Colóquio, pelo director do Centro Cultural, prof. dr. José-Augusto França.

Trata-se de um documento cultural de valor indiscutível, não apenas pelos temas como

pelas personalidades portuguesas e estrangeiras, que colaboraram no Colóquio, em que figuram Paul Teussier, Adrien Roig, Georges Boisvert, Solange Parvaux, Jean-Michel Massa, Anne-Marie Quint, Roger Bismut, Lucette Petit, Robert Brechon, Daniel Henri Pageaux, R. A. Lawton, José da Silva Terra, José-Augusto França, Urbano Tavares Rodrigues, Eduardo Lourenço, Albert Alain Bourdon, João Camilo, Álvaro Manuel Machado, Claude Henri Frèches, Pierre Leglise Costa. De referir ainda a realização de

uma importante mesa-redonda sobre os temas propostos, os mais variados e de valor destacado, temas que envolveram a Literatura e a Língua da Literatura Portuguesa, mesa-redonda em que colaboraram também a dr.ª Idalina Resina Rodrigues, André Camblong e dr.ª Rogéria Cruz, Fausto Lopo de Carvalho.

Destaque-se ainda a importância que a realização destes colóquios mesas-redondas, seminários têm para o estudo de problemas que interessam às relações culturais luso-francesas.

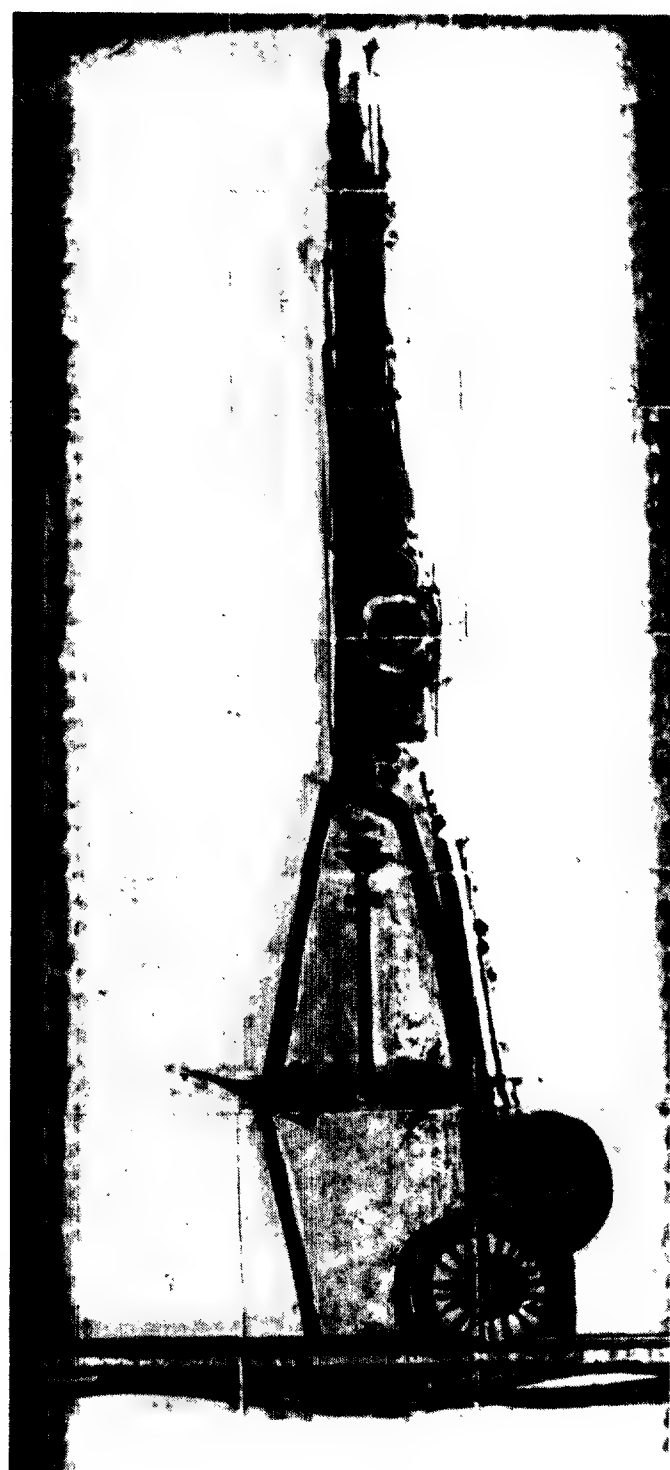
«Isto é Figueira»: «Dia da Força Aérea»

Integrado no cartaz de «Isto é Figueira» (exposição que representa o esforço do relançamento turístico daquela zona pela mão do presidente camarário eng.º Aguiar de Carvalho e que decorrerá até 6 de Janeiro, no Centro Comercial das Amoreiras), teve lugar o Dia da Força Aérea, na sequência de outras realizações (Dia da Comunicação Social, do Turismo e dos Investidores, das Embarcações) e, proximamente, da Marinha e do Exército.

Esforço sério e impulsivo da sua autarquia, «Isto é Figueira» representa a confiança de uma bela região portuguesa na continuidade entre as grandes captadoras do interesse do turismo, nacional ou estrangeiro.



No jantar comemorativo do «Dia da Força Aérea»: o ten.-coronel Luís Silva e o general Castelo Branco



Cecília de Sousa expõe Cerâmica no Casino da Póvoa de Varzim

Inaugurada no passado dia 20, a Galeria de Arte do Casino da Póvoa de Varzim tem patente uma exposição de Cerâmica da autoria de Cecília de Sousa, que pode ser visitada até ao próximo dia 15 de Janeiro entre as 15 e as 24 horas.

Expondo desde 1954, esta ceramista integrava o grupo de autores que, sob o estímulo do pintor Eduardo Leite, então a dirigir a Fábrica de Cerâmica Viuva Lamego em Lisboa, deram início ao Movimento da Cerâmica Portuguesa, ainda nos anos quarenta.

Dezenas de exposições colectivas, nomeadamente nos Salões dos Novíssimos, da Primavera e do Outono da Junta de Turismo da Costa do Estoril, representações internacionais em Washington e Paris, além de individuais realizadas em Lisboa, Lagos, Casino do Luso e na Galeria Atrio, assinalam o seu percurso artístico, onde já pontificam algumas distinções tais como o Prémio Manuel da Costa Briso (1957), duas medalhas de prata, representação no Museu do Azulejo de Lisboa, Fundação Cupertino

de Miranda e em colecções particulares em Espanha, Brasil e Estados Unidos da América.

Numerosos painéis figuram em edifícios públicos de Lisboa, Marquês, Amadora, Estoril, Faro, Porto, Albufeira, Alvor, Santiago de Compostela e ainda em Angola, na antiga cidade de Carmona.

Cecília de Sousa conseguiu, através de uma criteriosa evolução, obter qualidade técnica que lhe permite, hoje, apresentar-se na plenitude de uma criatividade madura dentro da sua própria linguagem.

Dominando o desenho, privilegiando a composição e os ritmos, fazendo opções de crescente austeridade cromática, Cecília de Sousa chega ao primeiro plano da nossa cerâmica com toda a carga de modernidade que justifica este destaque.

Convidada já para o mais importante evento da cerâmica nacional, a realizar no próximo ano, esta autora é apresentada no Casino da Póvoa de Varzim pelo crítico Edgardo Xavier, que sobre a sua obra tece pertinentes considerações.

A rapariga do trapézio

João Melo Alvim

Numa companhia, em termos individuais, das melhores apresentadas nos últimos anos no Coliseu, sobressaem os números com animais, voando o sonho ainda mais alto, com o trapézio de Tory Cross: um momento de privilégio que, mais uma vez a Direcção Artística daquela casa não soube aproveitar, colocando este número na «zona de arranque» do espectáculo.

Na verdade vos digo que, por mais que não fosse, a ida ao Coliseu de Lisboa neste final de ano, é obrigatória para assistir à representação da trapezista (americana) Tory, integrada na Companhia de Natal que naquele espaço se apresenta.

Descendente de uma família de palhaços americanos — curiosamente a primeira «derivação» circense de uma família que, até aí, não tinha raiz nesta área artística — Tory Cross iniciou a sua carreira fazendo pare-

lha com seus pais e irmão. Mais tarde, instalada num Parque de Circo existente na Flórida, a jovem Cross entra em contacto, e estuda de uma mais sistemática, todo o fabuloso mundo circense, iniciando-se em várias técnicas, optando pelo número aéreo, primeiro em trupe de voadores, posteriormente dedicando-se ao «trapézio à Leotard» (fixo), aquele que actualmente se apresenta.

Para além de apurada técnica, e de uma cuidada sequência na elaboração do número, Tory Cross desenhou um personagem de espantosa comunicabilidade baseado numa outra área que tão bem conhece: os «clowns». Assim, e por momentos, o espaço das Portas de Santo Antão, transforma-se naquele mundos sem limites, largo de perder a vista, e (tão) intenso que para descrever, são sempre curtas as palavras. Por momentos — aqueles mo-

mentos mágicos só possíveis no Circo —, não se sabe da distância entre a bancada e o trapézio.

É o Circo, pois, a substituir páginas e páginas de definições...

Americana, presentemente a correr a Europa, Tory Cross pertence à nova geração de artistas (nasceu em 1957) que cresceram, entroncaram e agora se apresentam numa arte aparentemente condenada, tal é a corrida das tecnologias de pontas tais são as vagas industriais, tão multiplicados os meios de comunicação.

O Circo, como arte viva, está condenado?

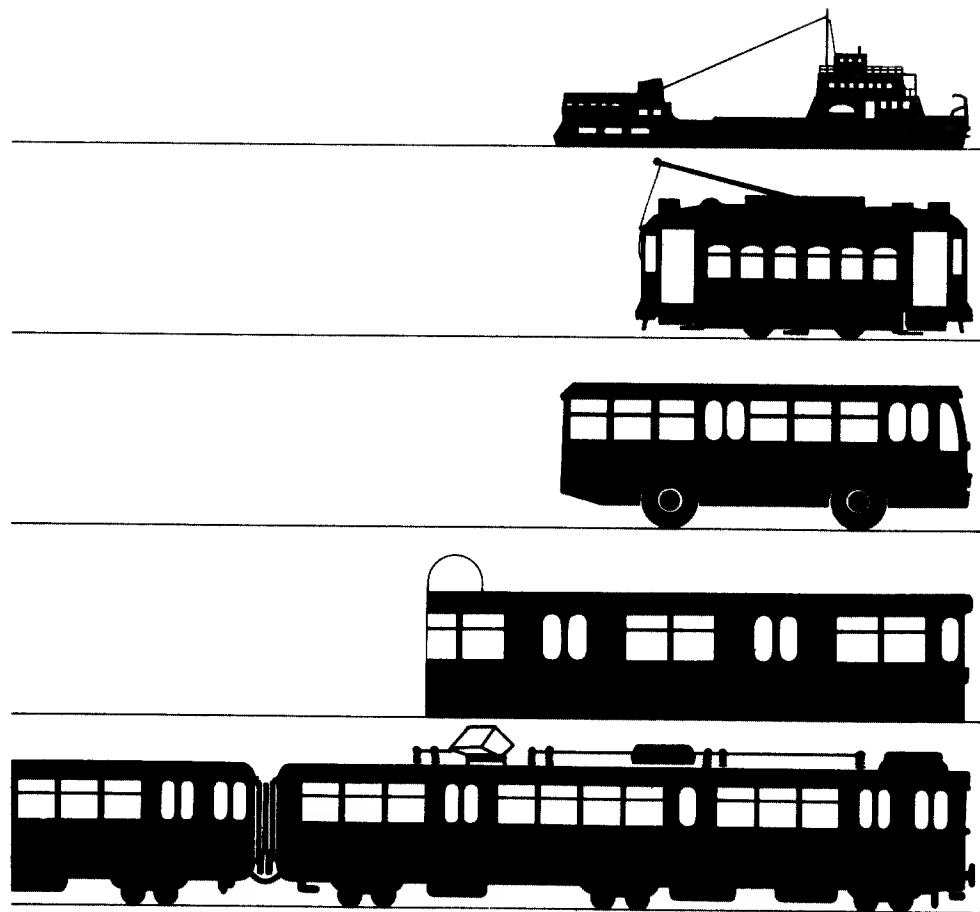
Não pensa assim a jovem trapezista, que me diz:

«O Circo nunca acabará. O Circo é uma experiência única e ao vivo, isso não é possível na TV ou no vídeo.

A sensação, a emoção, a comunicação que se tem neste espaço, o do Circo, não é possível através da 'caixinha' que temos em casa.»



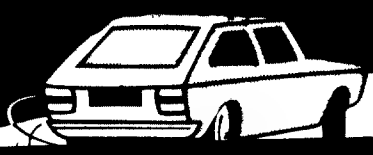
À VENDA NA CP PASSE SOCIAL UM MUNDO DE TRANSPORTES AO SEU SERVIÇO



Combóio, a opção dinâmica.

O PISO MOLHADO REDUZ A ADERÊNCIA
MODERE A VELOCIDADE

circular e viver.



...e o 'mexicano/Ringland'

Todos os anos é assim por este prolongamento de época: os circos instalam nas duas grandes cidades, reformulam ou/e reorganizam o elenco e, até Janeiro, participam na animação das festividades. Depois virá o merecido descanso até Abril, embora o Carnaval lá volte para tentar as tendas durante mais uma semana.

No Porto a tradição mantém-se, e três «chapiteaux» apresentam espectáculo enquanto o circo nos espaços fixos tradicionais — Coliseu e Palácio de Cristal — e pelo segundo ano consecutivo, não dá sinal de si.

Das três empresas referidas, apenas o «America Show» é, ao contrário do que o nome possa

sugerir, da inteira responsabilidade de portugueses, já que nos outros dois casos, estamos perante companhias dirigidas por italianos («Circo Wonderland»), ou em sociedade, como é o caso do «Circo Ringland» (espanhol) apresentado pelo «Circo Mexicano» português.

Por agora, e neste breve apontamento, falaremos sobre este último «arranjo», expressão utilizada pelo empresário Tomás Silva para classificar a sua sociedade com os Herdeiros Raluy, proprietários do «Ringland».

O grande objectivo de Tomás Silva foi trazer até Portugal um «número de animais» pouco visto nas nossas pistas, a apresentação de um rinoceronte, e, ao

mesmo tempo, reformular a sua companhia que, ao contrário do que é costume, este ano trilhou as rotas do Norte, provocando um desgaste mais acentuado, ainda segundo as palavras do empresário do «Mexicano».

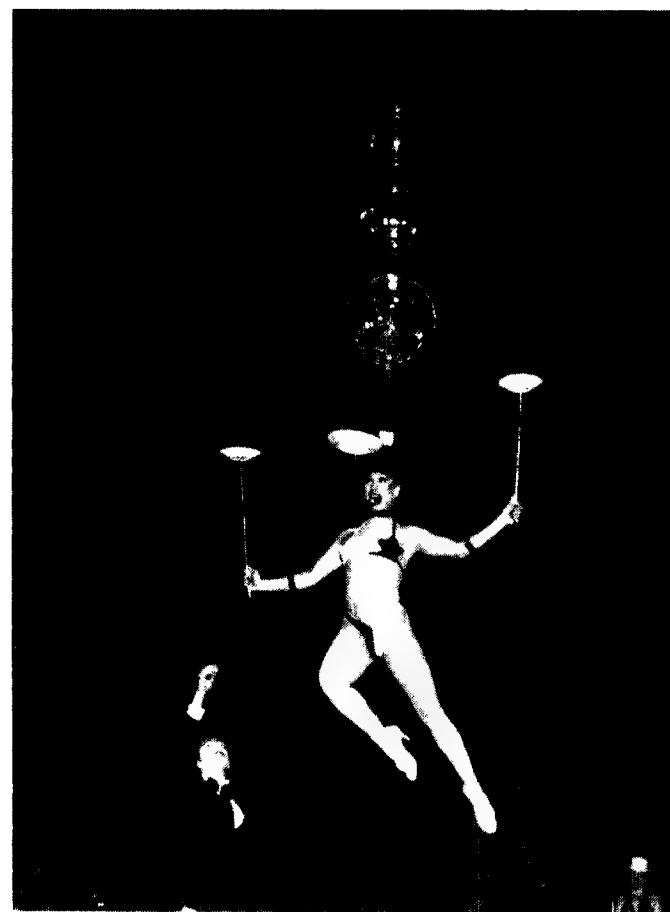
Assim, o elenco do «Ringland» apresentado pelo «Mexicano», inclui doze números do primeiro dos circos, sendo apenas três da responsabilidade dos filhos de T. Silva (Ursos, Corda vertical e «a dama de cabelos de ferro»), e um outro, que eventualmente seria um número de palhaços numa festa particular de aniversário, mas que numa pista circense atinge as raízes do escândalo, foi trazido «de fora» das duas companhias.

Quanto à apresentação do rinoceronte, e para além de nessa tarde ter partido algumas tábuas da pista — curiosidade esta, a da pista de tábuas, cada vez mais rara — mais nada haverá a dizer já que apenas, e pra já, espero, há só «passagem do modelo», o que quer dizer, do «bichinho»...

No entanto, uma outra curiosidade gostaria de referir a propósito: na boa tradição circense, o rinoceronte faz parte da companhia há um ano e tal, e desde a «tourné» africana donde o «Ringland» saiu para vir até à capital do Norte. A partir daí o seu tratador (Carlos Raluy), tenta virar domador, o que, como já se disse, ainda não conhece frutos.

A terminar, não queria deixar de referir a parêntese de palhaços «Pichichi & Piroli», momento de rara beleza dentro da grande tenda. Poesia ainda mais lembrada quando, e lá mais para a frente, somos massacrados pelos candidatos a palhaços «Lelo, Esparguete & Comp.ª».

Se é, ou está no Porto, e nunca viu um rinoceronte, mas se, fundamentalmente quer ver um agradável programa de circo, não perca a apresentação que o «Circo Mexicano» faz do «Circo Ringland».



A sagrada experiência

Ernesto Sampaio

Ao cinema, não vou mais que cinco ou seis vezes por ano, e quase sempre de má vontade. Não é, portanto de A Missão que vou falar (péssima fita, aliás já devidamente justificada neste jornal), mas dos acontecimentos que a «bonecada» de Roland Joffé subitamente trouxe ao público: a «Sagrada Experiência» do «Estado» jesuíta dos guaranis, tema de vasta bibliografia mercada a altos preços em leilões e alfarrabistas, e onde se destacam obras contemporâneas de, entre outros, José Wicki, Miguel Batllori, Hugo Storni, Pedro Ovecká e Alberto Armani.

O pensamento iluminista, através de Voltaire e Montesquieu (notórios inimigos da instituição eclesiástica), pronunciou-se a favor da iniciativa dos jesuítas no Paraguai, considerando-a uma tentativa séria para a instauração de um regime justo naquelas remotas regiões. Mas em que consistiu essa empresa? Na criação de um complexo sistema de aldeias ou «Reduções», onde os indígenas nómadas guaranis foram «reduzidos» à vida sedentária e prosperou uma civilização muito original, surpreendentemente avançada não só no plano material, mas também económico-social, cultural, religioso e até militar.

zer que nunca encontrei, apesar das vicissitudes políticas de todos conhecidas, gente tão bela, de porte tão digno, tão certa e segura da sua identidade como no Paraguai, onde a cepa índia guarani constitui a maioria da população e a sua língua disputa a primazia ao castelhano.

Contrariamente ao que aconteceu noutras partes e noutras circunstâncias, os missionários jesuítas no Paraguai não cometeram o erro de considerar globalmente negativo o património cultural autóctone, evitando impor aos guaranis, com a difusão do cristianismo, a cultura nacional espanhola, fruto de uma evolução processada em

fundo era também o dos reis católicos das metrópoles europeias, não podia deixar de entrar em conflito com os interesses dos colonos, para quem os índios apenas representavam mão-de-obra escrava e gratuita. E não deixa de ser curioso e paradoxal que a escravidão dos indígenas, que só deixou de ser proibida pelas metrópoles quando a persistência nessa interdição se transformou numa real ameaça à manutenção das colónias, esteja na origem dos movimentos independentistas dos crioulos das novas Índias, constituindo o primeiro exemplo flagrante de como um movimento historicamente «progressista» pode ser odiosamente injusto e anti-humanista se o circunscrevermos ao momento e às condições em que ocorreu.

Mas nem tudo se pode considerar positivo na «Sagrada Experiência». A religião cristã foi rapidamente absorvida porque havia um vazio de valores, já que as crenças e tradições aborígenes haviam

sido destruídas pelo avanço dos europeus. Com a passagem repentina e forçada da vida nómada, livre, ainda no estágio da idade da pedra, a um regime sedentário e disciplinado os jesuítas salvaram os guaranis do extermínio, mas «bloquearam-nos» por largo tempo: os índios, na verdade, nunca se identificaram por completo com a extravagante civilização urbana que lhes foi imposta.

P.S. — Na semana passada, o leitor deve ter notado que a fotografia publicada nesta coluna correspondia à legenda. Lia-se «Paris, 1970: a polícia acaba de meter na viúva Sartre e Simone de Beauvoir» e via-se o grande escritor francês num café, em alegre convívio com uma jovem. Trata-se de um destes mistérios insondáveis, infelizmente frequentes no «DL», que já há muito tempo deixei de tentar decifrar.

O texto também sofreu «tratamentos» de primeiro grau e chega a parecer impossível como se consegue estrópiar tanto uma prosa tão

EXPLICACION DE EL CATECHISMO EN LENGUA GUARANI POR NICOLAS YAPUGUAI CON DIRECCION DEL P. PAULORESTIVO DE LA COMPAÑIA DE JESUS



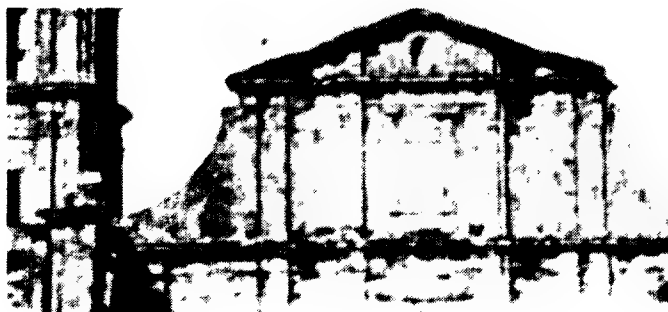
En el Pueblo de S. MARIA La Mayor.
AÑO DE MDCCXXIV

pequena, mesmo assinada.

Não há espaço, nem tempo, nem paciência para corrigir o que reclamava correção. No entanto, o texto ficaria ininteligível se não repescasse agora as linhas que se volatilizaram. Assim, na 1.ª coluna, 4.º parágrafo, entre a 1.ª e a 2.ª linha, falta «sofia com o momento histórico de que é expressão, que nunca essa filo-»; na 2.ª coluna, 1.º

parágrafo, 2.ª linha, entre «evolui» e «a esquemas», falta «e se transforma ao aplicar-se a objectos novos, que dá origem».

Há ainda uma «opacidade» transformada em «capacidade», mas esta troca até é emblemática, espécie de marca da casa que, nesta andadura, vai tornar-se especialista em opacificar as coisas mais capazes.



Fachada da Igreja de S. Miguel, actualmente em território brasileiro, projectada pelo arquitecto italiano Primoli (século XVIII)

O «Estado» jesuíta durou pouco mais de século e meio, conhecendo um repentino e dramático fim com a expulsão da Companhia de Jesus das colónias espanholas, decretada por Carlos III, mas a sobrevivência dos guaranis, grupo étnico que conseguiu escapar ao genocídio durante os anos difíceis da colonização sul-americana, ficou a dever-se à acção dos missionários e constitui sólido testemunho da vitalidade da sua obra.

Ao Paraguai, os brasileiros chamam hoje «cu do mundo» e os argentinos, como Dante, «selva escura» ou «parêntesis da terra», mas eu, que outrora consagrei boa parte dos meus anos e do meu dinheiro a ir onde não se deve ir, devo di-

circunstâncias e ambientes absolutamente diferentes dos da América do Sul, antecipando assim, em mais de um par de centúrias, o princípio afirmado em anos recentes, segundo o qual a propagação da mensagem evangélica (como também, de outro ponto de vista, a transferência das experiências e do progresso tecnológico) nada têm a ver com a imposição de uma cultura nacional a outra.

A missão da Societas Jesu tinha como finalidade a Majorien Dei Gloriam, a conversão dos índios ao catolicismo, num momento histórico em que a Igreja precisava de compensar, com a aquisição de novos fiéis, as consequências da Reforma protestante. Este propósito, que no

NOITE DE 31 DE DEZEMBRO
Passe o ano em segurança. «Divirta-se Com os Polícias».

Bilhetes à venda

A BARRACA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300

UMA PESA SOBRE A
POLÍCIA, JÁ SE SABE QUE
TEM DE SER
ENGARÇADA!

OS POLÍCIAS

DE
MROZEK

com
António Gomes, João Azevedo
José Carretas, Luís Tomar, Teresa Faria

3.ª a Sáb. - 21.30 h
Sáb., Dom. - 16 h

3.ª e 4.ª Feira — Descontos de 50% para jovens e sindicalizados. Descontos para grupos.

DIRECÇÃO: HELDER COSTA

COMPANHIA TEATRO DE ALMADA Tel 2752175

FESTA DE FIM DE ANO

31 DE DEZEMBRO — às 21.30 h

GEORGE DANDIN

de MOLIÈRE

ADELAIDE JOÃO LUIS VICENTE
ANTÓNIO ASSUNÇÃO CARLOS GONÇALVES JOAQUIM BENTE

O TRADICIONAL GRANDE SHOW

com
CARLOS PAREDES

ESMERALDA AMOEDO • JORGE LOMBA • LUISA BASTO
• JOÃO FERNANDO • CELESTE AMORIM • MIGUEL SILVA
MANUEL MAIA • MARIA
• EMÍLIA FRÓIS • MIGUEL
FILIPE • BRACINHOS •
MADEIRA SA PESSOA •
BERNARDINO NASCIMENTO
(pianista) • PIMENTA DE MARGALHÃES (violonista) • DIVA CORELI
(travesti) • YOUNG, Homem Vulcão (faquir)
• DIMAS (acordeon) • LUIS TESTA (mimo) • FLORINDA LOUREIRO (bailarina) • ROGERIO PAULO • GUILLERME FILIPE

NO MESMO ESPETÁCULO
TEATRO • MÚSICA LIGEIRA
• CIRCO • TRAVESTI •
• BAILADO • FADO •
• MÚSICA DE CÂMARA •

MAIS DE UMA CENTENA DE PREMIOS
Viagem a União Soviética no 1.º de Maio 87 • Férias em Cabo Verde
• Uma semana no Algarve para 4 pessoas • Uma Estadia no Algarve para família • (Colaboração da Associação Portugal URSS • VISA Almada • VIP Clube

CEIA E ESPUMANTE INCLUIDOS NO PREÇO DO BILHETE

"August": uma nova fase de Eric Clapton

«August» é o novo álbum de Eric Clapton, que marca um novo capítulo na sua carreira. Com um som mais suave, onde é evidente a influência de Phil Collins, «August» pouco lembra o guitarrista «rocker» que Clapton foi, mas onde não deixa de ser evidente o seu virtuosismo.

«August» assinala o corte de Eric Clapton com todos os seus anteriores trabalhos além da colaboração com outros músicos, nomeadamente Phil Collins que, juntamente com Tom Dowd assina a pro-

dução, toca bateria e percussão. A guitarra de Clapton aparece enquadrada num grupo onde se destacam também o teclista Greg Phillinganes e o baixista Nathan East. Outras vetetas que partici-

pam no novo álbum de Eric Clapton são Tina Turner («Tearing Us Apart» e «Hold On») e Gary Brooker, ex-Procol Harum, em «It's In The Way That You Use It» (que será o próximo single), do filme «The Colour Of Money», de Paul Newman, ainda não estreado.

«August», que tem onze canções, inclui um tema, «Holy Mother», dedicado a Richard Manuel, pianista da Band que se enforcou a 4 de Março deste ano, na Florida.

Eric Clapton começou a tocar guitarra aos 15 anos, inspirando-se em artistas americanos de blues como Robert Johnson, Blind Boy Fuller e Skip James, entre outros.

Começou a gravar em 1964 com os «Yardbirds», no álbum «Five Live Yardbirds». O seu estilo tornou-se notado, quer através dos seus solos, quer pela utilização de 'feedback', do fuzz e de outras inovações para a época. Permaneceu com o grupo até Março do ano seguinte, de onde saiu por não concordar com as cedências comerciais do grupo.

O guitarrista juntou-se então ao 'bluesman' britânico John Mayall, tendo essa união produzido apenas um álbum, «Bluesbreakers». Eric Clapton deixou Mayall para formar os «Cream», com Jack Bruce e Ginger Baker. Como parte deste trio inovador, Clapton conquistou os seus primeiros sucessos comerciais e o reconhecimento como grande virtuoso da guitarra. Até ao fim da sua existência, em Novembro de 1968, os «Cream» gravaram alguns clássicos do rock como «Sunshine Of Your Love», «I Feel Free» e «Badge».

O guitarrista formaria ainda os «Blind Faith», que produziram apenas um álbum. Clapton tocou ainda com «Delaney and Bonnie», «Derek and The Dominos» e «Plastic Ono Band» (banda de John Lennon).

Em 1970 Clapton encetou uma carreira a solo, algo conturbada, de que se destaca o disco «461 Ocean Boulevard», em 1974.

Durante este ano participou em vários álbuns de Lionel Richie e Bob Geldof. No dia 3 de Janeiro, Eric Clapton inicia em Inglaterra uma digressão europeia de um mês em que vai tocar, sucessivamente, na Holanda, Bélgica, França, República Federal da Alemanha e Itália.



Eric Clapton: novo visual marca novo capítulo na sua música



Nathan East, Phil Collins, Greg Phillinganes e Eric Clapton



Uma gravura de Ana Galvão, exposta no Clube 50 - R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º

Δ No Clube 50 - Rua de S. Mamede ao Caldas, 9-1º - patente até dia 14 de Janeiro uma exposição de Gravura de Ana Galvão. De terça a sexta das 17,30 às 20,30, aos sábados das 15 às 20 horas.

Δ Por iniciativa do Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, encontra-se patente ao público na sala de exposições temporárias do CAM, uma pequena exposição constituída por documentação audiovisual sobre tradições natalícias portuguesas e alguns presépios e objectos de características tradicionais. Todo o material foi cedido pelo Museu de Etnologia, pela RTP e pelo pintor João Vieira. Pode ser vista até dia 6 de Janeiro.

Δ Na Casa Municipal da Cultura de Fafe, está a decorrer até final do mês a «Primeira Mostra de Artes Plásticas» para artistas naturais ou residentes no concelho, patente todos os dias entre as 14 e as 20 horas.

Δ Na «603 Galeria de Artes, Centro Comercial S. João de Deus - Av. António José de Almeida, 7 - a exposição «Pintores de UBUD». Até 31 de Dezembro, de terça a domingo das 12 às 20.

Δ No Arquivo Nacional da Torre do Tombo, a exposição comemorativa «VI Centenário do Tratado de Windsor». Até ao fim do mês.

Δ Na FIL, no sector do Artesanato, estão expostos presépios tradicionais até 6 de Janeiro.

Δ Na Galeria Almada Negreiros - Av. da República, 16, «Cinco Anos de Arqueologia», exposição organizada pelo Instituto Português do Património Cultural.

Δ No Edifício Tranquilidade, no Porto (frente ao Palácio de Cristal), a exposição retrospectiva da obra de mestre Carlos Ramos.

Δ Na Galeria Zen - R. D. Manuel II no Porto, João Vieira expõe Pintura.

Δ No Pavilhão do Estádio das Antas e no Centro Paroquial de Santo António, no Porto, «80 Anos de Arte no Porto».

Δ Na Galeria EG - R. do Crasto, 210 no Porto, Pintura de David Clark até 31 de Dezembro. De terça a sábado das 16 às 19 horas.

Δ Na Galeria Módulo - Av. António Augusto de Aguiar, 56-5º - escultura em pedra de Manuel Rosa até 15 de Janeiro. De segunda a sábado das 16 às 20.

Δ Na Galeria R75 - Rua Castilho, 75 C - uma exposição de óleos de Rui Filipe. Patente ao público até 9 de Janeiro, das 14 às 19,30 excepto aos domingos.

Δ No Museu de Etnologia - Av. Ilha da Madeira, ao Restelo, «Painted Words» até 19 de Janeiro. Noventa trabalhos artísticos, históricos e contemporâneos sobre a arte pictográfica criada pelos índios das grandes planícies da América. Inclui ainda pinturas de R. Lee White.

Δ No Museu Nacional do Traje, até final do mês, Escultura de João Cutileiro. Todos os dias, excepto segundas-feiras, das 10 às 13 e das 14,30 às 17 horas.

Δ No Museu Nacional do Traje, Ana Silva e Sousa expõe esculturas com o título «Viagem da Boa Esperança», para comemorar o 6º centenário da viagem de Bartolomeu Dias. Parente até 15 de Março.

ROTEIRO CULTURAL

Alfas Triplex

— T. 806496

A MISSÃO

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

RAN — OS SENHORES DA GUERRA

(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 00.15 h

TOP GUN — ASES INDOMÁVEIS

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

RATO BASÍLIO

(falado em português)
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

E.T. — O EXTRA TERRESTRE

(para todos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

A MISSÃO

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

HOWARD E O DESTINO DO MUNDO

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

O RATO BASÍLIO

(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

POR FAVOR MATE A MINHA MULHER

(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

LABIRINTO

(m. 6 anos)
c/David Bowie
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

AS AVENTURAS ERÓTICAS DE ZORRO

(Int. m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

E.T. — O EXTRA TERRESTRE

(para todos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Capitolio

— T. 372358

TAXI-GIRLS

(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

EM BUSCA DO TESOURO PERDIDO

(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

POR FAVOR MATE A MINHA MULHER

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O CASO DE BERLIM
(m. 18 anos)
24.00 h

Cinebolso

ORGIAS DA ADOLESCÊNCIA

12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.00 e 23.45 h

Cine Camões

T. 324194

MEGAFORCE

(m. 6 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

OS AMIGOS DE ALEX

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(m. 16 anos)
16.00 e 21.45 h

A COR PÚRPURA

(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

EM BUSCA DO TESOURO PERDIDO

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O ÚLTIMO FOLEGO
(m. 16 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

ALIENS — O REENCONTRO FINAL

(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

KADILOR — A LENDA DO TALISMÃ

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

ENCONTRO NA ESCURIDÃO

(m. 16 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

GHOSTBUSTERS — OS CAÇAFANTASMAS

(m. 63 anos)
15.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

DIÁRIO DE EDITH

(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

HIGHLANDER — DUELO IMORTAL

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR

(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

RATO BASÍLIO

(m. 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas

— T. 541037

QUADROPHENIA

(Int. m. 18 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

RATO BASÍLIO

(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

ALIENS — O REENCONTRO FINAL

(m. 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

ANA E AS SUAS IRMAS

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

LABIRINTO

(m. 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

ALIENS — O REENCONTRO FINAL

(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

A MISSÃO

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

RAN — OS SENHORES DA GUERRA

(m. 12 anos)
15, 18 e 21 h

Nimas

— T. 574362

O RATO BASÍLIO

(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

OS DESTRUIDORES IMPLACÁVEIS

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olympia

T. 325309

A ESTUDANTE SEXY

A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

(m. 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

EMMANUELLE 4

(Int. 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

BETTY BLUE — 27.º 2 DE MANHÃ

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
À QUEIMA-ROUPA
23.45 h

E.T. — O EXTRA TERRESTRE

(m. 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
AS ASAS DA POMBA
23.45 h

NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O RIO
23.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro
— «Betty Blue — 37.º 2 de Manhã», às 15.30 e 21.30 h
(m. 16 anos)AMADORA — Cinestúdio
— «Um Vagabundo na Alta Roda», às 15.30 e 21.30 h
(m. 12 anos)AMADORA — Babitônia
— «Gente Gira n.º 2», às 14, 16.30, 19 e 21.30 h (m. 12 anos)CACÉM — Cinestúdio Flores
— «Top Gun — Ases Indomáveis», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — Descanso
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «A Dificil Arte de Amar», às 15.30 e 21.30 h (para todos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Cristhiane F.», às 21.30 h (m. 16 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril
— «Top-Gun — Ases Indomáveis», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «UM VAGABUNDO NA ALTA RODA», às 21.30 h (m. 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Top-Gun — Ases Indomáveis», às 15.30 h (m. 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Conan e os Bárbaros», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (Int. 13 anos)

Sala 2 — «Betty Blue — 37.º e a da Manhã», às 15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «A Rapariga do Vestido Cor-de-Rosa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarim», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «Aliens o Reencontro Final», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «E.T. — O Extraterrestre», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «Silverado», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Ventos do Holocausto», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «A Melhor Defesa», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Amanhecer Violento», às 16.15 e 21.45 h (m. 18 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Extraterrestre», às 15 e 21.15 (m. 6 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Gremlins o Pequeno Monstro», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «Darcy», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Academia de Polícia III», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

Lisboa — PERMANENTE
— **AREEIRO:** Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (T. 887300); **BELÉM:** Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **GALLINHEIRAS:** Chafiz, 11-A (T. 790969); **GRAÇA:** Morão, L. da Graça, 63 (T. 860700); **JARDIM DOS ANJOS:** Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A (T. 821653); **JARDIM ZOOLOGICO:** Alegria, E. de Benfca, 180-A-B (T. 780511); **OLIVEIRAS:** Marta, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PRAÇA DA ALEGRIA:** Brites Moita, P. da Alegria, 33-34; **POÇO DOS NEGROS:** Valentim, R. do Poço dos Negros, 88-90 (T. 601453); **SALDANHA:** Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **XABREGAS:** Salter, R. de Xabregas, 63-65 (T. 381185); **CARNAXIDE:** H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **PONTINHIA:** Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); **QUINTA DO MENDES:** Odivelas: Almeida, Pt. à R. Tomás da Anunciação, 38-B (T. 9828491).

REFORÇO — ALVALADE: Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **AVENIDAS NOVAS:** AVENIDA JOÃO CRISÓSTOMO: Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 520592); **BAIRRO AZUL:** Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (T. 571451); **BAIXA:** Normal de Lisboa, R. da Prata, 220 (T. 878342); **BENFICA — BAIRRO DE SANTA CRUZ:** Lavinha, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 7145271); **CAMPO DE OURIQUE:** Lináida, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CHILE — ALAME:** DA: Nobel, R. Actor Vale, 53 (T. 842152); **CONDE REDONDO — SANTA MARTA:** Davi, R. Conde Redondo, 68-72 (T. 572388); **PAMPULHA — JANELAS VERDES:** Nazário Pinto, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **QUINTA DA LUZ — CARNIDE:** Findor, R. Adelaide Cabete, 10-E (T. 7145271); **SANTO AMARO:** Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (T. 638132); **BRANDOA — AMADORA:** Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **BURACA — AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Nuno Álvares, A. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Baptista Marques, R. da Boa Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **CORROIOS:** Lino, Alfirim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **BAIXA DA BANHEIRA:** Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **AMORA:** Nova Amorense, E. Nacional 10, bloco A,

loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **ARRENTE-LA:** Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO:** União Mutualista, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Oliveira, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Permanente; **Portugal,** R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente; **Mira,** P. Jorge Afonso (T. 20427). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE-CHE:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS:** Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PARÉDE:** Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL:** São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL:** Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Cordeiro, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Permanente; **Heleno,** R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964796). Permanente; **DAMAIA:** Girasol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Zeller, R. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Batalha, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM:** Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **ALGUEIRÃO:** Vítor Manuel, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCES:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Araújo, C. da Rinchoa, 2 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA:** Marrazes, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM:** Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas;

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 57 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**LISBOA, TEJO E TUDO**», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Marganda Carpinteiro, Hennque Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb. e dom., às 16 h

«**GALILEU GALILEI**», de Bertolt Brecht. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna — Sala 2

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**AS CADEIRAS**», de Ionesco. Interpretes: Ana Themas, Augusto Portela, José Carlos Monteiro e Graça Afonso.

Praca de Fontes do Campo Pequeno

Todas as noites às 21.30, 5.ª, 6.ª e sábado às 16.00. Domingos e feriados às 15.00 e 17.30.

CIRCO CHEN

Coliseu

Tel. — 36 19 97

Todas as dias da semana, às 16.00 e 21.30; domingos e feriados, às 14.30, 17.30 e 21.30; dias de Natal e Ano Novo, às 14.30, 17.30 e 21.30

CIRCO DO NATAL

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Interpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VONKANT**», de Fassbinder. Interpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**SAPATEADO**», de Richard Harris. Versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray. Encenação de Varela Silva. Interpretes: Florbela Queiroz, Octávio de Matos, Manuela Maria, Mara Abrantes, Maria Tavares, Magda Cardoso, Luísa Barbosa, Manuela Carlos, Rosa do Canto e Fernanda Oliveira.

Teatro de O Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De 5.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«**MEMÓRIAS DE UM CORPO**», de José Figueiredo Martins. Encenação de Cunha Carvalho. Interpretação de José Figueiredo.

Porto — Teatro dos Modestos

R. Gonçalves Cristóvão, 190 — Tel. 20 412

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**O JOGO DO AMORE DO ACASO**», de Mariyam. Pelo Grupo «Os Comediantes». Encenação: João Paulo Costa. Interpretes: Eduardo Gomes, João Cardoso, João Paulo Costa, Oscar Branco, Rosa Quiroga e Teresa Nunes.

Circo Cardinali

P. de Espanha

Todos os dias, às 21.30; 5.ª e sábado, às 16.00; domingo e 2.ª, às 15.00 e 17.30

Circo português, 14 atrações internacionais.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**OS POLÍCIAS**», de Lrozeck. Encenação de Hélder Costa. Interpretes: António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, só às 16.00

«**A MULHER DO CAMPO**», de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Interpretes: Rui Mendes, Júlia Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria, Márcia Brea, Alda Rodrigues, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, Luís Miguel Cintra, entre outros. Música de José Mário Branco.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

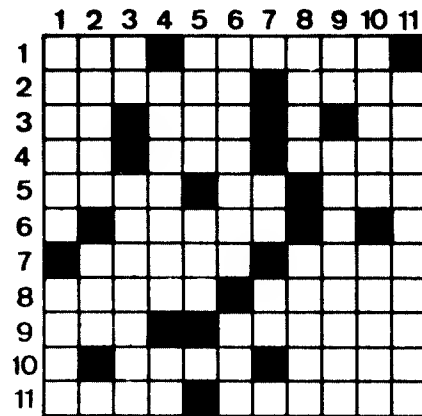
«**AQUI HÁ FANTASMAS**», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Interpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 920

HORIZONTAIS:

- Artigo indefinido. Esposa.
- Bálsamo (pl.). Causa amuo a.
- Item. Dá aviso de alguma coisa em voz alta. Atomo.
- Batráquio. Bigorna de aço sem hastes. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar.
- Asse. Pronome reflexo. Chiste.
- Metes em aspas.
- Aumentos de preços ou valor. Tragédia de Shakespeare.
- Amuletos. Película cinematográfica.
- Estava. Humedecem.
- Cidade de Itália. Gorgulho tropical.
- Nome científico do pato. Pe-neiras



VERTICAIS:

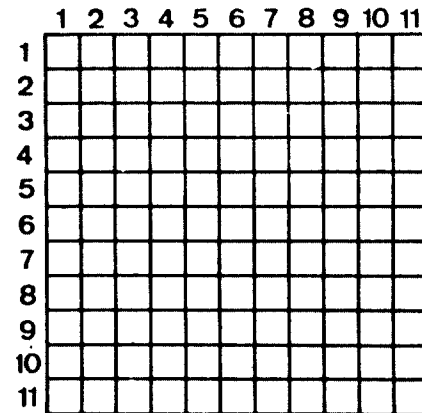
- Unificaras. Mal parecida.
- Assassinas. Oásis.
- Viração. Temperada com sal.
- Abomina. Artigo definido.
- Cidade da Arábia. Utensílios domésticos.
- Empregasses. Conjunção.
- Pertences. Medida japonesa igual a dois decilitros.
- Cidade da Holanda. Nome de flor.
- Preposição. Modelos (fig.).
- Saíra frequentemente à rua. Estimara.
- Meteremos em atoleiros.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 749

HORIZONTAIS:

- Ser humano do sexo masculino. Golpear.
- Capas sem mangas. Fértil.
- Viscera dupla. Filtra. O mais.
- Estado de quem não pode pecar, impecabilidade.
- Curam. Espaço de doze meses.
- Amofina. Pessoaal cruel (fig.).
- Curso de água natural e abundante.
- O mesmo que uma (ant. e pop). Um dos Estados da América do Norte. Crómio (s.q.).
- Nacos. Abala.
- Crueis. Antes do meio-dia.
- Cidade da Suíça. Bebe (pop).



VERTICAIS:

- Livro de orações. Jamais.
- Entender. Encoleriza.
- Sugaram o leite materno. Rio da URSS.
- Pertences. Desgraça. Rio que nasce em França.
- Municípios.
- Mágon. Segundo.
- Azenha.
- Érbio (s.q.). Nome de letra. As regiões superiores da atmosfera.
- Zomba. Bebida do Peru.
- Erguei. Filtram.
- Gente ordinária (prov.). Em má hora (ant).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 919

HORIZONTAIS:

- A. RAZÃO. DA.
- Baal. Traída.
- Amimarão. Im.
- Zama. Cão.
- Sovacos.
- Cã. Recos.
- Oaio. Sabinos.
- SS. Ssa. As.
- Taça. Aoros.
- Ir. DI.
- Sacuda. Essa.

VERTICAIS:

- Abaf. COSTAS.
- Am. Baasa.
- Raiz. Si. CCC.
- Almas. Ova.
- Amor. Id.
- Atravessara.
- Ora. Acaso.
- AO. COBARDE.
- DI. Cosi. Ois.
- Adias. Nas.
- Amo. Nos. Ba.

PROVERBIO: A razão da as costas ao cobarde.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 748

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- | | |
|-------------------|------------------|
| 1 Passa. Cauta. | 1 Param. Datar. |
| 2 Ador. | 2 Arena. Omega. |
| 3 Res. Bar. Osa. | 3 SSS. Momo. Al. |
| 4 An. Toais. | 4 Se. Tapara. |
| 5 Mamai. Seroa. | 5 Boi. Rata. |
| 6 Op. Ri. | 6 Caa. Be. |
| 7 Domar. Grama. | 7 Ris. Grua. |
| 8 Amora. Ramos. | 8 Aa. Serrar. |
| 9 Te. Ur. Rã. | 9 Udo. Piam. Pã. |
| 10 AGA. Aba. Par. | 10 Tosto. Morar. |
| 11 Rala. Bara. | 11 Ara. Asara. |

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.40: «La Source», de Hasselmans; 16.45: Integrais; 18.00: «Danças Húngaras», volume 1, de Brahms; 18.40: «Stabat Mater», de Rossini; 19.40: Trio, n.º 1, em si bemol maior, op. 99, de Schubert; 20.19: Abertura, «A Gruta de Fingal», de Mendelssohn; 20.40: Concertino, para piano, de Honegger; 20.51: Variações, sobre uma galharda de John Dowland, de Scheidt; 21.00: Concerto, realizado na Igreja do Colégio do Funchal, e preenchido com a 2.ª parte da «Oratória do Natal», BWV 248, de João Sebastião Bach; 22.16: Sonata, n.º 5, em dó maior, de Galuppi; 22.33: «Concerto Grosso», op. 6, n.º 12, em si menor, de Händel; 22.50: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.55: Meditando.

Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vamos aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

RTP

- 18.02 - Sumário
- 18.07 - Brinca Brincando
- 18.40 - Viva o Gordo
- 19.30 - Telejornal
- 20.00 - Boletim Meteorológico
- 20.05 - Direito de Antena
- 20.45 - Viver a Vida

21.30 - O musical «Dire Straits em Wembley»: um concerto ao vivo em repetição

22.35 - Dempsey e Makepeace

8º Episódio: - Uma colecção de peças de jade, de valor incalculável, é roubada da casa de campo de Lord Winfield, o pai de Makepeace. O ladrão fizera disparar todos os alarmes, o polícia cercara de imediato a casa, mas nem o ladrão nem as peças de arte foram apanhadas. Makepeace e Dempsey vão investigar o caso e Lord Winfield recebe muito bem este último, apesar de estar ao corrente da sua difícil relação com a filha. Apresentados ao secretário de Lord Winfield, Naismith, ficam a saber quais os hóspedes que se encontravam lá em casa na noite do roubo...

Realizador: - Bill Brayne

- 23.30 - 24 Horas
- 24.00 - Remate



- 15.02 - Agora, Escolha!
- 16.30 - Notícias



No 2.º canal, às 20,30, o 32.º episódio de «Uma Família às Direitas»



No 1.º canal às 22,35, o 8.º episódio da «Dempsey e Makepeace»

- 16.35 - Fama
- 17.30 - Trinta Minutos Com...
- 18.10 - Aves Migratórias
- «O Pombo Torquaz»

18.30 - Estádio
19.30 - Os Descobrimentos
Port. e a Europa do Renascimento
«Os Ex-votos»

- 20.00 - Notícias
- 20.05 - 5ª Dimensão

58º Episódio: - Num restaurante à beira da estrada, está parado um autocarro a aguardar que passe um temporal. Sete pessoas dizem ser passageiros, mas o condutor insiste que só havia seis no início da viagem. Perto do restaurante, foi visto um objecto voador não identificado e uma fractura no gelo revela o lugar provável em que aterram. Marcas de pés vão até ao restaurante.

Realizador: - Montgomery Pittman

20.30 - Uma Família às Direitas

32º Episódio: - Glória descobre o Movimento de Libertação das Mulheres e, quando vai falar com o marido sobre a questão da igualdade, discutem e ela sai de casa.

Mike procura mostrar-se mais preocupado com os exames do que com a ausência da mulher.

Realizador: - John Rich

- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - CinemaDois

«América, Relações de Classe»: - Um filme

inédito em Portugal, realizado por Jean-Marie Strauss e Daniele Huillet.

23.30 - E de Ler

«Curso de Literatura Portuguesa» de Camilo Castelo Branco.

Amanhã



- 18.05 - Bailado de Peter Pan
- 18.20 - Sumário
- 18.30 - Uma Janela Sobre o Mundo
- 19.30 - Telejornal
- 20.00 - Boletim Meteorológico
- 20.10 - Vamos Jogar no Totobola
- 20.20 - Viver a Vida
- 21.10 - Lotação Esgotada
- 23.15 - A Caminho do Minuto Zero



- 15.02 - Agora, Escolha!
- 16.30 - Notícias
- 16.35 - Fama
- 17.30 - Trinta Minutos Com...
- 18.00 - Aves Migratórias
- 18.30 - Estádio
- 19.30 - Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento
- 20.00 - Notícias
- 20.05 - 5ª Dimensão
- 20.30 - Uma Família às Direitas
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Bailado
- 23.10 - E de Ler



AOS CONDUTORES

«Junto das paragens de transportes públicos, abraça a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

Dempsey e Makepeace

RTP 2

CinemaDois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bernardino Cabral, 17
1050-209 Lisboa Tel. 496.1496 e 5814
Telex 4197570



«Viver a Vida»

Querida paixão,
Penso em ti
noite e dia.



És-me mais pre-
ciosa do que qualquer
outra coisa no
mundo.



COMIDA!



© 1984 United Feature Syndicate, Inc.



MARÉS DE HOJE	
PREIA-MAR	BAIXA-MAR
02.02 4,10 m	07.51 1,00 m
14.31 4,00 m	20.10 1,00 m
Dia 31	
02.53 4,30 m	08.42 0,80 m
15.24 4,10 m	20.58 0,90 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	-2°
VIANA DO CASTELO	10°
VILA REAL	0°
PORTO	-°
COIMBRA	2°
CABO CARVOEIRO	11°
CASTELO BRANCO	-
PORTALEGRE	7°
LISBOA	4°
ÉVORA	8°
BEJA	5°
FARO	6°
SAGRES	9°
PONTA DELGADA	18°
FUNCHAL	15°

Acordou da "morte" para morrer

"Estive numa aldeia maravilhosa"

A pequena Beatrice Fuca esteve «morta» durante uma hora e depois abriu os olhos e disse «estive numa aldeia maravilhosa» para, 15 minutos mais tarde, morrer na cama, em Foligno, no centro de Itália.

Segundo os jornais, Beatrice, de 13 anos, tinha um tumor maligno na garganta, o qual lhe transformou num tormento os últimos meses de vida.

No Dia de Natal, a pequena Beatrice piorou e, no dia seguinte, na presença do médico e da família, abriu os olhos e levantou-se na cama. O médico perguntou-lhe se ela sabia quem ele era e Beatrice respondeu que ele era o médico dela e que ela «vinha de um sítio belíssimo, de uma aldeia maravilhosa».

A pequena ficou de olhos abertos durante um quarto de hora e os pais tentaram que, durante esse período, ela se não apercebesse do que na realidade se passava.

A notícia sobre o que se passara com a criança alvoroçou todo o povoado e no domingo uma multidão acorreu ao seu funeral, não faltando quem dissesse que Beatrice tinha estado no céu e tinha querido que os seus o soubessem.

A esse quarto de hora de vida juntou-se um facto inexplicável — o pároco da povoação afirma que quando entrou na sacristia para tirar a estola para ir dar a extrema-unção à criança se acenderam de súbito as velas de enfeite do presépio.

Segundo o pároco, isso é «estranho», porque a iluminação do presépio só funciona quando se introduzem moedas no mecanismo que a acciona.

Do ponto de vista científico, o fenómeno passado com Beatrice Fuca é explicável pela chamada «morte aparente», que consiste na recuperação depois de um coma profundo das funções vitais, incluindo as cerebrais, durante um breve período que precede a verdadeira morte.

Quanto à iluminação do presépio, o pároco não descobre nenhuma explicação «natural» para o sucedido.

Salário mínimo passa para 25.200 escudos

À semelhança do que já fez na véspera de Natal, então anunciando os aumentos salariais da Função Pública, o Governo deu esta manhã outra novidade ao País: os salários mínimos vão subir também, a partir de 1 de Janeiro.

A decisão, tomada em Conselho de Ministros e anunciada ao fim da manhã, eleva em 12% o salário mínimo nacional básico, que passa, assim, de 22 500 escudos para 25 200 e em 15% os salários mínimos dos trabalhadores agrícolas e do serviço doméstico. O salário mínimo na agricultura será de 22 400 escudos.

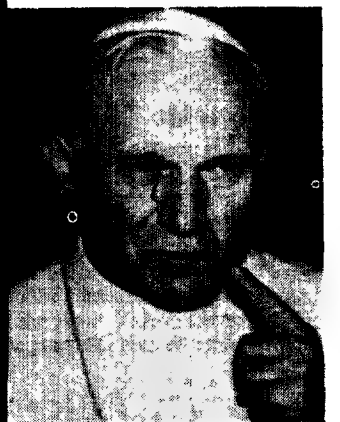
O Conselho de Ministros decidiu ainda que os jovens trabalhadores, dos 18 aos 20 anos, a quem o patronato podia pagar apenas 75 por cento do salário mínimo, terão, a partir de agora, direito a receber o salário mínimo por inteiro.

Assistência jurídica gratuita a partir de Janeiro

Um gabinete de consulta jurídica gratuita começará a funcionar segunda-feira em Lisboa — anunciou hoje a Ordem dos Advogados.

Aquele gabinete, que funcionará na Avenida Infante Santo, foi criado na sequência de um convénio entre o Ministério da Justiça e a Ordem dos Advogados e pretende alargar o acesso ao direito a cidadãos que não possuam meios económicos suficientes de recurso aos profissionais do foro.

D/E/C/A/R/A/S/



VARELA GOMES, coronel, estará esta noite, a partir das 21 horas, na Casa do Alentejo (Rua das Portas de Santo Antão, 58, em Lisboa) para falar num colóquio subordinado ao tema «Os Militares na Política Portuguesa», por ocasião do 25º aniversário da Revolta de Beja. A sessão é organizada pela revista «Versus».

BRUCE SPRINGSTEN foi eleito, juntamente com o presidente Ronald Reagan e o líder soviético Mikhail Gorbachov, o homem mais bem vestido de 1986. A escolha do homem mais bem vestido do ano foi uma iniciativa da Fundação Americana da Moda, que elaborou uma lista de dez nomes na qual estão incluídos o príncipe André, o governador do estado de Nova Iorque, Mario Cuomo, e uma «estrela» da televisão, Ed McMahon.

BONGA, cantor angolano, é a principal atracção do baile de passagem de ano que o Clube de Jornalistas promove, de quarta para quinta-feira, no Pavilhão de Exposições do Instituto Superior de Agronomia em Lisboa. Músicos e dançarinas africa-



nos acompanham o artista angolano durante a maior parte da noite no espaço centenário do Pavilhão das Exposições da Tapada da Ajuda, pavilhão que é exemplar único do período de arquitectura de ferro e vidro em Portugal. Segundo a organização do baile — o Clube dos Jornalistas — estão já inscritos centenas de profissionais da Comunicação Social e nomes conhecidos dos meios artístico, desportivo, cultural e político, havendo também uma forte participação de estudantes.

JOAO PAULO II não tem incluído, no seu programa de viagens para 1987, a deslocação ao Santuário de Fátima, em Maio, para assistir às comemorações do septuagésimo aniversário das aparições, afirmou uma fonte do Vaticano. Roberto Tucci, responsável pela organização das viagens papais, disse que em 1987 estão previstas viagens pastorais ao Chile (Janeiro), à Alemanha Federal (Maio), à Polónia (Junho) e aos Estados Unidos (Setembro). O mesmo responsável admitiu que uma eventual deslocação «muito breve» de João Paulo II a



Portugal «poderá ser anunciada pouco antes de se concretizar».

CARLOS PAREDES é um dos artistas que participam na festa de fim do ano que a Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Camphide promove amanhã, a partir das 21.30 horas. A festa começará com a representação da peça «George Dandin» de Molière, numa encenação de Joaquim Benite e interpretação de Adelaide João, António Assunção, Carlos Gonçalves e Luís Vicente. Durante a noite passarão pelo palco, além do guitarrista Carlos Paredes, nomes como Esmeralda Amoedo, Jorge Lomba, Miguel Silva e Manuel Maia, entre outros.

ROBERT HOSSEIN, um dos actores que interpretava dois papéis em «Uns e Outros», foi, aos 48 anos de idade, baptizado com o seu filho de quatro anos. Desde que há dois anos interpretou com grande êxito e durante uma larga temporada a obra «Um Homem Chamado Jesus», Robert Hossein decidiu converter-se ao cristianismo.

Eleições na Ordem dos Médicos reacendem polémica

O novo presidente da Assembleia Regional do Norte da Ordem dos Médicos, considerou hoje, de madrugada, serem «preocupantes» as manobras feitas em torno do processo eleitoral para a presidência da Ordem dos Médicos.

«É preocupante que apoiantes de Machado Macedo, responsáveis pelas irregularidades cometidas nas eleições surjam agora a reclamar novo acto», declarou Silva Leal durante a cerimónia de posse dos corpos gerentes da Ordem dos Médicos do Norte, para o próximo triénio.

«Isto é tanto mais estranho quanto as suas declarações apontaram no sentido de minimizar as irregularidades na altura denunciadas e imputá-las a mero regionalismo», prosseguiu Silva Leal.

«Pela verificação das actas da Comissão Nacional Eleitoral, verificámos que as irregularidades são muito mais vastas e graves do que a princípio se supunha», concluiu.

Baleado pelo gerente de "boite" de Setúbal

Um jovem de 23 anos foi baleado no domingo à noite, em Setúbal, pelo gerente de uma «boite», encontrando-se em estado grave no hospital daquela cidade. Trata-se de João António Melo Celvo que está em liberdade condicional.

De acordo com a PSP, o incidente verificou-se após discussão provocada pelo facto de Melo Celvo ter ido procurar à «boite» «uma rapariga com a qual o gerente mantinha relações de amizade». O gerente, segundo a mesma fonte, perseguiu o jovem e alvejou-o a tiro, pondo-se seguidamente em fuga, mas foi detido em Pinhal Novo.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SÓRIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363



A morte de Tarkovski

Os portugueses começaram por ver o seu «Solaris», de 1972, feito com base no romance homónimo de Stanislaw Lem e apresentado, então, como «réplica soviética ao '2001' de Kubrik», coisa que o filme, de facto, nunca foi.

Só muito mais tarde descobriram «Andrei Rublev», que tinha sido realizado em 1966, mas que as autoridades soviéticas demoraram anos a libertar para passagem nos circuitos comerciais ocidentais. «Andrei Rublev» confirmou Tarkovski como um dos grandes cineastas contemporâneos.

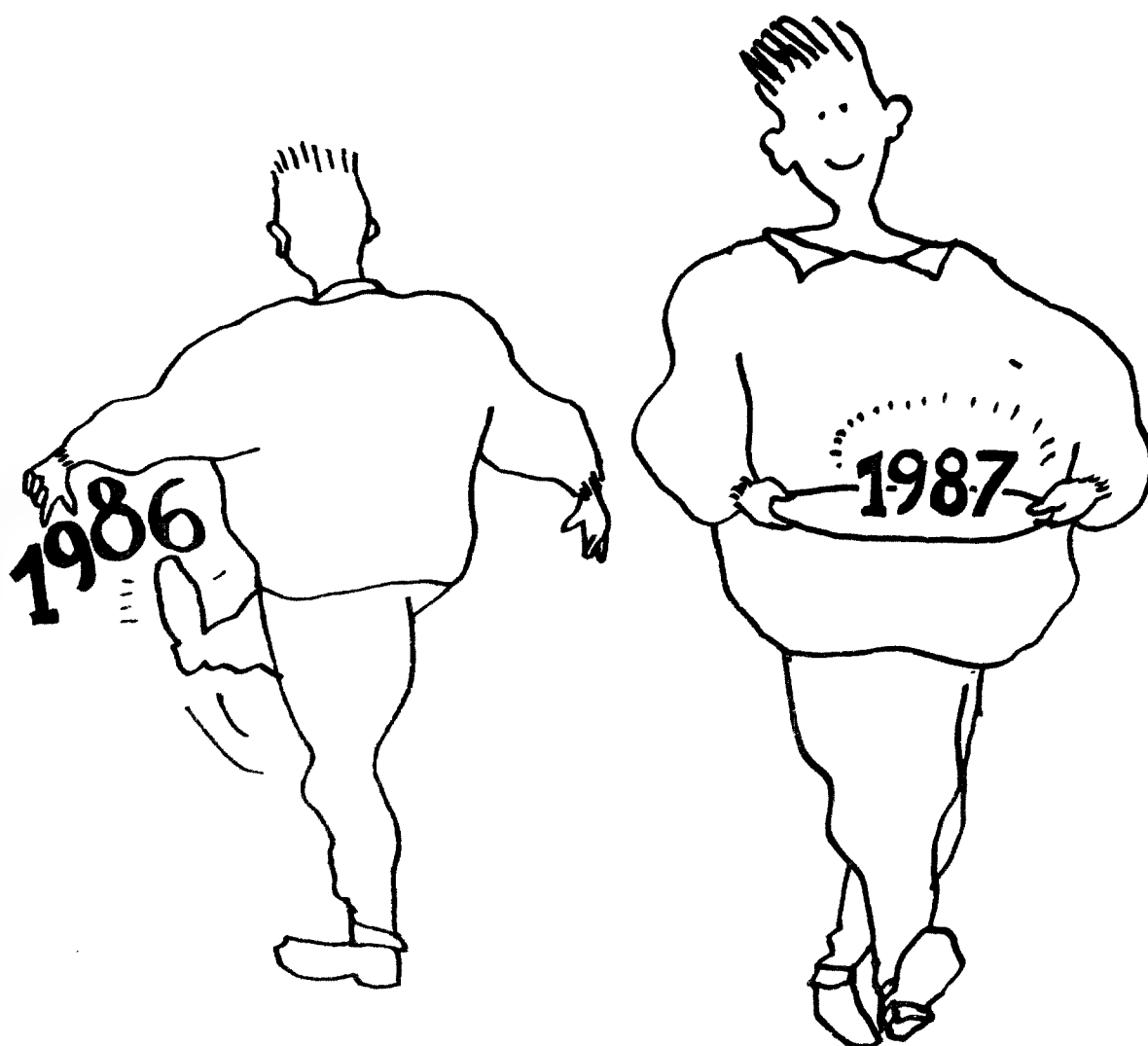
Seguir-se-lhe-iam «Stalker», «Nostalgia» e «Sacrifício», este último galardoado com o Grande Prémio Especial do Júri no Festival de Cannes deste ano, e que ainda não chegou a Portugal.

Tarkovski saiu da União Soviética em

1984, depois de anos de uma relação difícil com as autoridades do seu país. «Nostalgia» foi já filmado em Itália, e «Sacrifício» viria a ser feito na Suécia. Morreu ontem no Hospital Hartmann, nos arredores de Paris, de um cancro nos pulmões de que sofria há bastante tempo.

Tarkovski, que a si mesmo se definia como poeta, nasceu a 4 de Abril de 1932 em Zavrajie, uma localidade perto do Volga. Apesar de ter abandonado a União Soviética, sempre recusou o label de «dissidente», e não se lhe conhecem atitudes públicas de condenação aberta do regime para onde não quis voltar.

Autor de poucos filmes, cada um deles é um marco importante na história do cinema.



O Ano em Imagens

Págs. 4, 5 e 6

Monstros

O homem petrificado de Descartes e o «espanto» dos enciclopedistas

Pág. 2

Impostos

Descubra quanto paga de IVA

Pág. 3

Fotografia

As imagens fixas e seus universos espantosos

Pág. 2



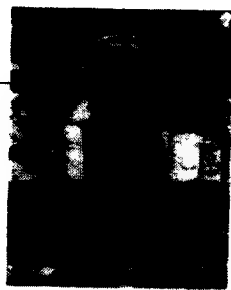
Maria de Medeiros: a sombra do mestre o fantasma de D. João

Agenda de um teatreiro em Paris

Elvira Jovet 40

■ Carlos Porto continua a comentar o teatro que viu na «rentrée» parisiense. Hoje, destaque para Maria de Medeiros, a jovem actriz portuguesa redescoberta na capital das luzes

Pág. 7 e 8



Monstros III

Chaké Matossian

O homem petrificado

LONGE de ser excluído, o diferente aparece, em Descartes, como condição de todo o conhecimento. Analisando a paixão primitiva que é a admiração, descobrimos que o monstro não surge onde esperávamos que surgisse. Quando a *Enciclopédia* liga o espanto à visão de um objecto monstruoso ou à de um crime, opera uma inversão de pensamento cartesiano. O monstruoso, no espanto cartesiano, nunca é o **objecto** visto, porque, enquanto tal, ele é apenas raro, diferente, quer dizer, está para além do bem e do mal.

O monstro, no espanto, é o **espectador**, o monstruoso, o espanto propriamente dito. O espectador torna-se sub-homem, transforma-se em objecto inanimado, menos que máquina: regressa ao estado mineral.

O monstro de Descartes é esse homem petrificado, metamorfoseado em estátua, incapaz de reconhecer o diferente, porque incapaz de estabelecer uma relação entre as coisas.

O medusado revela-se mais monstruoso do que Medusa. A sua

imobilidade resulta de um efeito fisiológico que se explica pela circulação bloqueada dos espíritos animais. A admiração (ou a surpresa) leva-os a todos em direcção à impressão do objecto, impedindo a sua corrida aos músculos, «o que faz com que todo o corpo se mantenha imóvel como uma estátua, e que não seja possível aperceber do objecto senão a primeira face que se apresentou, nem, por consequência, é possível adquirir dele um melhor conhecimento». (1)

O espectador, imobilizado, não vendo senão a primeira face do objecto, fixa-se nela sem poder mudar de ponto de vista, sem ver a coisa de outro **ângulo** (amiúde Descartes aconselha a que se considerem as coisas de um ângulo agradável) e, por isso mesmo, ele mostra-se inapto a estabelecer a menor comparação, primeira etapa do caminho do pensamento.

Aquele que não vê senão a primeira face de um objecto afasta-se do conhecimento na medida em que este é adquirido por um método que consiste a pôr em relevo **uma** das faces de um objecto.

«Mas, exactamente como os pintores, não podendo representar igualmente bem num quadro plano todas as diversas faces de um corpo sólido, escolhem somente uma das principais, única que põem em relevo, deixando as outras na sombra, não as fazem aparecer senão enquanto se podem ver, olhando-a...» (2)

Como os pintores: isso significa que o filósofo conhece as leis da perspectiva e que, por conseguinte, não se deixa espantar facilmente. O filósofo procura sempre dar a volta ao objecto, enquanto o homem-estátua, ao contrário do homem-curioso, não vê dele senão a sua primeira face.

O homem-estátua não consegue compreender o diferente ou o estranho porque ignora os poderes e as leis da anamorfose, o engano permanente dos nossos órgãos de percepção. Graças à reflexão sobre coisas extraordinárias, nós conseguimos, no entanto, libertar-nos do império do espanto: «Não há qualquer outro remédio para nos impedirmos de admirar com excesso senão o de adquirir o conhecimento de

diversas coisas, e de nos exercermos na consideração de todas aquelas que podem parecer as mais raras e as mais estranhas.» (3)

Pertence portanto ao homem criar monstros hipotéticos, construir universos estranhos, cheios de ilusões, disformes, graças à geometria e à física. O estranho e o maravilhoso representam objectos de estudo e não de crença ou de fascínio.

J. Baltrusaitis lembra como foi importante o estudo das perspectivas insólitas para o grupo de sábios cartesianos do Convento dos Mínimos: Mersenne, Nicéron e Maignan. «As Questões Inauditas ou o Recreio dos Sábios», de Mersenne, os retratos anamórficos de Nicéron, a «Perspectiva Horária», de Maignan refletem o espírito cartesiano: «Ali encontramos até certas analogias de raciocínio e de associação de ideias, entre as quais a imagem do autómato que também intervém nas demonstrações do mestre.» (4)

Baltrusaitis aproxima a descrição do autómato cartesiano dos jardins de Salomon de Caus, autor de *Raões das Forças Móveis* (1615), em que Descartes se inspirou, e que

foi construtor de prodigiosos autómatos. O Mundo é um teatro, um imenso brinquedo e todos os fenómenos curiosos assinalam o seu carácter ilusório.

As demonstrações de Descartes, como as dos perspectivadores, visam pôr em relevo o engano dos nossos órgãos de percepção: «As experiências científicas, os golpes de imaginação, as encenações com os autómatos e com os quadros intermutáveis estão lado a lado sobre um mesmo fundo e desenvolvem-se no mesmo sentido, como uma maldição filosófica da ilusão.» (5) Aquele que crê naquilo que vê, eis o monstro cartesiano, o homem petrificado, imobilizado aquém de qualquer pensamento criador.

Notas:

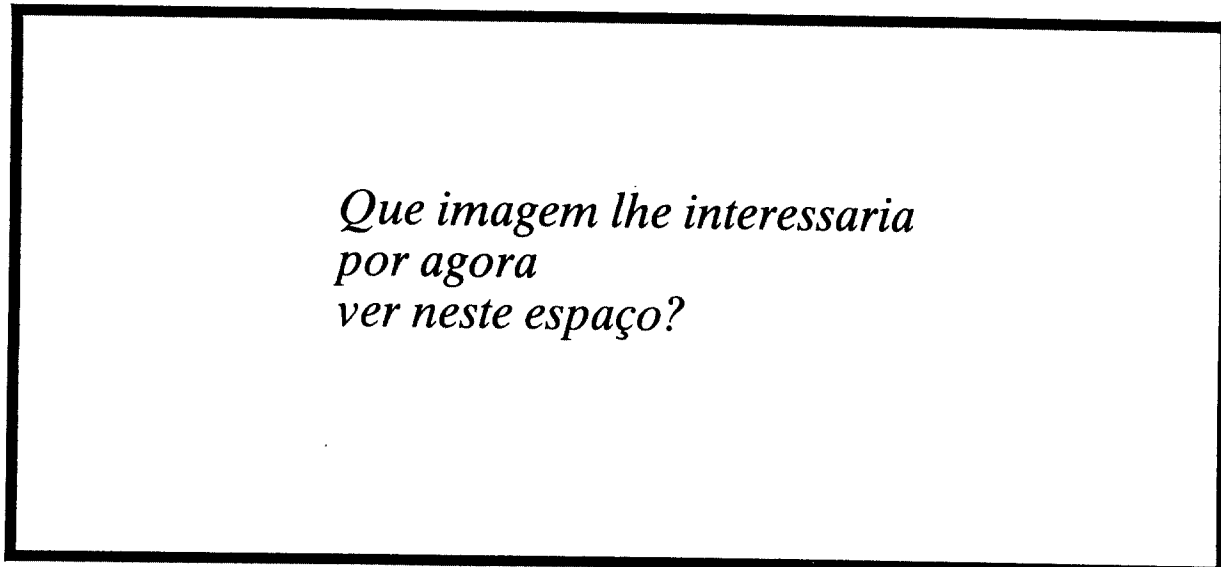
- (1) Descartes, *Les Passions de l'Âme*, art. 73.
- (2) Descartes, *Discurso do Método*, 5.ª parte.
- (3) J. Baltrusaitis, *Anamorphoses*, Paris, 1984.
- (5) Ibidem.

Fotografia 1/Figuras do Espanto Do interesse fotográfico

ANTES da sua difusão exacerbada, e da sua transformação naquilo a que chamaremos sem complexos um **trust do imaginado**, a fotografia foi — essencialmente — objecto de espanto. Não pretendemos com isto ajuizar negativamente do estatuto das fotografias que nos são contemporâneas (e que num certo sentido são todas, se tivermos em conta a persistência teimosa que caracteriza a imagem fotográfica). Nem pretendemos, longe de nós, afirmar que elas são já incapazes de nos espantar. O que aqui dizemos corresponde, antes, à convicção de que as nossas atitudes em relação ao que é fotográfico mudaram em muito e que, hoje, os espantos são outros.

Porque a imagem fotográfica é agora incapaz de espantar alguém pela sua simples natureza de imagem fotográfica, o que nos permite afirmar que o movimento pelo qual essa imagem foi ingurgitada como elemento integrante das vivências social, política e estética das sociedades modernas correspondeu também à naturalização do que essa natureza continha de mais artificial.

Esse processo equivale aqui a um resvalar para o esquecimento e constitui, digamo-lo, muito menos uma consequência do desenvolvimento das técnicas e das tecnologias que enformam o dispositivo fotográfico do que de uma complexa teia de factos de sociedade. À medida que ele se enreda em usos reconhecidos como objecto de sanções sociais positivas, em aplica-



*Que imagem lhe interessaria
por agora
ver neste espaço?*

ções que constroem a uma exploração racional das suas possibilidades e em disposição jurídicas que pretendem limitar-lhe os desempenhos ou, ainda, em propostas estéticas que podem não ter qualquer pejo em aceitar sociabilidades e responsabilidades, mas raramente estão isentas de pudor relativamente às utilidades, é um outro regime do espanto fotográfico que se institui.

Esse espanto, curiosamente, é o espanto previsível. Porque antes mesmo de que uma fotografia se nos apresente é como se já a tivéssemos visto, por mais ousada que ela possa ser. Porque é indiscutivelmente mais fácil prever, hoje, o que haverá para ver amanhã. A capilaridade

de uma difusão que nos transforma a todos em milionários da vista, a extrema banalidade da fotografia enquanto objecto (e, em sociedades menos penúrias do que a nossa, enquanto prática) tendem a fazer de cada imagem nada mais do que um produto interessante, no sentido conferido por Heidegger a esta palavra no seu livro «O que se chama pensar?»: «Inter-esse quer dizer: estar no meio de e entre as coisas, manter-se no coração de uma coisa e permanecer perto dela. Mas para o inter-esse moderno apenas conta aquilo que é «interessante». A característica daquilo que é «interessante» é que isso pode já a partir do

instante seguinte ter-se tornado para nós indiferente e ser substituído por outra coisa, que nos diz tão-pouco respeito quanto a precedente.» (1).

A condição de existência de um interesse fotográfico é a existência de uma cultura fotográfica, e é esse regime difuso das visibilidades que nos permite aceitar o epíteto de espectadores de fotografias: pois assim, face a cada uma delas podemos ser ao mesmo tempo os que a espectam e os que estão na expectativa. Observamos cada fotografia esperando algo do mesmo modo que a esperamos pela observação de outras. É por isso que a cultura fotográfica exige uma aturada gestão da

indiferença face à fotografia que não poupa mesmo a figura apaixonada do coleccionador que se entrega à enumeração erudita daquilo que falta nas colecções dos outros, indiferença essa que apenas se esbate temporariamente no fascínio efemero do inesperado, ou se curto-circuita em privado pela eclosão do afecto.

Nesse sentido, o espanto fotográfico de hoje tende precisamente a não ser espanto, ficando-se o espectador antes por uma admiração pela diferença relativa às fotografias vistas ou julgadas possíveis, como se ao arrancar das escamas do visível tivesse correspondido uma erosão do incrível. A história da fotografia lembra-nos imperiosamente que estamos já longe do século XIX, em que o espanto era o movimento tateante de uma cultura confrontada com a eclosão de uma técnica para a qual não se dispunha ainda de um saber apropriado, e de uma representação que apenas se podia capturar pela teoria na referência às técnicas que mais radicalmente ela veio perturbar...

Nota

- (1) Martin Heidegger, *Qu'appelle-t-on penser?*, Puf. Paris 1983, p. 23.

Pedro Miguel Frade

Impostos

Descubra quanto paga de IVA

Quando a sr.^a Silva resolveu não cozinhar naquela noite, o sr. Silva não viu outra alternativa do que ir comprar um frango assado e batatas fritas. Não sendo habitual fazê-lo, estranhou o preço e inquiriu o empregado do estabelecimento. Este disse nada perceber de contas, mas que talvez fosse «por ter o IVA». «Ora, o sr. Silva é uma pessoa atenta, mas apesar de ter acompanhado as largas dissertações na televisão aquando da introdução daquele imposto, subsistiu nele a dúvida como funcionaria e o certo é que não conseguiu dizer que sim ou que não ao empregado.

DÚVIDAS que não se resumiam ao sr. Silva. Aprovado o novo imposto há cerca de dois anos, pelo Decreto-Lei n.º 394-B/84 de 26 de Dezembro, a sua entrada em vigor não foi pacífica. O Núcleo do IVA da Direcção-Geral de Contribuições e Impostos, segundo fontes próximas desse organismo, recebeu um número incalculável de questões a que não conseguia dar vazão. Mesmo para este ano, o montante arrecadado através do IVA ultrapassou largamente as previsões governamentais.

A própria forma de pagamento, através do envio de «vale do correio, cheque ou transferência conta a conta», evitando ao aparelho administrativo a morosa e pesada tarefa de proceder à liquidação, tem levado os contribuintes, segundo um técnico sindical, a preferir «pagar sem discutir». Mas pagar o quê?

Como funciona

De acordo com o seu código, «o IVA visa tributar todo o consumo em bens materiais e serviços, abrangendo na sua incidência todas as fases do circuito económico, desde a produção ao retalho, sendo, porém, a base tributável limitada ao valor acrescentado em cada fase».

Seguem-se ainda uma dezena de páginas de preâmbulo e 125 artigos que constituem aquele código. Por impossibilidade prática, o sr. Silva decidiu preocupar-se com o que tinha entre as mãos. O frango assado que comprara antes de poder repousar na travessa, passara por outros donos: antes de si, o proprietário da churrascaria que lhe fizera o serviço de o assar, antes dele ainda o armazenista que o transportara da casa do produtor primeiro. Este era o raciocínio simples do sr. Silva com três fases distintas.

O sr. Silva supôs ainda que o produtor queria vender o frango ao armazenista por 360\$00. Ora, segundo o dito código, sobre esse valor vai incidir a taxa de 8 por cento, passando o frango a custar 388\$00, preço que o armazenista pagará e cujo imposto incluído (28\$80) o produtor reterá para o enviar posteriormente no fim do mês.

O armazenista vai deduzir ao preço do frango o imposto nele incluído, obtendo o preço-base do produtor, sobre o qual fará incidir a sua margem de comercialização, suposta neste caso de 40\$00. Assim,

o preço do armazenista ficará em 400\$00, sobre o que cairá o IVA, mais 8 por cento, ficando em 432\$00, preço que o comerciante vai desembolsar.

Entretanto, o armazenista não enviará os 32\$00 de imposto, mas sim 3\$20, o resultante daquele valor deduzido dos 28\$80 de imposto que já pagara. O comerciante faz incidir sobre o preço-base do armazenista (400\$00) a respectiva margem de comercialização, suposta ser neste caso 63\$00. Deste modo, será sobre os 463\$00 que o IVA vai de novo recair, acabando o consumidor, o sr. Silva, por deixar a nota de quinhentos escudos sobre o balcão. Depois de paga a conta, o comerciante só terá de enviar o imposto cobrado, 5\$00, ou seja, 37\$00 deduzidos do total dos impostos já cobrados.

Algumas ilações

A primeira conclusão a reter é que foi o sr. Silva quem pagou o imposto, uma vez que se se adicionar ao preço do produtor as diversas margens de comercialização e, no fim, lhe aplicarmos a taxa de 8 por cento, aí estarão os 500\$00 pagos. Não há novidade: o IVA é um imposto sobre a despesa, visa tributar quem gasta, e o sr. Silva não era obrigado a comprar um frango assado.

A segunda conclusão retirada será que o imposto incide sobre margens de comercialização consideradas como custos inerentes ao produto final pronto a consumir, nele se incluindo tanto o custo do serviço necessário como a remuneração de quem ganha com esse serviço. Mais uma vez, o consumidor com posses deverá pagar os seus excessos, sendo tributado sobre vencimentos de outros.

A terceira ilação é que o preço final depende do número de agentes existentes no trajecto que vai do produtor ao consumidor. O sr. Silva contou três, mas para obter valores mais reais importaria produto a produto qual o número médio de trajectos. Como nos outros casos, se o consumidor consegue chegar ao que está alto é porque pode pagar e o sistema não será tão ineficiente assim.

Descubra você mesmo

O Sr. Silva descobriu que a consequência do pequeno gesto de decidir

comer um frango, foi contribuir com 37\$00 para o total do IVA de 1986. O mesmo é possível ser feito para todas as despesas de cada agregado familiar.

Para esse efeito, basta tomar conhecimento com as diferentes tabelas previstas no código do IVA. Existem 4 tipos: uma tabela de produtos e serviços isentos ou de taxa 0, outra tabela de produtos sobre os quais incidirá a taxa mínima (8 por cento) e uma terceira referente aos produtos e serviços tributados com a taxa máxima (30 por cento). Todos os bens e serviços não incluídos naquelas três tabelas verão os seus preços acrescidos de 16 por cento.

Seguidamente, faça um orçamento familiar para um mês e retire aos preços pagos a parte respeitante ao imposto. Some tudo com atenção, multiplique por 14, e não se esqueça de juntar o resto dos impostos que já pagou ou ainda vai pagar ao longo do ano.

Existe sempre a possibilidade de recorrer ao Índice de Preços no Consumidor, baseado na estrutura de despesa dos agregados no ano de 1977, em que a Alimentação e Bebidas representava 49,6 por cento, o Vestuário e Calçado 9,4 por cento, despesa com renda de casa cerca de 12,3 por cento, despesas com habitação 10,6 por cento e mais 18 por cento para diversos.

Comparando os bens do IPC e as listas do IVA e atribuindo as taxas correspondentes, obtém-se um valor próximo dos 5,5% do rendimento despendido. Refira-se que este número será apenas um valor transitório, pois de acordo com o código do IVA, os bens e serviços isentos não se adequam às normas comunitárias e apenas subsistem com carácter temporário, sendo «necessariamente de aplicação transitória».

Acrescente-se que os bens e serviços isentos são os considerados de primeira necessidade.

Refira-se ainda que o valor das taxas foi definido tendo em conta os montantes dos impostos que o IVA veio substituir, sendo por isso, eles também, provisórios.

Os números obtidos deixaram o Sr. Silva com a sensação de estar a ser demasiado condescendente, pois por experiência o Sr. Silva sabe que, se entre dois, um deles comer um frango, a metade dirá que cada um deles teve direito a metade, caso que se aplica também aos frangos assados.

João Almeida

LER, ESCRIVER

Na próxima quinta-feira 1 de Janeiro, feriado nacional, não se publica o «Diário de Lisboa». O «Ler e Escrever» volta ao convívio dos seus leitores na quinta-feira 8. Bom Ano Novo!

1986
INTERNACIONAL
Em imagens



Reiquejavique e Irangate

REAGAN e Gorbachev encontram-se em Reiquejavique para tentarem um acordo sobre a redução dos armamentos. Reagan tentou «vender» ao dirigente soviético a ideia da «guerra das estrelas», mas este, que se apresentou à mesa das negociações melhor preparado do que o presidente americano, trazia um conjunto de propostas que não podiam funcionar como «moeda de troca». O acordo não foi realizado, embora tenha permitido o desbloqueamento das negociações de Genebra.

1986 foi, para Gorbachev, o ano do robustecimento da sua imagem «moderna e mais liberal».

Para Reagan, terá sido «o ano do Irangate». Até que ponto estava o presidente informado sobre as vendas de armas americanas ao Irão de Khomeiny, e sobre a entrega das receitas aos «contra» nicaraguenses? Poindexter, conselheiro nacional de segurança de Reagan, bem como um seu adjunto, North, foram já afastados das suas funções. O inquérito sobre o envolvimento da Casa Branca e do próprio presidente americano neste obscuro negócio que contrariava as directivas do Congresso vai arrastar-se por quase todo o ano de 1987, e os colaboradores de Reagan esperam que, com o tempo, o «caso» comece a perder interesse, para a opinião pública norte-americana e mundial.



Novos e velhos poderes

CORY AQUINO ganhou as eleições nas Filipinas contra Ferdinando Marcos, e enfrentou com sucesso uma tentativa para a transformar numa mera «rainha de Inglaterra», tentativa conduzida pelo homem que fora o seu braço direito, o ministro da Defesa Ponce Enrile. A sra. Aquino conseguiu também a tregua que pretendia com a guerrilha de esquerda. Irá 1987 consolidar o seu poder?

Kurt Waldheim conseguiu fazer-se eleger presidente da Áustria, depois de uma campanha em que não convenceu a opinião pública mundial sobre o seu não-envolvimento com os nazis. Pelo contrário, Waldheim deu de si a imagem de um homem incapaz de assumir o seu passado, e entrando mesmo em contradições para o escamotear.

Augusto Pinochet escapou a um atentado. Num primeiro momento, admitiu-se que a acção contra o ditador ia unir os militares à sua volta, numa espécie de última muralha. Afinal, as contradições do regime e o isolamento do general parecem ter-se acentuado. Pinochet tem poucas possibilidades de vir a ser ainda o candidato presidencial das Forças Armadas chilenas, nas presidenciais que se aproximam.

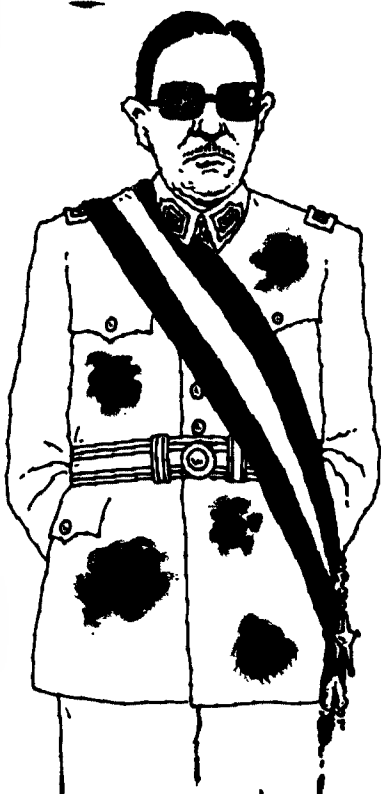


A Líbia de Kadhafi transformada em alvo militar americano

REAGAN deu ordem para bombardear alvos militares (e civis) na Líbia do coronel Kadhafi. A maioria dos Estados europeus e todos os não-alinhados protestaram contra este uso da violência, apesar de a revolução «verde» ter cada vez mais dificuldade em se defender das acusações de patrocinar parte do terrorismo internacional.

Temporariamente, Kadhafi desapareceu da cena política do seu país, e correram rumores de que estaria a realizar-se uma mudança na direcção da Líbia revolucionária. O dirigente carismático líbio reapareceu, no entanto, mais tarde, voltando a declarar a sua capacidade para atingir alvos americanos onde quer que eles se encontrem, e exortando os seus compatriotas a estarem preparados para morrer.

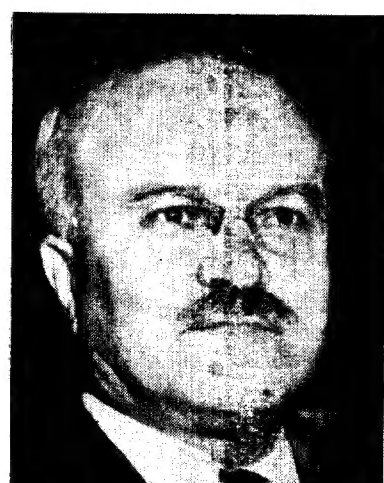
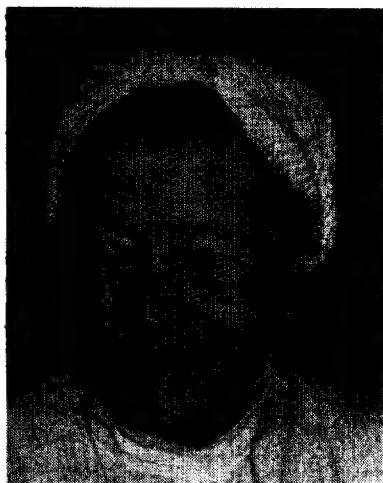
Os bombardeamentos americanos na Líbia são o primeiro acto de retaliação de um Estado que se sente alvo do terrorismo internacional contra outro Estado suposto patrocinar esse mesmo terrorismo. Irá 1987 assistir à repetição de «expedições punitivas» como esta?



1986

INTERNACIONAL

Em imagens



Sete símbolos desaparecidos

Simone de Beauvoir, autora do «Segundo Sexo», companheira de mil lutas de Sartre, que marcou, com outros, a geração do pós-guerra europeu; Jean Genet, «comediante e mártir», que reclamava para si a imagem do traidor, do ladrão, do amigo falso; Cary Grant, para muitos o mais sedutor e o mais elegante dos actores «hollywoodianos» deste século; Molotov, apartchik de primeira grandeza durante décadas, expulso do PCUS e nele reintegrado sem pompa pouco antes da morte; Jorge Luís Borges, mágico da palavra e farsante de génio, que acabou por nunca receber o Prémio Nobel; Olof Palme, abatido a tiro à saída de um cinema na sua capital, ele que era o símbolo da não-violência e do «progressismo» sueco; e finalmente Samora Machel, desaparecido num obscuro acidente de avião, e que deixa Moçambique órfão como Angola ficou órfã de Agostinho Neto. Sete mortos, sete símbolos distintos da pluralidade da vida e dos sinais que se entrecruzam sem sentido comum.



Sakharov e o Terror

MIKAIL Gorbachev pôs termo ao exílio interno de Sakharov e de sua mulher Elena Bonner. A notícia surpreendeu todo o mundo. Regressado a Moscovo, convidado a retomar a sua actividade na Academia das Ciências soviética, o físico pediu ao líder soviético que liberte os restantes presos de consciência soviéticos e criticou a política afegã da URSS. Sinal dos tempos? Confirmação da relativa «abertura» que Gorbachev pretende introduzir na vida da URSS? A liberdade de movimentos de que o físico gozará em Moscovo será um indicador, em 1987, da importância e alcance do gesto agora feito.

Em Paris, pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, foram afixados cartazes oferecendo prémios a informadores que fornecessem informações sobre o paradeiro de dois terroristas, os irmãos Abdallah. A capital francesa conheceu dois meses de terror, e viu instalar-se nas suas ruas e esplanadas, no metro e nos grandes armazéns, uma verdadeira «psicose da bomba». Depois, o governo de Jacques Chirac fechou as fronteiras francesas, exigindo vistos aos turistas... mesmo americanos.



Chernobyl e o Reno

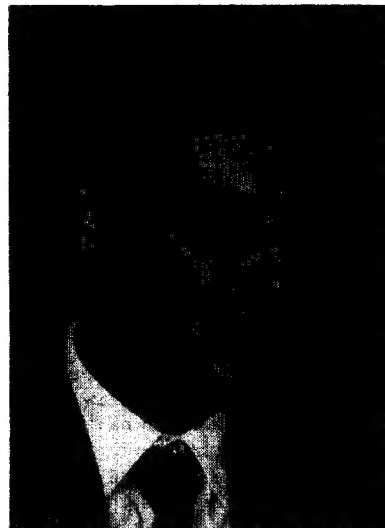
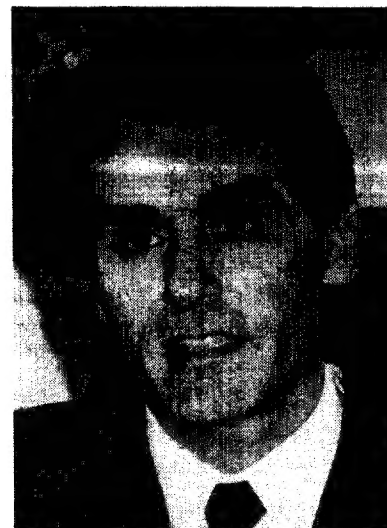
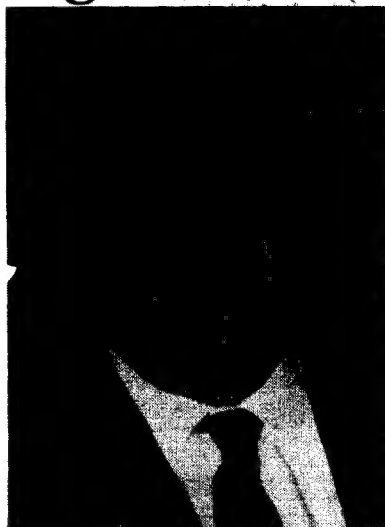
É impossível dizer que o desastre de Chernobyl virou a opinião pública internacional contra o nuclear civil. Apenas terá constituído o maior acidente até hoje verificado numa central. Os especialistas aprenderam bastante sobre os efeitos de grandes radiações. A região, entretanto, vai sem dúvida ficar interdita durante anos. Quanto ao «desastre» do Reno, ele vem confirmar que um bom acidente ecológico continua a ser uma boa oportunidade para que todos os vizinhos despejem nele o seu caixote do lixo. Pobre Europa, apesar de todos os discursos que se fazem por ela. Nós, por cá, todos bem. Chernobyl fica longe e o Reno também. No entanto, pergunte-se às mães de Pernes pelo Alviela...

1986

NACIONAL

Em imagens

Figuras do ano



PARTIDO para a corrida presidencial na pior posição, depois da importante derrota do PS nas Legislativas de 1985, Mário Soares ganha as «primárias de esquerda» e é eleito Presidente da República à segunda volta. Freitas do Amaral, que reúne, quer à primeira quer à segunda volta, quase metade do eleitorado, passa, depois de um curto período de inactividade, a liderar uma fundação que lhe permitirá manter-se presente na vida política portuguesa embora num quadro extrapartidário. Cavaco Silva atravessa o ano de 1986 como chefe de um governo minoritário, multiplicando os confrontos com a oposição parlamentar, e visa porventura novo quadro legislativo em que o seu partido, onde deixou de haver conflito interno aparente, alcance a maioria que nenhuma formação conseguiu, desde o 25 de Abril. O antigo Presidente da República, Ramalho Eanes, entra com pompa e circunstância para a liderança do PRD, e passa a dirigir uma política de meio-termo entre o PSD de Cavaco Silva e o PS de Vítor Constâncio. Este, novo líder do PS, prepara-se para se apresentar ao eleitorado como alternativa a Cavaco Silva, mas não tem pressa. José Manuel Tengarrinha, por excelência o «compagnon de route» do PCP, que tem liderado o partido que, com os comunistas, dá corpo à Aliança Povo Unido, decide forçar a sua pequena e descaracterizada formação política a um exercício de independência: o congresso do MDP determina que o partido concorrerá sozinho a próximas Legislativas. Entre os intelectuais, destaca-se a figura de Eduardo Lourenço: quer devido ao seu livro «Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera» quer devido à importância da sua intervenção na Convenção da Esquerda Democrática.

Uma Convenção para durar?

No início do último mês do ano, a nova direcção política do PS e um grupo de independentes consegue realizar uma «Convenção da Esquerda Democrática», sistematicamente descrita como lugar de reunião, de discussão, de não-exclusão. A facção «revisionista» do MDP faz-se representar nela por Helena Cidade Moura. O PRD mantém em relação à iniciativa uma considerável distância, depois de Ramalho Eanes ter pessoalmente esclarecido os seus militantes de que se trata de uma tentativa do PS para hegemonizar o espaço das ideias políticas e da cultura.

Principais presentes: a nova direcção do PS, activistas da campanha de Lourdes Pintasilgo, outros — em menor número — da campanha de Salgado Zenha. Principais ausentes: os comunistas e os filocomunistas do MDP.

O PS de Vítor Constâncio aparece como grande anfitrião, única força partidária capaz de «organizar, sem querer ter a última palavra», um encontro tão plural.

Fica lançado o desafio à «Direita Democrática» para que mostre o que vale, organizando por seu turno algo de equivalente a esta Convenção.

Três nomes parecem destinados a ficar particularmente associados a este encontro: Nuno Brederode Santos, organizador discreto e eficaz; Eduardo Prado Coelho, publicista-mór da ideia mesma da Convenção nas páginas do semanário «Expresso», e Eduardo Lourenço, o homem que teve a coragem de vir dizer ao cinema Império que a Esquerda democrática está a atravessar a maior crise da sua existência, e que não se vislumbra facilmente o modo de ultrapassar essa crise.



Agenda de um teatreiro em Paris

«Elvira Jouvét 40» – encenar a Arte do Teatro

03. 11.86. À segunda-feira, já o disse, os teatreiros descansam em Paris. No entanto, se estiverem atentos, lá encontrarão qualquer coisa para dar ao dente insaciável. Se desaproveitarmos esta segunda-feira foi em razão de um incidente que contarei pelo inesperado desfecho que acabou por ter.

Em compensação, a segunda-feira, em Paris como em Portugal, é o dia dos cinéfilos: é que também em França os bilhetes têm nesse dia um desconto apreciável que não se pode deixar de aproveitar. Fomos ao Cosmos, cinema que exhibe filmes soviéticos, ver um filme recente de um realizador da badalada nova vaga soviética, Alexei Guerman, com o título «Mon Ami Ivan Lapchine». Filme extremamente perturbante, não apenas pelo tema, pela história que conta, pela humanidade que os vivem, mas pela maneira como conta essa história, pela encenação dessa história e dessa humanidade, pelas tensões que atravessam uma e outra e que acabam por atingir o espectador dividido entre os discursos que lhe são propostos. Filme fascinante e que por isso impede a necessária distanciância crítica provocando um inesperado mal-estar mesmo nos espectadores receptivos que nós éramos. Uma confirmação contudo: os filmes soviéticos, pelo menos os melhores, mostram-nos uma outra sociedade (melhor? pior? é outro teatroque não vem ao caso), e mostra-nos essa sociedade outra com um olhar outro. O que implica uma coerência do entendimento das coisas que só por si merece respeito e atenção.

Mas deixemos o cinema (também é outro teatro de que aqui não se cuida) deixemos esta segunda-feira, e passemos já, ansiosamente para o *As Lições de Jouvét*.

04. 11.86. Ou seja, para *Elvira Jouvét 40*. «7 lições de L.J. a Cláudia sobre a cena segunda de *Elvira de Dom João* de Molière extraída de 'Molière et la Comédie Classique' de Louis Jouvét (édition Gallimard); espectáculo concebido e encenado por Brigitte Jacques».

Estamos pois perante o «corpus» que vamos apreciar. Vimos o espectáculo no Teatro Athénée-Louis Jouvét, velho teatro à italiana, situado perto da Ópera, cujo nome constitui uma homenagem a Louis Jouvét que lá trabalhou durante muito tempo — Jouvét no Jouvét, portanto: bela coincidência!

Conheçamos as regras do jogo. Brigitte Jacques é encenadora e professora de teatro. Conhece naturalmente, e quase de cor, as lições de L.J., actor, encenador, pedagogo, um dos grandes do século XX francês, lições que foram estenografadas e publicadas em livro. Nessas lições, BJ descobriu um bloco que, imagino, a fascinou. L.J., professor do Conservatório, trabalhava sobre Molière, autor de quem era especialmente admirador e cujas peças esplendidamente representara, trabalhava em especial sobre uma cena do *Dom João* em que a personagem Elvira tem de exprimir determinados valores psicológicos, morais, teatrais. Durante meses, L.J. professor mas homem de teatro completo, e Cláudia, sua aluna, vão travar um combate, um combate em que às vezes estão lado a lado, às vezes um contra o outro; às vezes detestando-se, às vezes (talvez) amando-se. Há outros actores/personagens: são quase só figuração.

Cláudia, escrevi. Não uma personagem, mas uma pessoa (logo uma personagem?); uma pessoa que foi de facto aluno de L.J., que de facto trabalhou com

Incrível: talvez o teatro tenha começado há centenas de milhares de anos com um homem desprendendo-se das suas mais primitivas condições tentando perscrutar o desconhecido e fazer dessa comunicação uma outra comunicação, um seu fingimento; talvez, de facto, seja o teatro a arte mais antiga dos humanos... Incrível: neste nosso tempo em que a sofisticação tecnológica atingiu níveis há poucos anos inimagináveis... Velha arte do homem na sua humanidade, o teatro — incrível! — é ainda capaz de nos surpreender.

Foi num teatro de Paris que essa surpresa aconteceu; por acaso, um daqueles acasos que a vida sabe congeminar, e dessa surpresa, faz parte, surpresa na surpresa, uma jovem portuguesa. Falo de Maria de Medeiros, falo de Elvira Jouvét 40; falo de um texto que não é um texto; de actores que não são actores; de um espectáculo que não é um espectáculo: falo do mais belo teatro do mundo. Vamos ver como.

Noutra coordenada desta geografia ardente, noutra ramo desta árvore fértil e múltipla, vamos encontrar um outro discurso, o impenetrável (falso?) discurso de Valère Novarina, com o seu irrespirável, inapreensível Drama de la Vie. Também dele falaremos.

ele aquela cena; uma pessoa que existe, ainda existe. É tudo verdade, quer dizer, é tudo teatro.

Estamos pois numa sala de teatro, sala cheia de gente, em grande parte jovem (público maravilhoso, este!). Imaginemos, uma sala onde não se vai apresentar um espectáculo mas sim decorrer um conjunto de lições, sete ao todo, dadas por um professor de teatro aos seus alunos e em especial à sua aluna Cláudia. Já se entendeu, *Elvira*, personagem de Molière, *Jouvét* um nome de um homem de teatro; falta do título, o *40* (*Elvira Jouvét 40*). Atenção, o *40* é muito importante: é por causa dele que vai surgir um daqueles momentos de emoção teatral que não se perdem mais: *40*, de 1940, claro. Foi de facto entre 14 de Fevereiro e 21 de Setembro de 1940 que decorreram, no Conservatório de Arte Dramática de Paris, as sete lições de L.J. nas quais este espectáculo se baseia. Sete lições, como se escreveu, sobre a última cena de *Elvira* (acto IV, cena 6) de *Dom João* de Molière.

Para os que pensam que o teatro está a regressar ao texto e ao actor, com a desvalorização do elemento encenação, este espectáculo parece ser uma demonstração eloquente de ambas as coisas. E no entanto estariam enganados. Porque, em primeiro lugar, a beleza, a força, a emoção deste espectáculo passam inevitavelmente pela leitura inteligente, sensível, subtil, criativa da encenadora (sem isso não havia espectáculo, ou havia um mau espectáculo); e, em segundo lugar, o grande teatro do século XX sempre foi aquele que dispôs de grandes textos interpretados por grandes actores e criados por grandes encenadores.

Da pedagogia ao teatro

As lições de L.J. vão-se transformando em teatro porque ele foi um grande criador teatral, além de ter sido um grande mestre; mas essa transformação, essa transmutação, passa pelas linhas de tensão que pouco a pouco se estabelecem entre um actor-professor que explica como fazer, fazendo, e uma atriz-aluna que apreende dessas explicações

po, único e inalienável.

No palco, quase nada; o pano de ferro está corrido; há uma mesa, cadeiras, L.J. desce à sala para daí dar as suas indicações que, por vezes, encham o teatro todo, para ver com maior distanciamento os esboços da representação; sobe ao palco para interpretar *Elvira*, mostra como é personagem, como a tornar representável, representação, representada. Como dialectizá-la. Ao mesmo tempo explica Molière, clarifica D. João, relaciona o teatro com a vida, as personagens e as pessoas, as situações e a visão das situações. Filósofa com a simplicidade e a sabedoria de mestre da Grécia antiga.

Simultaneamente, Cláudia/*Elvira* absorve esses ensinamentos, assume passo a passo a personagem, a situação, o jogo; passa dela (vida) para a outra (teatro), num vaivém incessante. Num dado momento para melhor conseguir a assumpção da personagem que L.J. lhe impõe, tira os sapatos: para sentir nos pés as tábuas do palco, deixar que por eles penetre o húmus da matéria, para sentir nas tábuas a vida da personagem. Por vezes, o conflito estala: como é difícil aquela cena, aparentemente fácil, Cláudia quase desiste, o mestre quase desiste. Há lágrimas e suspiros (que não se vêem); mas há também a felicidade indizível de encontrar o ponto exacto em que pessoa e personagem se encon-

tram, e *Elvira* nasce; a felicidade de ouvir L.J., de ver como ele passou por Stanislavski:

Cláudia — «Tenho medo de não ser tocada pela personagem, o que ela sente está tão longe de mim...»

L.J. — «Os sentimentos são todos os mesmos. Nunca digas coisas como essa. Se a ideia do Inferno não te diz nada, qual é o problema? Trata-se de um sentimento que podes perfeitamente assumir. Imagina um outro perigo: uma viagem perigosa, uma experiência mortal...»

Ou a dizer surpreendido: «É a primeira vez que ouço esse trecho...»

Ou, a terminar o espectáculo: «Bem, bem... Está muito melhor do que na última vez. Parece-me que fizeste enormes progressos, em especial por tudo o que retiraste da frase: «Je vous ai aimé.» Quando dizes sem emoção: «Peço-vos em lágrimas», é infinitamente mais emocionante.» O espectáculo acaba a seguir, com as palavras ditas por uma voz «off»: «Cláudia obteve os primeiros prémios de comédia e tragédia no curso a que pertencia. Foi denunciada como judia e proibida de representar. Louis Jouvét partia para um exílio voluntário que durou toda a guerra.» Porque, não podemos esquecer-lo, eram em 1940, em Paris, portanto em plena guer-

Continua na pág. 8



Maria de Medeiros e Philippe Clévenot: Cláudia e Jouvét

«Elvira Jouvét 40»

Continuação da pág. 7

ra, com os nazis a avançar. No final de uma das cenas, Elvira abre a porta do pano de ferro por onde sai. Nesse momento ouve-se um ruído longínquo com vozes misturadas de fala alemã: um signo sonoro, muito discreto, que de repente nos lembra um tempo e um espaço entre outros, signo de uma presença que pesa extraordinariamente no espectáculo, invisível embora. Mas é quase no fim que somos agarrados por qualquer coisa que entra em nós como um punhal afiado. Cláudia vai sair. Vestiu um sobretudo preto, modesto; de súbito, vira as costas para o público e vemos então, pela primeira vez, desajeitadamente cosida com linha branca, uma estrela.

O destino de Cláudia

Posso acrescentar que Cláudia foi presa e enviada para um campo de concentração de onde felizmente escapou viva. Foi depois actriz embora se tenha quebrado aquele impulso que a teria levado ao grande teatro como o seu trabalho com LJ demonstrara. Ainda está viva, viu o espectáculo, Maria de Medeiros falou várias vezes com ela.

LJ partiu com a sua companhia para a América do Sul onde permaneceram até ao fim da guerra. Por isso quando este espectáculo foi ao Brasil e ao Uruguai, contou-nos Maria de Medeiros, pessoas que tinham conhecido Jouvét, que tinham trabalhado com ele, procuraram os actores para lhes contarem o que tinha sido essa experiência. Não será este facto entre o teatro e a vida que explica o facto de o teatro não morrer?

Louis Jouvét — só um grande actor seria capaz de interpretar cabalmente uma pessoa como esta (na sua passagem a personagem). Philippe Clévenot realizou a sua personagem, como não podia deixar de ser, a dois níveis: o nível da composição física, o nível interior. Basta comparar uma fotografia ao actor do espectáculo com uma fotografia de LJ para ver a qualidade, a perfeição e o rigor da composição exterior da personagem, não como uma imitação, um retrato, uma reconstituição da sua imagem, mas como uma recriação da sua verdade humana, da sua maneira de ser, do seu comportamento (os gestos, o olhar, as pausas e os ritmos, os movimentos e as tensões). Essa recriação só pode passar, em termos teatrais, pela assumption interior da personagem: como intérprete Philippe Clévenot conseguiu aquilo que LJ exigia da sua aluna.

A qualidade do trabalho de Clévenot exigia, no entanto, uma presença dialogante correspondente. O espectáculo existe no texto, nas palavras e nas lições de LJ, na maneira como Philippe Clévenot as tornou teatro, mas existe sobretudo nas relações entre a personagem LJ e a personagem Cláudia. Maria de Medeiros era aluna de Brigitte Jacques, foi nessa qualidade que esta a convidou para interpretar Cláudia. O teatro também é isso: talento de descobrir aqueles que melhor o podem servir. Tínhamos visto a jovem artista portuguesa em espectáculos do grupo do Liceu Francês, em excelentes espectáculos com peças de Esquilo (*Les Choéphores* — «DL» — 5-5-82), e de Brecht («Grandeur et décadence de la ville de Mahagonny» — «DL» — 7-5-83); vimos como a sua beleza medieval operara em «Silvestre», de João César Monteiro. Agora, neste espectáculo, foi pura e simplesmente o deslumbramento.

Na contracena, na evolução da personagem, nas relações com os outros, na contensão e na liberdade, na fragilidade e na força — Maria de Medeiros consegue a proeza de nos restituir uma



Maria: Apanhar a personagem

personagem que era ao mesmo tempo mais difícil e mais fácil de realizar. Mais difícil porque partiu quase do zero, porque exigiu um maior trabalho de imaginação, mais fácil porque não podia ser posta em confronto com um modelo mitificado, caso de Jouvét. Numa cena muito importante, Cláudia, só em cena, tenta agarrar a personagem de acordo com as lições que recebera. A expressão da solidão, tão povoada pelos fantasmas de tantos actores, de tantas personagens, dá a medida da criação de Maria de Medeiros. No seu caso, como no de Philippe Clévenot é preciso ter em conta uma terceira linha das suas criações: é que ambos realizam duas personagens (Cláudia/Elvire, esta mais marcada, Jouvét/Elvire) — mas ambos exprimem outros valores: e das pessoas que também são e das suas relações com os outros, com o mundo. Em conversa com Maria de Medeiros esta disse-nos que nos encontros que tivera com a Cláudia real, sempre esta lhe negara ter estado apaixonada por LJ. É possível, vamos lá saber. Nem é de paixão que se trata, nem sequer de amor. Mas talvez de uma outra coisa. Estou a lembrar-me de uma frase que uma personagem de um romance célebre de Berman diz e que um ateu pode citar sem dor: «Tudo é Graça.» Neste espectáculo, como talvez nas relações entre Jouvét e Cláudia, tudo é Graça. Teatro.

Depois do espectáculo conversámos alguns momentos com Maria de Medeiros, que nos contou o que tem sido esta aventura e nos revelou a notícia que já aqui divulguei: o espectáculo vai estar em digressão por França e pelo estrangeiro até Dezembro do próximo ano. Virá a Portugal, talvez em Setembro, a convite do Teatro da Cornucópia. Maria de Medeiros gostaria que o espectáculo fosse apresentado numa sala como a do

Athénée-Louis Jouvét (S. Luís ou Trindade), onde resultaria melhor, como é natural. Daqui reiteramos esse pedido, dirigido a Luís Miguel Cintra. Trocámos também breves impressões com Brigitte Jacques, que nos falou da sua alegria em ter feito este espectáculo.

Mas *Elvire Jouvét 40* não ficou por aqui. A convite da actriz portuguesa, assistimos a uma projecção privada do filme que Benoît Jacquot realizou sobre o espectáculo. Filme cortante, seco, numa linguagem despojada (com alguns cortes da encenação teatral), filme à Dreyer, diz um crítico do «Libération» que considerou a obra de Jacquot melhor que o espectáculo. Pobre... Trata-se de um belo filme, de um espectáculo teatral sublime.

Esperamos rever um e outro. Resta acrescentar o entusiasmo, a adesão total do público, muito público jovem, como disse. Talvez não tenhamos encontrado em Paris um público tão entusiasta como este, aplaudindo um espectáculo que não o é. Foi outra magnífica emoção.

Dramas da vida

05.11.86. A agenda marca, de facto, um espectáculo nesta noite. Foi em Nanterre, no Théâtre des Amandiers, que Patrice Chéreau dirige há anos e que atravessa agora uma crise grave «grças» a importantes cortes de verbas que sofreu (com a direita no poder é assim). Para ir a Nanterre é preciso apanhar o RER, que é a linha que serve os arredores de Paris (é muito fácil, o metro faz a ligação, em Les Halles, por exemplo, só que é preciso outro bilhete). Descida em Nanterre-Université (é bom fixá-lo), há um autocarro do teatro que nos leva sem perigo e sem bilhete; depois do espectá-

culo, a mesma coisa, ao contrário. No teatro come-se e bebe-se bem e não muito caro. Trata-se aliás de um dos grandes complexos culturais da grande Paris, que só por si merece a visita. Portanto, o espectáculo *Le Drame de la Vie*, texto, encenação e cenário de Valère Novarina, coprodução Ministério da Cultura, Festival de Avinhão, Festival de Outono. Quem é o autor, de quem tanto se fala em Paris? Vejamos as palavras do Théâtre/Public, que publica uma entrevista com Novarina, ao que parece, jovem bem instalado na vida.

Concorreu ao Conservatório, onde não foi admitido. Renunciou à ideia de ser actor e começou a escrever peças. As primeiras, textos «normais» na perspectiva da sua representação. Depois, pouco a pouco, distanciam-se para não quererem ser mais do que «teatro na cabeça» (a ideia não é nova-CP). De tal maneira que acabam por ter outra etiqueta: romances (como os editores preferem). «Um outro crítico fala a propósito de Jarry, Arthaud, Joyce, Beckett, Queneau e, sobretudo... Novarina. E acrescenta: «Para ele, com efeito, é de palavras, antes do resto, que nós somos feitos, a língua é o fundamento do real, as palavras são a nossa carne mais importante. E as palavras, Novarina maneja-as magnificamente, num grande «maelstrom» poético de frases, de neologismos simbólicos, numa linguagem musical de «medium» inspirado. O actor, diz ele, é «um falar do interior». Este homem de vertigem, não veio para o teatro «para que me mostrem o homem como uma marioneta, mas como um corpo, um rosto dilacerado, um pensamento que renasce pela boca».

Bem. Temos visto muito teatro em línguas estranhas: chinês, japonês, russo, alemão, norueguês, até em português, e temos percebido alguma coisa, sempre. Este espectáculo parece que era em francês, parece que era interpretado por actores, parece que era... Como não percebermos patavina, não me atrevo a tentar explicar o que era. Como nós, dezenas de espectadores que calmamente se puseram a mexer. Mas a maior parte ficou. E no fim aplaudiram que se fartaram (houve quem pateasse). Tinha percebido; gente feliz.

O que há de mais estranho num espectáculo como este não é o facto de existir. A vanguarda é coisa que sempre existiu mesmo que seja pós-moderna. O que é impressionante é que não se apresente, como antigamente, para grupos misteriosos de iniciados. Foi o que aconteceu com Beckett e com Ionesco, por exemplo, cujas peças são ainda representadas em salas com menos de 100 lugares. Mas esta vanguarda apresenta-se em salas de centenas de lugares. É talvez um progresso significativo, mas não haverá nisto o sinal de um consumismo vanguardista?

Um drama, portanto, não da vida mas do teatro. Ali tratava-se apenas de apresentar as primeiras cenas de um extenso texto que tivemos ocasião de consultar na excelente livreria do Théâtre des Amandiers. Podemos dar-nos por felizes, mesmo sem termos percebido. Mas o teatro, como a arte em geral, como a vida, não é sempre para perceber. Nisso estamos de acordo. Nalguma coisa havia de ser.

Curioso, estou a lembrar-me de Molière, de Jouvét, de *Elvire Jouvét 40*. (Esta crónica gostaria de ser uma homenagem à memória de Louis Jouvét. É dedicada a Brigitte Jacques, Maria de Medeiros e Philippe Clévenot.) (Para a semana continuamos a passear pelos teatros de Paris. Grandes trabalhos nos esperam: Vitez, Deschamps, Strehler, Lavelli.)

Carlos Porto

Mensagens Pessoais

Companhia

Senhora de qualquer idade que queira viver com senhora idosa, mas fisicamente bem, próximo da Ericeira. Ou sra. que também tenha casa e uns tempos estejam numa, outros tempos na outra. Ou sehora que queira remuneração. É favor contactar para Elisa Martins. R: Francisco Bivar, 69-r/c 8500 Portimão.

Andar — vende-se

3 assoalhadas c/arrecadação. Informa pelo tel. 7260268 Lisboa.

Amplificador de baixo

Vendo amplificador de baixo (200 W) + coluna Farfisa (100 W), junto ou separado. Contactar Manuel Mota, Quinta St.º António, R. Alvor 8. Paivas, 2735 Cacém. T. 9260052 ou 2430558.

Imprensa política

Comprojeomais, comunicados, panfletos, autocolantes, cartazes e outros materiais de organizações e grupos políticos, sindicais e outros, antes e depois do 25 de Abril. Contactar o telefone 688760 e deixar mensagem no gravador ou apartado 2114, 4202 Porto Codex.

Idosos e crianças

Assistência em qualquer situação, por doença, acamados ou por passeio dos pais. Serv. enfermagem. Preparação doentes de manhã e às 19.00. **Guarde esta mensagem:** Maria Rodrigues — Apart. 1333 Arroios, 1009 Lisboa Codex. Também serviço de noite.

Rockabilly

Rockabilly, Rock'n'Roll, Hard-Roc, Pop, Heavy-Metal, Punk. Gravações em cassetes fazem-se. Ótima qualidade. Peça catálogo com mais de 400 artistas, enviando 200\$00 para: Cat's Stúdio, Apartado 5234, 1706 Lisboa Codex.

Firma comercial vende-se

Sem activo e sem passivo. Dá para os seguintes ramos: Modas e Confecções (todo o género de vestuário e confecções), Perfumaria, Artesanato, etc. — Telefone: 2682330.

Selos

Quem esteja interessado, sou principiante na filatelia, mas tenho alguma coisa para trocar. Ernesto Santos, Rua da Bela Vista à Graça, n.º 14-2.º esq. 1100 Lisboa.

Vinte senhoras

Admitem-se 20 senhoras para trabalhar alta bijuteria e outros artigos nos concelhos de Lisboa, Almada, Amadora, Cascais, Loures, Oeiras, Setúbal, Seixal, Sintra, Vila Franca de Xira. Boas comissões. Rua Açores, 84-1.º E, 1000 Lisboa ou T. 533579.

Viola acústica

Vendo viola acústica, Hondo II, com capa. Bom estado. Preço acessível. Tel. 9212652 (só aos fins-de-semana).

«Jeep»

Compro, ao proprietário, «jeep» usado em bom estado, de preferência UMM com 5 velocidades. Tel. 313892 de Lisboa, depois das 20 horas.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.